

A MULHER

COMO DEVERIA SEL-O

PELO

R. P. MARCHAL

MISSIONARIO APOSTOLICO

VERSÃO DA 12.ª EDIÇÃO FRANCEZA

POR

M. J. DE MESQUITA PIMENTEL

Alumno do curso theologico no seminario do Porto

*Fallax gratia et vana est pulchritudo, mulier;
timens Dominum, ipsa laudabitur.*

E' a graça enganosa e vã a belleza; entre
as mulheres, a mais louvada será a quo te-
mer o Senhor.

(PROVERB., 30-31).



LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

Ernesto Chardron

96, Largo dos Clerigos, 98

PORTO

Eugenio Chardron

4, Largo de S. Francis co, 4.ª

BRAGA

1872

PROLOGO DO TRADUCTOR

Bom numero de piedosos livros por ahi circulam nas mãos das senhoras, mas esses livros, aliás muito bons e necesarios, são, pela maior parte, livros d'ouvir Missa, de orações, devoções, etc., sendo que muito mais rarêam os que, sobre excitarem a devoção e piedade, bem como arreigarem no coração as crenças religiosas, e moverem á observancia dos suaves preceitos e conselhos da moral evangelica, instruem, deleitam o espirito, enriquecem a imaginação, e proporcionam algumas horas de amena e distractiva leitura.

Não quero com isto dizer que a dama virtuosa, e mais ou menos instruida, que se compraz em consagrar á boa leitura as horas que lhe sobram de seus domesticos cuidados e occupações se veja na impossibilidade de possuir, segundo seu gosto e recursos, uma tal ou qual bibliotheca, mais ou menos variada, e sortida de bons livros, todos accommodados a seu sexo, á maior ou menor cultura e lucidez de seu espirito, e escriptos na lingua patria, quando, como á maxima parte d'ellas succede, não saibam d'alguma das estranhas o sufficiente, ao menos, para entenderem os n'ella compostos ou vertidos. E', porém, certo, — e ninguem, a não fallar por paixão ou inexperiencia, poderá negal-o, — que, ao passo que, mesmo no nosso paiz, gemem constante-

mente os prélos com tantos folhetins e outras nocivas publicações, insertas em muitos dos jornaes quotidianos, com tantos romances e outras produções litterarias do mesmo genero, onde pullulam sem conto os erros e falsificações historicas, os ataques directos ou indirectos, claros ou encubertos ás verdades fundamentais da Religião que professamos: onde, não poucas vezes, se descrevem quadros immoraes e obscenos; se ensinam ou aponctam exquisitos meios de effeituvar um roubo, um rapto, um crime atroz; se advoga o suicidio; se zomba e desdenha das coisas mais sanctas; se dizem coisas que deveram ignorar todos ou a maior parte dos leitores e leitoras; se deprime e escarnece a virtude e se glorifica o vicio: onde em historia, religião, politica e em tudo!... se mente á humanidade! — e se muitas vezes por ignorancia e sem animo, pronunciadamente doloso, outras muitas, por interesse ou malvadez! — onde, em fim, se procura, por mil meios, corromper o coração, exaltar a imaginação, desnortear a razão, envenenar a alma, e excitar todas as más paixões; sendo que a leitura d'esses livros e publicações está, hoje, tanto em voga, como distracção vulgar, entre as pessoas do sexo fragil: não abundam ainda, entre nós, os livros cuja leitura impeça ou substitua aquella, ou, ao menos, subministre o antidoto ao veneno, por ella propinado.

Contribuir, quanto possa, para atalhar este mal, encher ou tornar menos sensivel esta deploravel lacuna, eis, minhas leitoras, o motivo que em mim predominou para acceitar o encargo de verter em linguagem o livro que vos offereço.

Lêde-o e relêde-o com attenção e amiude: seahi não encontraes os attractivos d'um enredo, as seductoras emoções d'um romance, recebereis salutaes conselhos, dados por sabio e experiente mestre. Dando-vol-os,

falla-vos o auctor com muita singeleza e simplicidade, pois, além de escrever só para vós, que, d'ordinario, não gastaes annos e annos na cultura das lettras, entendeu, por certo, — e entendeu bem —, que, n'estas materias, é, muitas vezes, preferivel a linguagem simples e familiar ás galas da elocução e lonçainhas do estylo. Segui-o, n'esta parte, procurando sómente trasladar seu escripto para portuguez correcto. Se, porém, alguma de vós me notar lapsos e incorrecções, lembre-se de que minha penna, que, na defeza da causa que advogo, só descansará quando o gelo da morte paralyzar a mão que a empunha, ir-se-á, pouco e pouco, aparrando com o tempo e com o estudo; e de que na phalange dos campeões da religião, dos intrepidados propugnadores das crenças puras e dos solidos principios, sou apenas ainda muito humilde recruta.

Sejam, pois, estas leituras vossas favoritas leituras. Aceitae um conselho que me move a dar-vos, não a auctoridade que possa merecer-vos, mas a pouca experiencia que já tenho, e, mais ainda, a profunda convicção de que vos digo a verdade.

— Não leaes romances, a não ser alguns moraes e religiosos, cuja leitura muito e muito vos persuado, mas que são poucos e na sua escolha deveis proceder com summa discrição e prudencia, dirigindo-vos por quem, n'esse particular, possa orientar-vos (1).

Detestae, em geral, todas as leituras, banaes e futeis, que seduzem para corromper: que vos fallam só das coisas do mundo, das vaidades terrenas, da vida

(1) N'este genero temos, em portuguez, por exemplo, os originaes do conselheiro Bastos, e algumas versões dos de varios auctores estrangeiros, como a *Fabiola ou Egreja das Catacumbas*, e a *Lampada do Sanctuario*, pelo cardeal Wiseman; o *Olderico ou Zuavo Pontificio*, e o *Judeu de Verona*, obra interessantissima, pelo padre Bresciani; e não muitos mais, pelo menos volumosos.

presente, e nunca das coisas do ceu, das verdades eternas, da vida futura, termo de nossa peregrinação no árido deserto da vida, fagueira e infallível realisação das esperanças do justo! Amae as leituras que vos instruem no bem, que em vosso coração instillam os mais puros sentimentos, e n'elle infiltram as mais puras doutrinas, que vos incitam ao cumprimento de todos os vossos deveres, em ordem a corresponder a vosso fim, que é o fim da creatura humana sobre a terra — glorificar a Deus n'esta vida, cumprindo seus preceitos, para ir glorifical-o eternamente na outra. *O que sanctifica o homem*, diz, a tal respeito, um sabio e não de todo suspeito escriptor, *deve evidentemente occupar o primeiro logar na litteratura de todos os povos. Os melhores livros são os livros sanctos, e os livros sanctos os melhores. O assumpto eleva o genio: o homem torna-se divino fallando da Divindade* (1). Outro, menos ainda suspeito, disse: *Não vos entregueis a essa leitura enervante que se compraz em pintar as misérias da natureza humana, que lisongeia todas as nossas fraquezas, e falla aos sentidos e á imaginação, em logar de fallar á alma e de elevar o pensamento* (2).

Celebres escriptores e escriptoras confessaram alfim os perigos a que se expozeram, ou de que foram victimas, por causa das más leituras. Até os auctores dos livros mais impios e perversos prestaram, por vezes, homenagem á verdade. Rousseau disse: *Não olho, sem estremecer, para nenhum dos meus livros: em logar de instruir, corrompõ; em logar de alimentar, enveneno; mas a paixão desvaira-me e com meus bellos discursos não passo d'um scelerado* (3). N'outra occasião, deu este con-

(1) Lamartine, citado pelo padre Huguet na sua bella obra: *Des délasséments pe mis aux personnes pieuses.*

(2) M. Cousin, citado pelo mesmo auctor.

(3) Citado pelo mesmo auctor.

selho para discernir os bons dos maus livros: *Sonda a influencia que sua leitura exerceu em vosso espirito. Que bondade póde ter um livro que não move seus leitores á practica do bem?* Proudhon, Voltaire e muitos outros fizeram em momentos de lucidez e sinceridade não menos preciosas confissões (1).

Lêde a Sagrada Escripura; lêde depois a Imitação de Christo, esse livro d'ouro que, abaixo d'aquelle, deve, em vossa estima, occupar o primeiro lugar; esse livro sublime vertido em todas as linguas mais falladas que um rei turco quiz possuir na sua livraria, como preciosidade; esse livro que Balzac muito elogiava, apesar de impio, e a cuja leitura se dava a celebre Staël, apesar de protestante (2): lêde depois este livro e os bons livros.

Eis o que se me offerece dizer-vos, aproveitando este ensejo para desviar-vos das más leituras, persuadindo-vos as boas. Fallo-vos a verdade, e fallo-vol-a com respeitabilissimas auctoridades. Os que outra coisa vos disserem, ou se enganam e vos enganam, e, n'esse caso, passam a moeda como lh'a deram, ou são *moedeiros falsos da verdade, lobos com a pelle de cordeiros*, e, então, mentem, para enganar-vos!...

Abril de 1872.

(1) Póde a tal respeito consultar-se a obra citada, onde largamente se tracta a materia.

(2) A melhor traducção portugueza é a do padre Roquette.

A MULHER

COMO DEVERIA SEL-O

CAPITULO I.

Quanto a mulher deve amar a Jesus.

A mulher é mais piedosa que o homem. — I. Sua triste sorte, se Jesus não-reina em seu coração. — II. Sua reabilitação por Jesus. — III. Seu parentesco com Jesus pela fraqueza. — IV. Pelas dôres. — V. Pela necessidade d'amar.

Se lançamos os olhos pela vasta scena do mundo, por certo, nos impressiona um phenomeno que, se, por um lado, nos contrista, por outro, nos consola, e é para nós um titulo de gloria incontestavel, devido á mulher catholica.

D'um ao outro extremo da christandade, a mulher patenteia-se-nos mais piedosa que o homem : recebe a Boa-nova com mais empenho, alegria e ardor : frequenta os tempos com maior assiduidade; e, sem temermos ser desmentidos, podemos com afouteza affirmar, que, em muitos paizes, que se dizem catholicos, se não fôra a

mulher, os ministros do altar vêr-se-iam reduzidos a rogar por seu povo n'os templos desertos.

E' facil descobrir a razão d'este phenomeno. A piedade tem por principio o amor de Deus; o amor estimula-o o reconhecimento; e o reconhecimento deve crescer no coração em proporção dos beneficios recebidos. Ora, havendo a mulher recebido do Salvador mais beneficios que o homem, justo é que ella lhe tribute maior amor. Por isso o mundo, que desculpa tantas fraquezas, e até tantos crimes, não póde perdoar n'uma mulher o desprezo da religião. Conhece elle por instincto que a mulher para ser irreligiosa, ou simplesmente indifferente, tem de violentar seu coração, e mostrar-se esquecida de muitas coisas que não póde deixar esquecer. Ainda bem que 'a influencia salutar, exercida pela opinião no seio de nossa civilisação, faz com que muitas mulheres, bem fracas e levianas para adorar o Senhor *em espirito e verdade*, vão adoral-o, ao menos, por lhe ficar bem.

I.

O Salvador tem direito de exigir da mulher maior amor, em primeiro logar, porque a livrou d'uma miseria mais profunda na vida terrestre.

Sem duvida, todos nós eramos desgraçados, todos tinhamos necessidade d'unir nossos suspiros aos do Propheta, quando elle chamava pelo Redemptor; pois para todos nós estava o ceu fechado e era a terra ingrata, desde esse dia em que os dous primeiros prevaricadores tiveram que deixar o jardim de delicias, saindo de

lá a passos vacillantes e com o coração lascado de dôr. Não obstante, apesar do anathema que sobre elle pesava, ao homem deparou-se-lhe na força e na independencia um tal ou qual recurso para melhor poder cumprir na terra sua peregrinação: mas a mulher?! quem poderá enumerar as angustias e ignominias que ficaram sendo apanagio seu?

Como triste consequencia da primitiva queda, e da ignorancia, um dos seus effeitos, o homem foi pouco e pouco desconhecendo e menospresando os direitos, a origem e dignidade de sua companheira. As más paixões invadiram o coração humano, e o egoísmo foi sentar-se n'aquelle throno do amor. Para cumulo de seus males, terrivel maldição pesava sobre a mulher nos tenebrosos dias do mundo antigo. A humanidade, conservando tradições que não pereceram no volver dos tempos, sabia, bem que d'um modo vago, que devia sua desventura ao peccado d'uma mulher, de sorte que em face do homem ignorante, forte, e dominado da paixão, ficava ella só, com o triste cortejo de sua fraqueza e do anathema, que sobre si pesava. Bem facil era prever qual o resultado da tão desvantajosa situação das filhas de Eva. O homem não refrearia suas más tendencias e violentos desejos, e abusaria da fraqueza, destituida de protecção: compulsemos a historia de todas as edades, e veremos que succedeu assim!

Observemos que espectaculo se patentêa a nossos olhos! No mundo oriental campêa a polygamia. Um rebanho d'infelizes, privadas do ar e dos raios do sol, arrastam sua existencia em apathica tristeza, são violentamente lançadas fóra do serralho, sob o mais frivolo pretexto; atormentam-nas detestaveis ciumes, mendigam, como uma esmola, um olhar compassivo de seu marido suberbo, e vivem sem amor para fenecerem sem esperanza!

No mundo occidental, eis, por toda a parte, a mulher aviltada, vendida e repudiada! Que importa que a Providencia haja abençoado sua união? Que importa ser sua reputação illibada, seu nascimento illustre? Basta que o esposo se enfastie d'ella para ouvir o escravo insolente pronunciar sua sentença, e dizer-lhe: *Vae-te d'aqui, pois, meu senhor já de ti não pretende nada!* E uma legislação barbara sancionava esta tyrannia! e a opinião publica olhava com indifferença para estes attentados! e os sabios d'aquelles tempos approvavam tranquillos estes escandalos!

Ainda hoje succede assim entre todos os povos que o Evangelho de Jesus não ha regenerado. O selvagem da America entrega á sua companheira a cultura dos campos, e os trabalhos pesados. Na China, a familia toma lucto, quando nasce uma menina: o pae expõe-na, vende-a, ou mata-a!

Em certos paizes do Oriente, regeita-se a moeda d'Hespanha por trazer impressa a effigie d'uma rainha. No Hindostão uma usança cruel obriga milhares de desventuradas a deixar-se consumir vivas n'uma fogueira d'envolta com os mortaes despojos do marido defuncto. Na Africa a mulher vende-se por uma bagatella: e quando o viajante lhe pede que o dirija no caminho que leva, responde-lhe d'um modo que assás patentêa sua escravidão, proclamando, ao mesmo tempo sua ignorancia: *Eu não posso ensinar-vol-o, pois sou apenas uma mulher!*

Não acabaria, se sómente me propozera esboçar vossa historia, descrevendo succintamente vossos sofrimentos lá n'essas regiões, onde o facho da fé não fulgiu ainda. Mas para que deter-me n'um quadro tão pungente, se devera, talvez, pedir-vos perdão por haver profundamente magoado vossa delicada sensibilidade, erguendo uma poncta do veu que esconde tan-

tos horrores! Oh! saudemos todos antes nosso dulcíssimo Salvador; repitamos com viva gratidão o canticó das filhas de Sião: *Hosanna Filio David! benedictus qui venit in nomine Domini*: Bemdicto o Filho de David! bemdicto o que, em nome do Senhor, desceu dos ceus a libertar-nos!

II.

Se me perguntaes, mulheres christãs, como o Salvador vos libertou, responder-vos-ei que cada palavra de seus labios, cada acto de sua vida, quebraram um élo da cadeia que vos accorrentava. Emancipava-vos, recordando ao homem seus deveres e vossos direitos: resgatava-vos restituindo ao matrimonio a sanctidade primitiva, e proclamando sua unidade, sua origem e seu fim. Não contente com recordar ao homem seus deveres, esclarecendo-lhe a intelligencia com sua doutrina, purificou-lhe o coração pela virtude, e oppôz a suas más e impetuosas tendencias uma lei, tão terrivel, quão dôce, que dizia ao egoismo incapaz, aos olhos humanos, de repressão, o que elle havia dicto ao Oceano: *Chegarás até aqui, mas aqui mesmo se quebrará o furor de tuas vagas.*

Como que receando haver feito pouco por vosso resgate, quiz lavar n'uma gloria sem par o antigo labeu que vos maculava. A morte havia entrado no mundo pela prevaricação d'uma mulher: ora, a uma mulher conferiu Deus a honra de restituir ao genero humano a vida do tempo e da eternidade. Attentae nas delicadezas do Al-

tissimo na regeneração da humanidade. Estava para soar essa hora, tão suspirada, que Deus sinalara para salvar o mundo. Uma mulher é escolhida para instrumento d'esta obra divina. Um príncipe da côrte do empyreo é enviado á humilde filha de Judá. Que saudação celeste endereça elle a esta creatura privilegiada? *Ave, Maria, gratia plena.* Que vae elle annunciar-lhe da parte do Todo-Poderoso? *Conceberás e darás á luz um filho, a quem porás o nome de Jesus: elle será grande e chamar-se-á filho do Altissimo: e o Senhor Deus lhe dará o throno de David, seu pae; reinará na casa de Jacob, e seu reino não terá fim.*

Maria entra em negociações com o Altissimo, e estipula a conservação de sua virgindade. E o Altissimo, sem se offender, retém suspensa dos labios d'esta mulher a obra da redempção do mundo que, ha quarenta annos, conserva em espectativa o ceu e a terra! *Eis aqui a escrava do Senhor; cumpra-se em mim a sua vontade!*

Apenas dado o consentimento, o Verbo de Deus incarna no ventre d'esta mulher, que o nutre com seus peitos, o embala em seus joelhos, e, durante trinta annos, o governa como filho! E que mulher é esta? E' uma mulher virgem, esposa, viuva e mãe! Uma mulher que, entre todas as creaturas, foi a unica concebida sem peccado, que viveu sem mancha, e morreu sem dôres! Uma mulher que Deus ornou no ceo com a coroa d'uma gloria incomparavel, fazendo-a depositaria d'um poder sem limites. Uma mulher que misturou suas lagrimas e suas dôres com a dôr que nos redimiou no cimo do Calvario. E mostrando ao mundo n'esta mulher todas as mulheres, disse Jesus: *Respeitae a que o Rei dos ceus sempre respeitou e honrou!*

D'então para cá, ao clarão do facho evangelico, por toda a parte a mulher vae recuperando seus direitos, e subindo, um a um, os degraus do throno, em que, na

creação, a collocara á dextra do Creador. O homem, tornando-se christão, deixa de consideral-a escrava sua: respeita-a como companheira de seus dias, e ama-a como a consolação de sua vida. Vemo-la admittida ás scenas evangelicas, venerada pelos apostolos, protegida pela Igreja, que, d'um modo especialissimo, lhe confiou os tres sublimes ministerios—da submissão, da educação e da caridade.

Nos seculos posteriores, n'esses tempos em que o solo de nossa patria se cubria de basilicas, entusiasticamente erguidas por nossos paes em honra da que elles chamavam *Nossa Senhora*, a veneração pela mulher attinge a exaggeração. A mulher é o ideal, cuja influencia domina a poesia, as batalhas, as lições, os torneios, e a cavallaria. N'esses dias, vê-se um rei de França, Luiz VII, datar suas leis e decretos da coroação de sua *querida Adelia*. Um rei de Hespanha, Jaime d'Aragão, determina em seu codigo que é prohibido prender um homem acompanhado na viagem por sua esposa. E que direi eu de S. Luiz? No annel nupcial mandou elle insculpir a imagem sacrosanta do Crucificado, cingida de uma corôa de lirio, symbolo de sua realza, bem como de margaridas, em allusão ao nome da rainha. Por cima, liam-se depois estas tres palavras, que em si resumem todos os amores de sua vida: *Deus, a França, e Margarida*.

Nos nossos tempos, que attensões, que respeito se tributa á mulher, ainda mesmo da parte dos que não regulam sua vida pelos doces preceitos do Evangelho, mas em cujo coração, como que sem elles o advertirem, actuam, um pouco ao menos, as leis de Jesus? Que direi da protecção que garantem á mulher todas as modernas legislações, nascidas á sombra do Christo, e creadas por sua virtude? E, se quizera descobrir-vos os mysterios de certas familias christãs, cuja lembrança

inebria minha alma, que lindas historias não teria que contar-vos? Que magistratura pôde comparar-se á que uma mãe forte e christã exerce no meio de seus numerosos filhos?

Mal amparada por uma juventude de bem curta duração, a esposa torna-se, graças aos preceitos do Christo, o enlevo e o primeiro bem do seu esposo. Solemnes juramentos consagraram seus direitos, e protegem seu futuro. Rematando sua belleza a corôa da virtude, pôde affrontar, impavida, a velhice, que é o terror de tantas mulheres, e conquista uma veneração e respeito que até ao tumulto a circumdam. Os filhos crescem em derredor de si, como pimpolhos inseparaveis, cuja alegria é ella, e cuja união conserva; e, á medida que a vida lhe declina, a d'elles embellezando e fortificando a da mãe, entretece-lhe uma corôa, e constitue-lhe um amparo.

A magestade maternal succede lentamente á realza dos primeiros annos; e esta passagem insensivel d'um ao outro poder, sempre conservado pela imagem invissivel do Salvador, dá-lhe uma immortalidade que uma injuria poderá lesar, mas não destruir.

A mãe reproduz a esposa e o esposo; e apresentando um dia os fructos de suas entranhas em face dos altares a cuja sombra os concebeu, apparece com os vestidos de noiva nas festas nupciaes de seus filhos. D'ahi a pouco, quer viuva, quer companheira ainda, vê em sua casa semi-secular uma segunda posteridade para servir-lhe de vanguarda da morte.

E', bem sei, assás grande o número das mulheres, que soffrem e choram, porque o throno de Christo não está bem firmado no coração dos que as ultrajam; mas estas mesmo não vivem tão privadas de liberdade, prestigio e alegria, que não lhes sobejem motivos para repetir com vivissima gratidão aquellas palavras do can-

tico da Rainha dos anjos : *Magnificat anima mea Dominum... quia fecit mihi magna qui potens est* : Minha alma glorifica o Senhor, porque elle me cumulou de beneficios. (1)

III.

O Salvador é credor á mulher de muito amor, pois elle collocou-a nas mais vantajosas condições da salvação eterna. E'-nos mais custoso perdermo'-nos, do que salvarmo'-nos, e póde até affirmar-se que os reprobos o não são, sem muito fazerem por isso; não podem negal-o, se forem sinceros. O homem, todavia, encontra no caminho da salvação muitos obstaculos que a mulher desconhece: e a salvação, a todos possivel, torna-se para ella uma empresa, pouco difficil, por pouco que se preste, com o divino auxilio, a corresponder aos generosos instinctos de sua natureza.

Distinguo na religião christã tres faces principaes que, em resumo, a pintam : a face ignominiosa, a face dolorosa, e, se me é licito chamar-lhe assim, a face amorosa. Ora, sob estes tres ponctos de vista, a religião, a piedade devem encontrar naturalmente mais facil accesso no espirito da mulher, que do homem.

Qual é o grande obstaculo que afasta tantos homens

(1) Um sabio resumiu vossa historia n'esta phrase natural : *A mulher, entre os selvagens, é uma azemola; no oriente, um movel; na Europa christã, uma criança, a quem se prodigalisam mímos e caricias, até desnecessarias, e, as vezes, prejudiciaes.*

do catholicismo, e os torna, sobretudo, insensíveis á piedade? E' o sacrificio que a religião exige de seu orgulho. O homem representa a humanidade pela razão e pelo prestigio que lhe dá a força. Ora, d'esta intelligencia viril que tudo quer perscrutar, d'esta força altiva que em si mesma deposita uma confiança inconcebivel, exige a religião uma triplice immolação, impondo-lhe a fé, a oração e a confissão.

D'esta razão que se insurge contra toda a obscuridade, exige a religião plena e inteira adhesão a dogmas mysteriosos, que a assombram por suas profundezas insondaveis. A este homem robusto, só habituado a confiar em si, obriga-o a religião a dobrar o joelho ante o Creador, para adoral-o como seu soberano Senhor, e a patentear sua fraqueza, implorando o auxilio d'um Ente, mais forte que elle. Que digo eu? Ella lhe ordena que, em supplicante attitude, erga as suas mãos para o ceu, essas mãos com que empunha o sceptro e maneja a espada: que curve a cabeça, ainda quando essa cabeça a cinja em diadema, e vá prostrar-se ante um homem como elle, mais novo talvez, e lhe diga humilhado: *Abençoa-me, Padre, porque eu pequei!*

Ah! bem sei que seu orgulho se indigna, seu coração se rebella em face d'um tal sacrificio. Por isso, raramente, o mundo nos offerece um espectaculo mais bello, que o d'uma multidão d'homens, ajoelhados á sagrada meza, ou que o d'um exercito de soldados, cuja tez do rosto o sol bronzeou, devotamente silenciosos e livremente prostrados ante o pão mysterioso de que Christo disse: *Este é o meu corpo*. Um tal prodigio regosija a alma, proclamando o mais magnifico triumpho da graça sobre o orgulho humano.

Quanto a vós, mulheres christãs, muito menor repugnancia vos offerece esta face do Evangelho. Crêdes facilmente todas as verdades da fé, por mais mysterio-

sas que sejam, por que ellas alegam vosso coração, e vosso coração não o acobardam os ataques da razão. Mais submissas que o homem, costumadas a nada d'elle obter, senão por meio de supplica, não vos custa expandir vossa alma deante de Deus n'uma fervorosa prece. Tanto folgamos em contar nossos soffrimentos, quando nos escutam compassivos ouvidos! Emfim, o tribunal da Penitencia, em vez de ser para vós um logar de terror ou aborrecimento, é, pelo contrario, muitas vezes, a piscina seductora, aonde ides, purificando-vos, beber força e consolação. Foi, pois, a vós, com especialidade que Jesus dirigiu aquellas meigas palavras: *E' doce o meu jugo, suave a carga que vos imponho.*

IV.

Para todos, assim para o homem, como para a mulher, é mesclado de dissabores o viver na terra; a vida tem seus momentos dolorosos. Podemos, todavia affirmar, sem receio de errarmos, que a mulher está naturalmente mais exposta aos soffrimentos que o homem, e que a somma de suas dôres escapa a toda a comparação. A mulher soffre muito, porque é mais fraca, mais sensivel, e a ella foi dicto: *Parirás teus filhos, no meio de dôres.* Soffre muito, por que não tem tantos meios, como o homem, de supportar suas dôres; sendo que sua vida é mais intima, menos activa, e menos distrahida pelos grandes pensamentos e pelas grandes occupações de todo o genero. Soffre, sobre tudo, porque seu coração é mais delicado, e semelhante a essas harpas etolias,

cujas cordas vibravam ao mais leve sopro, este coração impressiona-se vivamente ao mais ligeiro choque de afflicção moral. Qual é a mulher que passa um anno, sem derramar lagrimas, quer a Providencia a fizesse nascer n'uma choupana, quer a rodeasse dos fulgores fallazes da opulencia? Quantas ha que, fechadas no seu oratorio, enojadas dos prazeres que, longe de as distrair, as fatigam, lançam um olhar melancolico por sobre essas futilidades que brilham aos olhos das que por ellas tanto suspiram, e, na amargura de sua alma, lascada de pesar, exclamam : *O mundo julga-me feliz e eu choro!*

Por uma incomparavel condescendencia, não se deixou o Senhor como que prender, e se tornou silencioso nos seus templos, para attender-vos e escutar-vos, quando lhe expondes afflicções que a ninguem mais descobris? Não é elle quem enche o vacuo de vosso coração, nos dias d'aridez e desalento? Não foi elle quem dirigiu ás almas desconsoladas aquellas palavras tão adequadas a infundir-lhes a coragem nas luctas da vida, a esperanza na corôa do ceu: *Bemaventurados são os que choram porque elles serão consolados?* Que modelo offerece elle a vossos olhos, mareados de pranto? Uma mulher, como vós, uma mãe chorando no Calvario a agonia de seu Filho unico, *Mater dolorosa!* Uma viuva passando vinte e cinco annos de sua vida sobre esta terra, que não era já para ella mais que um arido deserto, depois que do cume d'aquella collina viu seu Filho querido roubado a seus olhos pela nuvem que o transportava aos ceus. Aponcta-vos para seu presepio, a fim de consolar-vos, se sois pobres; para a sua face livida e amortecida, a fim de alliviar-vos, se estaes infirmas; para a sua tunica, corôa d'espinhos, cruz, agonia e morte, a fim de inspirar-vos animo e valor, se sois fracas: e voltando-se para vós para mostrar-vos sua dôr, aponctando-vos

para o ceu, cujo caminho mais seguro é o Calvario, consola-vos, como consolava as sanctas mulheres de Jerusalem, que o seguiam, chorando! Perguntar porque o amaes é perguntar porque a roza, desecada pelos ardores do dia, anheia pelas perolas do rocio que lhe refresca a corolla, humectando-lhe o calice.

V.

Sob um poncto de vista mais bello ainda, a mulher e a piedade são sympathicas. Adivinhastes meu pensamento, e, sem querer profanal-a, pronunciastes a palavra — amor —. Como disse, o homem representa a humanidade d'uma maneira especial, pela força e pela razão: estava reservado á mulher represental-a sob uma fôrma mais amavel e mais gloriosa, isto é, pelo coração. O coração!... é elle muitas vezes causa de nossos soffrimentos, mas tambem, quando nos falta, é raro, que não sofframos. A fria razão, por si só, nunca fez coisa notavel por Deus ou pelo homem. Uma mulher que só faz alardo do seu *espírito* não serve para nada, ao passo que uma outra que tem coração serve para tudo, pelo simples motivo de que um espirito pretencioso e, o mais das vezes, superficial e presumptuoso, póde não ter coração, em quanto que um coração bem formado tem, d'ordinario, muito espirito. Eis o que deu azo a que dissesse um grande orador, fazendo sorrir seus ouvintes: *Se deveramos erguer altares na terra a alguma entidade humana, preferiria eu adorar o pó do coração a curvar-me ante o pó do genio.*

Ora, póde, em geral, dizer-se da mulher que ella é toda coração. Quando o Todo-Poderoso n'um dos rasgos de sua munificencia quiz dar a'nosso primeiro pae uma companheira, tocou-o, não na frente, onde se elabora o pensamento, mas n'esse lado vivo, onde demora o amor. Nascida do coração de Deus e do homem, a mulher devia ser o coração da humanidade. Destinada a ser esposa e mãe, serva dos pobres e dos infelizes; votada á missão sublime de educar a infancia atravez de incalculaveis difficuldades, e d'exercer na familia e na sociedade o dôce ministerio d'uma amavel conciliação, de derramar balsamos tão suaves, como salutarees, por sobre todas as feridas da alma e do corpo, a mulher recebeu de Deus, diz Santo Agostinho, um thesouro de ternura que sempre se derrama e diffunde, sem nunca se exaurir.

A mulher que ama tem menos em vista sua propria satisfação, que a do objecto amado. A's vezes, chega a succumbir para dar a ultima prova de sua ternura, e este sacrificio dá a seu amor todo o valor que ella ligava á sua virtude. O amor, no homem, é, o mais das vezes, egoista e sensual; ao passo que, na mulher, é dedicado, terno e delicado. O gozo da posse do objecto amado, que n'aquelle não é, muitas vezes, duradouro, n'esta é constante e inalteravel; o que deu causa a que um auctor dissesse que, se o amor é para o homem um episodio da vida, para a mulher é a vida inteira.

Ora, quem é Deus? S. João nos responde: «Deus é amor.» *Deus caritas est.* Que é a religião? em que se resumem seus dogmas? N'um Deus, creando o mundo, e resgatando-o por seu amor. E sua moral? *Amarás a teu Deus com todas as tuas forças, e ao teu proximo, como a ti mesmo por amor de Deus.* E seu culto? Qual é o centro, o foco, a vida d'este culto, senão a Eucharistia, isto é, a mais suave e a mais prodigiosa mani-

festação do amor? Que é a piedade, a sanctidade? E' a arte d'amar como e quanto se deve amar, ou, para me servir da expressão de Santo Agostinho, *o amor bem ordenado*. Que recordações para as'meditarmos, nos desperta o Evangelho? As recordações da vida de Jesus, toda doçura, amor, compaixão e liberalidade! a scena da Samaritana, da Magdalena e do Lazaro: as parabolas do *bom pastor* e do *filho prodigo*; a contemplação encantadora d'um Deus menino, sorrindo aos pastores e aos magos, aos pobres e aos ricos do regaço d'uma Virgem immaculada, que lhe é gracioso throno. Qual é o objecto das esperanças com que este Deus dulcifica nossas agruras na terra? O amor até ó extase, o amor a coberto de todo o perigo, de todo o tédio e dissabor, o amor eterno e sem limites!

Infelizes mulheres, é de curta duração o periodo de vossa idade juvenil. Bem como a rosa cae, e se desfolha aos raios do sol que, de vespóra, a viu desabrochar, assim cae tambem e se fina essa belleza que, tantas vezes, vos perde. Desthronisadas pouco depois d'haver sido soberanas, embalde procuraes logo no mundo, que vos rodeia, um alimento capaz d'apagar a sêde que vos consome. *O mundo muito pouco ama, passado o mez de maio*. Só a primavera póde ganhar-lhe uma affeição fragil. Para as outras estações apenas tem homenagens hýpocritas, sorrisos amargos, despresos atrozes. Então vosso coração, desenganado do amor do homem que só ama um dia, sente a necessidade de voltar-se com amor para aquelle Coração, que é o unico digno do vosso amor, o unico que podeis amar sem nunca chegar a amal-o tanto, como elle é susceptivel de poder amar-se. Então esquivaes-vos, desgostosas, ao ruido d'essas festas, onde outr'ora procuraveis um triumpho, e onde já encontraes sómente enfado e melancholia. Julgaes-vos felizes em frequentar com assiduidade esse

templo, aonde, não muito antes, vos levava o espirito de distracção e o alardo d'um luxo deslumbrante. Proscriptas do mundo, a Belleza Suprema vos vê chegar; para vós se inclina com ternura, consola-vos com a esperança que em sua misericórdia e bondade acalentaes, restitue-vos a paz da consciencia com seu perdão, purifica-vos com sua graça; e, sem de novo fazer brilhar em vosso rosto essa formosura que outra vez poderia illudir-vos, dá-vos, com a *juventude* d'uma fé viva, as alegrias puras d'uma caridade ardente.

A humildade facil á fraqueza, a dôr correndo a encontrar a esperança, o amor buscando o amor, eis a triplíce sympathia que attrae a mulher ao Evangelho e a Jesus.

Por isso bem comprehendo eu o zêlo e dedicação das sanctas mulheres que seguiam o Salvador nos dias de sua peregrinação. Não me admiro d'esse grande numero de sanctas que o escolheram como unico esposo e o amaram até á *loucura*, até o extase. Bem comprehendo o motivo d'essas lagrimas que tantas vezes vi humedecer a toalha da Communhão, quando logrei a ventura de ministrar a Eucharistia a bom numero de piedosas mulheres, que tinham fome do Pão dos Anjos. O que nunca comprehenderei é a ingratiidão de tantas outras sem pudor que fazem de seus frageis encantos um idolo que adoram, e dão a adorar. O que nunca comprehenderei é a audacia d'essas sultanas orgulhosas e sensuaes que, ostentando em si a realidade do que se imaginou das deusas de Corintho ou de Babylonia, esquecem que tambem ellas tem deveres, e apenas curam de respirar o criminoso incenso que uma loucura abjecta prodigaliza a este ignobil pó da terra! O que eu, n'uma palavra, não comprehendo é a cegueira de tantas infelizes, que abusando contra Jesus da liberdade que elle veio dar-lhes, extinguem a chamma sublime de tantos

genios, deitam a perder tantas fortunas, fazem chorar tantas esposas, e vão, por fim, morrer no hospital, depois d'haver arrastado, vinte annos, no impuro lodaçal do crime o diadema fulgente que na fronte lhes cingira o Christo!

Piedosas mulheres, que lêdes estas paginas, apreciaes, como vos cumpre, os dons de Deus; amae sempre Aquelle que tanto vos amou antes que o amasseis. Quando outr'ora estava elle prestes a exhalar o ultimo suspiro, pendente do madeiro sacrosancto banhado com seu sangue, e onde seu amor agrilhoara seu poder, lançou a vista por sobre a multidão que circumdava seu supplicio, a vêr se algumas almas generosas, alguns olhares compassivos, contrabalançavam em seu espirito o dissabor de tantas apostasiás: e seus olhos adoraveis contaram um homem e tres mulheres! Já vêdes que, n'esse dia solemne, fostes brilhantemente representadas. Conservae com todo o escrupulo o patrimonio d'esta antiga gloria. Hoje, bem como no momento de sua agonia, Jesus é insultado, despresado e abandonado. Procurae com vosso fervente coração, compensal-o um pouco de tantas injurias, de tanta indifferença. Quantas mais forem as que rodearem sua cruz d'amor, tantas mais se verão, na celeste gloria, em derredor de seu throno, e para essas é o Calvario o penhor do Paraizo.

CAPITULO II

A mulher generosa e a mulher avara.

O amor constante, ainda que não sejam grandes, mas sim continuos, os serviços, as demonstrações d' affecto. — I. A piedade generosa. — II. A piedade em equilibrio. — III. A tibieza. — IV. O fria me afugenta.

Mencionei as razões especiaes que devem excitar a mulher ao vivo reconhecimento para com o Salvador, e a franquear facilmente seu coração á piedade ou devoção. E que é devoção! A devoção, diz S. Thomaz, consiste n'uma disposição constante da vontade em prestar-se promptamente ao serviço de Deus: e creio traduzir fielmente o pensamento do sancto Doutor, definindo-a: «O Amor de Deus constante ainda que não sejam grandes serviços, as demonstrações d'esse affecto.»

Assim comprehendida e assim practicada, a devoção é a mais gloriosa aureola, que, na terra, póde abrilhantar a alma. Estende-se ella a todos os deveres da vida activa e da vida contemplativa; envolve em si a mortificação de todas as más tendencias; e tem por resultado a maior gloria de Deus e o maior bem do proximo.

Se assim é, como se comprehende que em nossos dias, haja esta palavra cahido em tal descredito, que quem pronunciar o termo *devoção* expõe-se a provocar um sorriso? Sem duvida, a unica razão d'este facto é — rir-se o mundo de tudo, mesmo das coisas mais sérias, para

ir concentrar toda a attenção em bagatellas, que deviam ser o unico motivo de seu riso. E' que o mundo, não amando nem Deus, nem os homens, nem sentindo em si coragem de fazer por este amor alguns sacrificios, custosos á carne, mais se compraz em condemnar aquelles cuja virtude o condemna, do que em mortificar-se, por pouco que seja, para os imitar. Mas cumpre confessar, todavia, que, se a maior parte das pessoas que se dão á piedade consolam a Igreja, e são as perolas de sua mais preciosa corôa, muitas ha tambem que contribuem para amargural-a, e dar força aos sarcasmos do mundo, por isso que professam uma piedade indigna de tal nome.

I.

Entre as devoções, realmente perigosas, signalar-vos-ei, em primeiro logar, esta piedade mundana, remissa e languida a que se dá o nome de *religiosidade*.

Conta-se d'um soldado romano, que andando a saquear o campo dos Persas, depois da victoria, achou uma magnifica bolsa, cheia de pedras preciosas.

Ignorando o valor d'este thesouro, deitou fóra as perolas que lhe pareciam pesadas, e ficou com a bolsa que lhe pareceu bonita.

Ha muita gente que faz como este soldado: estima e guarda com todo o cuidado a boceta que contém este diamante, chamado piedade, mas desprezam o diamante, isto é, o que constitue essencialmente a devoção, o que faz toda a sua belleza, todo o seu encanto. Presam o que os seduz e que, por enfadonho e importuno, os não

incommoda; desdenham o que os incommoda, por mais estimavel e precioso que seja. N'uma palavra, falta-lhes a piedade, porque não são generosos; não são generosos, porque não sabem amar.

Quando amamos uma pessoa, fazemol-a objecto de nossas sympathias, de nossas mais delicadas complacencias; em tudo procuramos agradar-lhe, e fugimos com todo o cuidado de motivar-lhe o minimo desprazer. Ora, o amor tem só um nome, quer seja seu objecto a creatura, quer suba mais alto, e se dirija ao Creador.

Quem ama a Deus consagra-lhe entranhado e constante affecto. Vê-o, contempla-o em toda a parte, no firmamento, esmaltado de estrellas, na belleza das flôres, nos successos, nas vicissitudes da vida, mas, sobretudo, no seu coração. Escuta-o, ouve-o sempre, na palavra de seus apostolos, no estampido do trovão, mas ouve-o mais ainda na voz intima que se ergue das solidões de sua alma. A todó o momento lhe falla, nas jaculatorias, nas orações frequentes, nos templos, quando de dia trabalha, quando a alegria o deleita, quando os dissabores o pungem, mas sobretudo, quando soffre, ou desabafa de suas dôres.

Quem ama a Deus sente grande desejo d'aperfeiçoar-se. Não diz sómente: *Quero salvar-me*: mas diz: *Já que é essa a vontade de Deus, confiado em seu auxilio quero ser perfeito*. A perfeição! tal é o fim essencial de nossa vida sobre a terra para toda a creatura livre e racional. Deus a todos nos diz o que outr'ora disse a Abrahão: *Caminha na minha presença, e sê perfeito*. Não lhe disse: *Sê rico, sê poderoso, sê feliz, multiplica teus bens, procura gozar*: mas disse-lhe: *sê perfeito; isto é, procura tornar-te semelhante a teu Pae celestial pela sanctidade de tua vida, como a elle te assimilhas pela excellencia de tua natureza*. Tal é a vontade de Deus; e isto é tão verdadeiro, como o é ser a obra de nossa perfeição

a unica que depende de nossa vontade. De todas as outras emprezas não ha uma, sequer, que absolutamente de nós dependa, e que não possa mallograr-se-nos. Assim não é dado a todos adquirir riquezas, nem tão pouco encontrar na terrã os meios de poder fruir a que chamam *felicidade*: mas para sermos perfeitos é bastante a cada um de nós *querel-o ser*. Bemaventurados os que tem *fome e sêde de justiça*, disse o Salvador, *porque elles serão fartos*. Salomão fallando da sabedoria, disse tambem: *Descobrem-na os que a amam, encontram-na os que a procuram*.

Tal é o alvo que nunca perde de vista a mulher piedosa. Corresponde tão bem a este fim, que d'ella pôde dizer-se o que diz o Evangelho de Jesus menino: *E Jesus crescia em sabedoria perante Deus e perante os homens*. Segundo a bella expressão do Psalmista, dispõe em sua alma de escadas, pelas quaes todos os dias pôde subir. Por isso fecha os olhos sobre o que em si ha de bello, de bom, para descobrir apenas os defeitos de que necessita ainda de corrigir-se. Como S. Paulo, nunca olha para traz para pensar no caminho que trilha, mas olha de contínuo para deante, a fim de saber o que lhe resta ainda que percorrer. Toma por divisa esta divisa d'um rei de Portugal: *Altiora peto! Quero caminhar de melhor em melhor!* Em fim, se prima, antes de tudo, nos atavios da alma, os do sen corpo tem o segundo lugar; e, se algum tempo perde em ornal-o para agradar ao esposo e satisfazer ás exigencias de sua posição social, n'esta acção ainda é seu movel agradar a Jesus.

O amor de Deus manifesta-se n'uma alma pela extrema delicadeza de consciencia. Sem cahir no escrupulo, a mulher piedosa horrorisa-se não sómente d'este monstro que chamamos peccado mortal, mas de todo o peccado havido como tal; quero dizer, tem raras vezes

a triste coragem de commetter uma falta, por leve que seja, com plena deliberação e pretextando ser ligeira. Exerce consigo mesmo tal vigilancia, que só podem já pesar-lhe na consciencia imperfeições e fragilidades, que ainda a humilham a seus olhos. Ama, e basta saber que tal ou tal palavra, tal ou tal acção, tal ou tal juizo, tal ou tal affeição sensivel desgrada a Deus, para logo renunciar a qualquer d'essas pequenas faltas: pois bem sabe que uma falta leve, sem anniquilar em nós o amor, não deixa, todavia, de ser uma revolta, uma ingratição. Se, ás vezes, tem a desgraca de succumbir, accusa-se com uma verdadeira compuncção, vendo no padre não tal ou tal *homem*, mas o ministro de Jesus, o depositario de seu perdão.

A alma fervorosa obra mais por espirito de fé e sob o impulso da graça, que seguindo as naturaes tendencias.

Por isso, despresando os astuciosos estratagemas d'uma politica humana, a maior simplicidade se manifesta em todos os seus actos. A linha que segue é recta, nunca curva, nem quebrada, porque a verdade é seu elemento, a fé sua guia, Deus seu unico fim. Folgando de esquecer-se e renunciar a si mesma, compraz-se em sacrificar seu proprio interesse á gloria do Senhor e á utilidade de seus semelhantes. Se lhe dirigem um elogio que não póde evitar, faz d'elle uma homenagem ao seu Deus; e, longe de a acobardar muito qualquer confusão, por que haja de passar, *sente summo prazer em soffrer por Jesus Christo*. Longe de prender seu coração aos bens do mundo, usa d'elles sobriamente, e, se chega a perdê-los, facilmente se consola, e resigna, porque collocou seu thesouro e suas esperanças no ceu, onde nada perece. Longe de ser egoista e de centralisar tudo em si, é liberal e caridosa, *julgando-se mais feliz em dar que em receber*. Longe de ambicionar a estima e o amor das

créaturas, por fôrma a tornar-se escrava d'esta estima, d'esse amor, conserva fielmente o patrimonio de sua liberdade. Livre de toda a tyrannia, e de todo o desasoscego, nm só cuidado a inquieta, um só cuidado a domina, — o de agradar a Deus. Longe de calcular sempre o proveito que resultará a seu amor proprio de sua actividade e dedicação, a ambição de S. Thomás será a sua ambição, e dirá ao Senhor, depois de se lhe haver immolado: *Sereis, ó meu Deus, minha unica recompensa!* Honrar-se-ha de seus titulos, posição ou nobreza, mas ha de procurar que esses titulos os abrilhantem as virtudes; e dar-lhe-ão elles maior credito e merecimento na practica das boas obras. Humilde e modesta, quando falla ou questiona, nunca n'ella se divisará sombra d'acrimonia: longe de julgar-se infallivel, não desprezará um conselho, nem se irritará com uma reprehensão. Muitas mulheres, infelizmente, julgam e otram mais pela impressão do que pela razão; por isso é que, muitas vezes se baldam suas melhores resoluções.

Uma piedosa senhora foi, um dia de rigoroso inverno, ouvir missa a um convento. *Meu Deus! que frio!* dizia ella; *e' estes bons Padres com os pés descalços!* Chega a seu castello, chama pelo mordomo e diz-lhe: *Manda levar depressa alguma lenha áquelles pobres Padres! Meu Deus, que frio tão atroz!* Entra a senhora na sala de visitas, onde estava accêso um magnifico fogão: vae sentar-se juncto d'elle. N'este momento, entra o mordomo, e pergunta-lhe quantos carros de lenha quer que se mandem aos Padres: *Já agora, responde ella, deixa estar: parece que a temperatura se tornou mais dóce!*

II.

Assim é que procede a alma tibia. Demais, em lugar de consagrar, jubilosa, intimo affecto a Jesus, aborrece-lhe o culto entranhavel e assiduo que devia tributar-lhe. Em lugar de dizer: *Quero ser perfeita*; diz: *Procurarei evitar que minha alma se perca*; e eis a que se reduz toda a sua piedade. Em lugar de considerar no que lhe falta ainda, revê-se em suas boas qualidades, e nas boas obras que, raras vezes, faz. Longe de a estimular em exemplos dos sanctos, e dos que a precederam no caminho da perfeição, vendo quanto lhe falta para egualal-os, medita apenas sobre os que são ainda mais imperfeitos que ella, para dizer satisfeita: *Graças a Deus, eu não sou do numero d'estes*. Contentando-se com fugir das faltas graves, para que se não veja forçada a confessal-as, faz pouco caso das leves, pretextando que não merecem a condemnação eterna. Em sua deploravel humildade, apenas aspira a ter, no Paraizo, a ultima morada, não reflectindo que, por este modo, se arrisca a não occupar nenhuma. Esta alma lança suas contas, faz seus calculos, e de tal maneira dispõe sua vida, que do peccado possa extrahir todo o sabor, rejeitando todo o seu amargor. E' a generosidade do amor substituida pela prudencia do egoismo: é a natureza triumphando da graça: é a formosura da Religião, meio encoberta pelo espirito do mundo.

Vêde, por exemplo, esta ou aquella mulher: tem ella vinte annos; casou, ha pouco, com um marido que adora, só pensa em coroar-se de flôres, em colher as

futeis homenagens que de todas as partes lhe prodigalisam; e em desabrochar, qual flôr, ao primeiro sol d'uma deliciosa independencia. Que fará ella? Contentar-se-á com pedir ao mundo as delicias de seus prazeres, postergando toda a practica de piedade, como incommoda, ou como sedição e fóra da moda? Muitas fazem assim, mas será ella mais habil e prudente. Bem sabe que inebriar-se, sem pensar no futuro, com o nectar da taça que o presente lhe propina, não é o melhor meio de tornar-se feliz.

No meio de tudo, conserva alguma piedade, e conhece que isso lhe convem. Não ignora que fazer gala da indiferença ou falta de devoção não é, aos olhos do mundo, o meio mais adequado de armar á reputação que deve ter uma dama de sua jerarchia; e que, além d'isso, acarretaria á sua consciencia acerbissimos remorsos. Ainda que a vida lhe corra em festivo gosar, nunca em sua alma se esvairá de tal modo o pensamento das eternas verdades, que não possa, de quando em quando, entrever essa mão mysteriosa, que, com aterradora audacia, veio perturbar o festim de Balthasar. E depois, quem sabe?... Dias virão, talvez, em que o ceu se ostente menos limpido e puro... conglobar-se-ão as nuvens, e póde desencadear-se a tempestade: ninguem lê no livro do futuro! Reflectindo assim, toma este partido: fica piedosa, como foi no tempo de sua educação, com a differença de que empregará algum calculo mais.

Encarando a religião como uma especie de moda do bom tom, ou, quando muito, como a fonte d'uma esperança futura, misturará as doçuras da devoção com as mundanas doçuras, furtando-se cuidadosamente a todos os sacrificios um pouco mais difficeis que lhe impõem os preceitos de Jesus.

Irá á Missa, mórmente ao domingo, levando na mão

um *livrinho*, que, nos ornatos e aceio exterior, muito bem diz com seu *guardasolinho*. Mas que incidentes á entrada e á saída! que não passã ella para chegar ao logar que de longe escolheu, ou levava em vista occupar! que afflicções, que impaciencia, se um obstaculo lhe impede a passagem! que cumprimentos á direita e á esquerda, como se Deus lhe não ficára defronte!

Irá ao sermão para *ver* o *prégador*, louval-o com exaggeração, se teve a infelicidade d'agradar-lhe, ou critical-o sem piedade, se teve a coragem de desagradar-lhe. (1)

Christã de manhã, sentar-se-á á meza, coberta com seu véu; mas pagã á noite, irá ao baile ou ao theatro buscar aquellas emoções sempre perigosas e muitas vezes culpaveis. Lerá um capitulo da *Imitação* (1), por

(1) Hoje, mais que nunca, são as damas, meio-piedosas e meio-mundanas, que dão leis sobre reputações. Sabem-no muitos *prégadores*, e tem isso em vista, mormente em Pariz. Ficam muito satisfeitos, quando, á noite, diz a dama n'uma sala de reunião: *Ouviu v. ex.^a aquelle lindo sermão? fiquei apaixonada!* que homem! e aquelles olhos? Oh! que olhos fascinadores, minha senhora! E as mãos? parecem as da minha filha! Não se lembram esses *prégadores* de que, se S. Paulo *prégasse* em S. Luiz d'Antin, muitas damas, longe de se *apaixonarem*, julgal-o-iam, talvez, pouco polido e delicado, se houvesse guardado pleno *incognito*; pois, no caso de se annunciar como tal, então estas mesmas damas de véras sympathisariam com elle, e não teriam por cara uma emoção, a troco de dez francos d'aluguel por uma cadeira.

(1) N'estas palavras dá o auctor a entender que o livro da *Imitação* de Christo, escripto, mais provavelmente, por Thomaz de Kempis é em França um dos livros bastante lidos pelas damas, um dos livros de devoção mais generalizados e mais manuseados pelas senhoras. Entre nós, infelizmente, não succede o mesmo! Creiam que, d'entre os livros de devoção, que por ahi andam nas mãos de todas, e que, aliás, são tambem, pela maior parte muito bons, nenhum ha que attinja os quilates d'este. Traduzido em quasi todas as linguas conhecidas, ha sido, em materia de devoção, o livro favorito não só

penitencia, depois um volume de novellas por distracção. Se a tentação vem apresentar-se a seu espirito, forçando insinuar-se por um mau pensamento, muito bem lhe dirá ella : *Vae-te d'aqui*: mas isto n'um tom, que antes parece querer dizer-lhe: *Se voltares, dar-me-ás prazer*. Enternecer-a-á até ás lagrimas a narração dos soffrimentos e humilhações do adoravel Jesus; mas, logo depois, indignar-a-á a menor privação, irritar-a-á a menor offensa, fallará a seus domesticos n'um tom sempre imperioso, e não supportará de bom grado a menor contrariedade. Não tem repugnancia em associar-se a todas as boas obras, e, quando não seja senão por lhe ficar bem, é *dama da misericordia* (1); mas apparecerá em todas as reuniões deslumbrantemente ataviada, affectando uma fingida modestia e importuna susceptibilidade; preferindo que o bem se não faça, a não se fazer como ella quer.

Irá confessar-se a um padre *escolhido e condescendente* (2); porque, como mulher do mundo, quer que se occupem d'ella; como devota, quer poder occupar seu director. Apresenta-se no tribunal da Penitencia com tal presumpção e altivez, que parece dizer ao ministro de

das pessoas piedosas, mas até de muitos sanctos e sabios, como La Fontaine, La Harpe, Silvio Pellico, Luiz de Granada, Santo Ignacio de Loyola e muitos outros. Não é difficil encontrar-se algumas d'aquellas edições latinas, que, d'antes, eram mais vulgares entre nós. Portuguezas conheço eu duas: a preferivel é uma moderna do padre Roquette, que, se vende em todas as livrarias. A's minhas leituras e leitores muito e muito aconselho a aquisição d'este livro. (Tr.)

(1) Creio que o auctor allude ás que, em França, se chamam damas da caridade, senhoras que, em muitas freguezias, formam uma associação, que tem por fim distribuir aos pobres esmólas colhidas ás portas das egrejas, e até por casas particulares. (Tr.)

(2) Nada póde haver mais deploravel, do que encontrarem sempre estas mulheres semi-pagãs *dire tores*, tão *complacentes* e aduladores, que nunca se satisfazem de agradecer a confiança que ellas lhes dão, e nada têm tanto a peito, como conservá-la.

Deus : «Padre, bem sei que vos faço grande honra em occupar-vos !» E, se são frequentes suas confissões é porque póde sob este pretexto, fallar muito de si, e um pouco dos outros.

Assim vivem estas almas infelizes, oscillando de continuo entre Jesus e Belial, o Evangelho e o mundo, o inferno e o ceu, Jerusalem e Babylonia, e mascando ao mesmo tempo o maná do deserto com as cebolas do Egypto. Estas almas não têm nem a audaciá do crime, nem a coragem da virtude, e passam a vida em transigencias estereis, colhendo por resultado o nada d'uma aridez tristissima.

III.

Mulheres christãs, sereis vós mais generosas. Não pertenceis a essa classe das tibias que Deus rejeita. Jesus é um Deus cioso : só vos exige o coração, mas exige-vol-o todo. *Ninguém póde servir a dous senhores de gostos differentes, pois, agradando a um, desagrada ao outro.* Para todas as cobardes que só ousam offerecer-lhe metade do imperio, Jesus tem uma resposta só ; é a resposta d'Alexandre a Dario : *Como o mundo tem só um sol, não póde supportar dous soberanos.*

Longe de mim querer sustentar que frequentar o mundo seja absolutamente incompativel com a verdadeira piedade. A perfeição, diz S. Francisco de Sales, *não consiste em deixarmos de ver o mundo; mas em não nos affeiçãoarmos a elle.* Por mais seductor que elle se nos mostre, uma mulher, póde, sem perigo, frequentar suas festas, com tanto que lá appareça com um pleno co-

nhecimento de si e do que a rodeia, e com o coração cheio d'amor de Deus, de seu marido e de seus filhos. O mundo é sobre tudo perigoso para os *corações vazios*, porque n'elle encontram alguém ou alguma coisa que os encha.

O que o Evangelho detesta são essas conciliações, essas transigencias culpáveis que tendem á tibieza, ou a suppõem.

A tibieza! Tenhamos sempre presentes aquellas tremendas palavras do Espirito Santo sobre essa terrível molestia: *Oxalá fosseis frios ou quentes! mas porque sois tepidos, não posso supportar-vos, e vomitar-vos-ei por minha bocca.* Estas palavras, leitoras, não m'as perdoaria vossa delicadeza; mas o Senhor tem o direito de ser mais ousado que os homens.

Bem sei que nada é impossivel á graça de Deus, quando nossa vontade é corajosa. Bem sei tambem que certas posições sociaes têm suas exigencias, nem quero que com minhas palavras se assustem as almas timoratas. Mas o que tambem não ignoro é que o verdadeiro amor é generoso, e não egoista; livre, e não escravo; circumspecto e timido, e não temerario e presumptuoso: ao passo que o caracter da piedade tibia é não sómente a ingratição, mas até a presumpção.

Uma alma que, no seu ordinario teor de vida, calcula sempre até que poncto póde ir, sem offender a Deus, facilmente se arrisca a ultrapassar este limite. Quem póde, com effeito, assegurar-nos que n'estes exames positivos e contínuos de nós mesmos, n'estas excessivas delicadezas de que gostamos de circumdar-nos, n'estas impressões, livremente provocadas, que nos agitam e commovem, n'estas maledicencias frequentes em que nada escrupulisamos, n'estas condescendencias muito faéis para certas exigencias illegitimas, o amor proprio não chega a destruir em nós a caridade? Quem poderá

assegurar-nos de que, quando tudo isto é espontaneo, reflectido e acceite, como elemento essencial de nossa vida, as confissões se nos tornam nullas, e, algumas vezes, sacrilegas as communhões. Quem poderá lisongear-se de poder com justiça determinar o limite, onde começa a morte e acaba a vida?

Demais, suppondo mesmo que todas estas faltas são em si mesmo impotentes para destruir-nos a vida da graça, não é bastante enfraquecêrem-na e diminuir-na. Pois é o que sempre succede: e Deus concede-nos os seus dons em proporção do ardor com que d'elles nos aproveitamos, e costuma quasi sempre retirar-nol-os, quando, acceitando-os, abusamos.

IV.

Uma celebre dama que todos vós conheceis, ao menos, por sua reputação, madame de Sevigné, tomára por emblema uma andorinha com esta divisa: *O frio me afugenta*. Era uma maneira graciosa de dizer: *Amo e quero ser amada*: fujo dos logares onde meu coração encontra a polidez exterior em vez da sympathia; não me dou com os corações que não fomentam a expansão do meu e lhe não correspondem. Esta divisa de madame de Sévigné é também, se posso assim exprimir-me, a divisa de nosso dulcissimo Salvador. O frio o afugenta, quando encontra uma alma fria em amal-o, uma alma que só com os labios lhe presta culto, que conserva relações contínuas com tudo o que lhe desagrade, e para elle nada mais tem que as formulas d'uma polidez vulgar: faz-lhe por momentos ouvir as vozes do remorso, assiste-lhe, algum tempo ainda, com suas inspirações; depois, se continúa em sua frieza, de todo a abandona.

Então, privada d'este divino amparo, de tédio em tédio, de languidez em languidez, lá vae esta alma emfim ultrapassar a barreira que ainda a separava do abysmo, segundo a phrase do Espirito Santo : *O que despreza as pequenas coisas, pouco e pouco succumbe*. Não exaggero o vicio progredindo como a virtude: mas quem nos encontrar tibios, não tardará a ver-nos iudifferentes. Quando um navio começa a metter agua, se a tripulação se não acautela, em pouco tempo vae elle ao fundo; ora, a experiencia nos ensina que a maior parte das grandes quedas começaram por ligeiras infidelidades. David foi indiscreto e ocioso antes de ser adultero. Salomão enervou-se nas delicias antes de sacrificar aos idolos das mulheres estrangeiras; Judas amou o dinheiro antes de vender seu divino Mestre; Pedro foi presumptuoso antes de negal-o; Lazaro tibio antes de exalar a infecção. *Quantos crimes, exclama Bossuet, começaram pela sensualidade d'uma flor.*

Mulheres piedosas, não vos aterre minha linguagem; se eu fallára aos mundanos, aos que bebem como agua a iniquidade, segundo a energica expressão do Propheeta, fallaria como S. Paulo fallava aos Corinthios, e dir-vos-ia : *Sêde castas, sêde justas, e não se repitam entre vós esses medonhos escandalos que nos lascaram o coração de dôr*. Mas estou convencido de que as que lerem estas paginas, e as meditarem, representam muito bem a Igreja de Philippos, que passava pela mais fervorosa, e que o Apostolo louvava entre todas as outras. Bem sei que já podeis ouvir conselhos diversos dos que se dirigem á multidão dos peccadores. Por isso é que vos repito o que dizia o Apostolo aos fieis de Macedonia : *Cuidae de vossa salvação com receio e temor*; isto é, com um temor generoso como o amor, e delicado como elle, em relação ao que poderia desagradar ao divino Esposo.

Uma alma generosa receia desagradar a Deus, como a creança bem educada teme desagradar a sua mãe. Quando lhe ha dado algum motivo de desgosto, que é necessario para que chore, e implore perdão? que a mãe o castigue? Não: basta ver-lhe nos olhos ou no rosto um signal que lhe diz: Meu filho, para que me desgostaste? Chora logo, não por que receie alguma coisa, mas por que detesta a falta, em razão de desagradar á Mãe, a quem ama do coração.

Um dia, me dizia uma meninha com admiravel candura: «Padré, entre os mandamentos de Deus ha um que nunca pude comprehender.—Qual, minha filha!—O primeiro: *A um só Deus adorarás e a elle só servirás.* Para que me recommendou tanto minha mãe que o amasse? porque se não aprende senão isto? Pela minha parte, se Deus me prohibira que o amasse, seria isso para mim motivo de grande tristeza, e amol-o-ia *ás escondidas?*» Graças a Deus, não nos vemos reduzidos a empregar o delicioso estratagema d'este criança. Deus nos ordena que o amemos, não só ás escondidas, mas tambem de nós exige que por nossas acções, sacrificios e empenho em embellezar nossa alma, para agradar-lhe mais que por palavras, lhe digamos: *Meu Deus, nada me custa, por que vos amo.*

CAPITULO III

A devota amavel.

O fructo ahi não destroe a flôr. — I. As não affaveis. — As voluveis. — As susceptiveis. — II. As colericas e desabridas. — As habeis. — III. As pequenas virtudes. — Sogra e nora. — IV. As que se não casam, ou não casaram. — Amabilidade de Jesus.

Conta-se que, na idade de vinte oito annos, a condessa de Lesdiguières, muito rica e muito formosa, teve a coragem de deixar o mundo, que para ella só tinha sorrisos, a fim de se consagrar ao Senhor pela profissão religiosa. No momento da separação, madame de Sévigné, sua amiga, fez-lhe presente d'um lindo ramo de laranjeira, pregando-lhe esta encantadora divisa: *O fructo ahi não destroe a flôr*. Era o symbolo amavel da piedade que seduz e edifica.

A piedade devia ser amavel, por que devia ser a virtude *enfeitada*, e porque nada ha tão amavel como a virtude. Devia ser amavel, porque sendo *o amor aperfeiçoando-se e adornando-se constante, mas gradualmente*, se esforce por reformar em nosso character e teor de

vida o que poderia ir d'encontro á gloria de Deus, e offender o amor do proximo. E' esta piedade que S. Francisco de Salles tinha em vista, quando dizia: *Quero que todas as pessoas piedosas imitem a rainha de Sabá; que embalsamem Jesusalem com seus perfumes, diffundindo ahi o suave odor de Jesus Christo.*

I.

A nobreza obriga, diz o proverbio; e por isso mesmo que uma pessoa, muitas vezes, mostra exteriormente piedade deve com maior empenho ter a peito a practica de todas essas virtudes conducentes a tornal-a querida das que a rodeam. Cumpre que, antes de tudo, se mostre sempre cheia de benevolencia. A benevolencia é uma virtude que, em extremo, quadra ás pessoas que, por um privilegio raro, sua posição social torna superiores a outras. E' a benevolencia que estende uma mão amiga ao mal entendido pejo, que estampa na physionomia um brilho amavel, dá aos olhos sympathicos e dulcissimos raios, e imprime nos que a possuem o cunho, lhaneza e bondade cujos attractivos e meiga influencia bem conhecem os fracos, os ignorantes e os infelizes. E' ella que dicta essas attenções exquisitas, essas maneiras delicadas que refrigeram e avivam a alma, prestam coragem á timidez, ganham a confiança, e desatam, um a um, todos os liames do constrangimento. E' ella, emfim, que, sem animar a presumpção, e

sem comprometter a dignidade, faz com que se diga da mulher que a prodigalisa: *Oh! como é boa!*

Infelizmente não é raro encontrar mesmo entre as pessoas que no seu exterior dão signaes de muita piedade, almas que parecem absolutamente destituidas de tão amavel virtude. Vêem-se algumas que, arrogantes por genio, austeras e rispidas por natureza, exigentes além do possível, se mostram de contínuo preocupadas de sua dignidade, de seus direitos, e recebem sem gratidão todos os serviços de que são objecto. Fallo especialmente de certas senhoras de casa no que respeita ás criadas. Somos feitos assim: exigimos muito dos outros, e, raras vezes, pensamos do que os outros tem direito de exigir de nós. Sem duvida que, se para ser senhora, fôra necessario ter todas as qualidades que as criadas exigem de suas amas, muito poucas criadas haveria capazes de ser amas. Mas cumpre dizer tambem que, se foram necessarias ás criadas todas as qualidades exigidas pelas amas, muito poucas amas haveria capazes de ser criadas.

Hoje, bem o conheço, é mais difficil que nunca ser bem servido. O espirito de independencia ha invadido tudo, até á classe dos que servem. Demais, ha tambem muitas senhoras no mundo, que abdicaram sua auctoridade para tornar-se escravas, umas por fraqueza, outras porque exigiram certos serviços que demandam sempre um silencio, bem custoso. Mas uma senhora póde ser boa com dignidade; e é raro que a virtude tenha desastrosos resultados.

A flauta e a harpa, diz o Espirito Sancto, têm suare melodia, mas a linguagem dóce excede uma e outra. Bemaventurado o homem dóce e bondoso, diz ainda o Espirito Sancto, porque elle multiplicará seus amigos e triumphará de seus inimigos. Bemaventurado o homem dóce, porque sua vida correrá feliz no meio dos corações

livres, que se felicitam em servil-o, e se regosijam em comprar-lhe.

Entra em vossa casa para servir-vos uma rapariga do campo. Encanta-vos a sua fidelidade, o seu zêlo, a sua discrição, as suas boas disposições. Não digaes, mulhêr christã: *Ella serve-me bem, porque lhe pago bem.* Não: esta rapariga dá-vos o seu trabalho em troca da soldada; mas com seus braços trouxe uma alma que se sente, um coração que necessita de amar. Ora, esse coração, vós o dilataes todos os dias, talvez sem n'isso advertir, por uma palavra graciosa, por um sorriso benevolo que parece dizer-lhe: *E's, em certo sentido, minha filha; não és estranha n'esta casa: se não és em tudo perfeita, seguindo meus conselhos, podel-o-ás ser muito breve.* Este sorriso, esta palavra, acolhe-a com gratidão a pobre criada, para, ao deitar-se, á noite, dizer, depois de sua oração: *Mil graças vós dou, meu Deus, porque, dando-me tão boa ama, me alliviaste de metade das saudades que nutro por minha mãe!*

Uma mulher piedosa para ser amavel ha-de mostrar-se paciente, e moderar as commoções de seu espirito, para que perturbem o menos possível a serenidade de seu rosto. Ha-de dissimular uma antipathia, não reparar n'uma importunidade, acceitar uma repulsa, supportar uma desattenção, uma contrariedade, um soffrimento.

Mas como são raras as pessoas piedosas que sempre conservam esta coragem! Quantas ha que nada podem supportar! Uma visita intempestiva, uma pergunta repetida, uma palavra inconsiderada, um objecto quebrado pela falta de cautella d'um filho ou d'um criado, tanto basta, e é demais, para deixal-as fóra de si.

Indispôr-se-ão um dia inteiro por causa da menor repulsa que houveram recebido; tomarão á conta de capricho ou má vontade o que deviam attribuir a uma

razão esclarecida, ou a uma sabia economia. Que sei eu? muito teria, talvez, que dizer, se quizera dizer tudo. Observarei sómente aos maridos que na satisfação dos desejos immoderados tem muitas damas, d'ordinario, dous cumplices habeis e temiveis, a dôr de cabeça e o medico.

Uma sancta esposa saberá practicar esta maxima: *Recebei vossos pensamentos como hospedes; tractae vossos desejos como creanças.* Não será do numero d'aquellas de quem disse o poeta: *Que hão ensinado seus olhos a chorar.* Fará mentir o proverbio italiano: «As mulheres assimilham-se ao crocodilo; para se apoderarem do homem choram; apenas o seguram, devoram-no.» Ha outras que não podem estar doentes.

Sem duvida, as pessoas que soffrem merecem nossa compaixão: direi mais: seus pequenos desvarios merecem toda a nossa indulgencia. Uma dama celebre disse: *Nossas penas são-nas muitas vezes lançadas a cargo de defeitos.* Não podia melhor exprimir-se uma incontestavel verdade! Não é difficil ser amavel áquella a quem sorri a felicidade, e tem saude.

Se ha algum merito em sê-lo, é quando nos atormentam de contínuo os soffrimentos que bastam para privar a vida de tudo o que n'ella seduz, sem terem essa poesia inherente a muitas das grandes dôres.

Ora, ha muitas mulheres cujos erros e defeitos não tem outra origem, a não serem as phases mais ou menos caprichosas d'este martyrio prolongado. Por isso merecem ser tractadas mais como doentes do que como peccadoras. E' mais deploravel essa fraqueza que favorece a doença e multiplica seus effeitos desastrosos, sendo que deveríamos saber empregar toda a nossa energia d'espírito para restringil-os e dominal-os. Ha pessoas, tristemente notaveis, sob este poncto de vista. O menor incommodo modificará seu character de tal modo, que

se tornarão insupportaveis ás que receberam a triste missão servil-as, ou, por caridade, tomaram sobre si tam pesado mister. Para ficarem contentes, e nem assim o ficam sempre, é necessario que se desinvolve em servil-as e comprazer-lhes tanta sollicitude, como a que, perdôe-se-me a comparação, mostram os indios em derredor dos animaes sagrados que adoram em seus pagodes. A' vista de suas excessivas exigencias, dir-se-ia que não têm refrigerio, senão depois de fazer adoecer as que se desfazem em cuidados e atenções para as verem contentes e satisfeitas. Deve isto, com especialidade, applicar-se ás que hão chegado a uma certa idade, e não têm a necessaria fé e virtude para deixarem de affligir-se pelo minimo motivo.

Nada mais custoso de tractar como uma mulher já edosa, mas ainda mundana, quando doente. Muito poucas ha das quaes se possa dizer o que disse Bossuet de uma celebre princeza: *Foi ella dôce para com a doença.*

Ha outras que, sem motivo apparente ou real, offerecem o triste espectaculo d'uma temperatura que, a todos os instantes varia. Ora ardentes, ora geladas, ora risonhas, ora sombrias, apresentam o singular contraste de todas as estações, de todos os climas. Hoje estareis na Italia com sua primavera e ceu azul, amanhã vêr-vos-eis na Siberia com seus gêlos e geadas. Ninguem sabe como captival-as; ignoram-se os meios de agradar-lhes, porque tudo desdenham. Perguntae á senhora porque ri, porque está indisposta, porque canta, porque chora, porque aquelle vestido por que hontem se apaixonava, aquella amiga de que, ha pouco ainda, se não separava, lhe não agradam já: não sabe responder-vos; tudo provem de sna boa, ou má disposição.

As mulheres são muito mais sujeitas que os homens a estas bruscas variações de temperatura; sem duvida porque são mais sensiveis, mais nervosas, mas também,

talvez, porque reflectem menos, ou porque não se lhes diz tanto a verdade com o receio de apparentar ou incorrer em grosseria.

Esta inconstancia de character é tambem apanagio dos ricos que depois d'haver deixado a Deus, abusaram de seus bens. «Tudo os molesta e incommoda, diz Massillon, e molestam-se a si mesmos. Seus projectos uns aos outros se destroem, e d'ahi resulta sempre uma incerteza universal. que o capricho forma e só elle pôde fixar. Suas ordens já não são, um momento depois, os interpretes seguros de sua vontade. Infringindo-as, desagrade-se-lhes, e é necessario advinhal-as; todavia são elles tambem para consigo mesmo um enigma inexplicavel. *Todos os seus passos, diz o Espirito Sancto, são vagos, incertos e incomprehensiveis.* Por mais que se procure segui-los, perdem-se de vista a cada momento. Mudam de direcção, e quem os seguir ainda tornal-os-á a perder. Enfadam-se das homenagens que se lhes rendem, offendem-se pelas que se lhes recusam. Os servos mais fieis importunam-nos por sua sinceridade, nem tam pouco logram agradar-lhes por suas condescendencias.» Quereis ser quasi sempre amavel e estar bem disposta? Estae sempre em paz convosco; e, para sempre estardes em paz convosco, estae sempre em paz com Deus.

A mulher pia, para ser amavel, deve saber desculpar as intenções, para melhor se dispôr ao perdão e tornal-o mais facil.

Uma das propensões mais desarrazoadas de nossa natureza é suppôr offensiva uma intenção em certos actos que demais não deponham a nosso favor, e querer impôr aos outros por nossa commodidade propria as correcções que não sabemos impôr a nós mesmos. Pois que? os defeitos que um homem não emenda por interesse de sua consciencia, de sua alma, e do proprio Deus, corrigil-os-á pelo facto de nos incommodarem! Não o

vêdes abusar incessantemente de sua liberdade para prejudicar-se bem mais a si, que a vós!

Contam-vos que tal ou tal pessoa fallara de vós d'um modo offensivo; fostes victima d'esse acto que tomastes por uma affronta; mallogrou-se tal ou tal plano que vos agourava um resultado seguro, e dissestes: *Tenho inimigos!* Mas lisongeaes-vos. Não é dado a todos ter inimigos. São elles talvez mais raros que os amigos. Sómente tudo o que não é benevolencia nos parece inimisade. A leviandade, muitas vezes, nos occasiona mais dissabores que a maledicencia: seus golpes são mais frequentes, por isso mesmo que ignoramos que são tão dolorosos. Qual o inimigo que nos fez já tanto mal como temos feito a nós mesmos? E, todavia, não é por falta d'amor que a nós mesmos tenhamos.

Eis como raciocina um espirito, verdadeiramente generoso, a fim de menos ter que queixar-se de seus semelhantes. Se, apesar de toda a indulgencia, não póde escapar ao desgosto de soffrer offensas que são o resultado de odio evidente, procura logo esquecer tudo. Sua memoria póde comparar-se a esses crivos de que se servem os exploradores do ouro no Mexico; deixa cair o saibro, isto é, as recordações desagradaveis, para conservar as palhetas d'ouro, isto é, a lembrança, sempre viva, dos attenciosos obsequios, ou dos beneficios que lhe prodigalisaram.

II.

A mulher piedosa que quer ser amavel saberá, segundo as occasiões, contrafazer seus gostos e juizos; para conformar-se com os dos outros, pois assim evitará

desintelligencias e viverá tranquilla. *A mulher forte, nos diz o Espirito Sancto, é a alegria de seu marido, e encherá de paz os annos de sua vida. Mas ajuncta elle tambem: É melhor habitar n'um albergue que residir n'um palacio com uma mulher impertinente e rixosa. Felizes os casados de quom póde dizer-se o que a Escrip-tura conta de Zacharias e sua esposa: Ambulabant sine querela: atravessavam sua vida em perfeita harmonia. Mas este ideal, para muitas, é um sonho apenas!*

Diz-se de Santa Izabel que tomava lucto quando seu marido partia para alguma parte, e, quando voltava, vestia outra vez os vestidos de festa. Para muitas mulheres as coisas mudaram consideravelmente de Izabel para cá! Quantas se mostram amaveis em toda a parte, excepto na intimidade da familia!

Entra o marido em casa, cansado de seus trabalhos: não exijaes que entre sorrindo para vós; são vossos sorrisos que devem ir d'encontro a seus pesares. Deveis esperal-o com uma palavra meiga, um silencio habil, ou uma d'essas pequeninas surpresas a que não sei dar nome, mas cujo segredo tam bém sabeis, quando quereis tornar-vos amavel. Mas sempre o quereis? Quantos maridos ha que encontram um azedume onde procuram um favo de mel, um espinho onde procuram a roza, uma tempestade onde a esperanza lhes mostrava arco iris.

Pelo mais insignificante motivo, a senhora tomará a attitude de victima que parecerá dizer a esse nobre coração que vem de fatigar-se para sustentar seu luxo: *Vae-te d'aqui; és um verdugo, um perjuro!* Ou antes: *Vae-te d'aqui; eu me resigno, pois tu não podes fazer-me feliz!* Se esta mulher é leviana, se bem que affeiçoada a seu marido, proporcionar-lhe-á a mais cruel decepção. Por isso, no momento em que elle julga sentir as ardentes e vivificantes emanações, d'esse coração que o

ama, as carícias d'um anjo que adora, ouvirá este anjo dizer-lhe insensível: *É possível que sejas tam avaro que eu fique sem aquelles adornos que sabes!...*

Esposas christãs, esquecer-vos-eis mais a vós para vos mostardes mais dedicadas. Longe de torturar vosso esposo com demasiadas exigencias d'um luxo estrepitoso, ou com os amargos queixumes d'uma sensibilidade excessiva, sereis para elle um anjo de consolação, trasbordando de delicadezas e doçuras. A doçura é tanto mais necessaria á mulher, quanto menos podem satisfazer seus desejos ou suas cóleras. Fazei por obedecer a um ente tam imperfeito como o homem. Por mais que lhe bradem vozes enganadoras, e lhe puguem a emancipação, a mulher, não tendo para triumphar de seu senhor, e, talvez de seu tyranno, outras armas que seus encantos e fraqueza, deve costumãr-se cedo a supportar sem murmurio ainda mesmo uma injustiça. Deve mostrar-se doce, não só por amor de Deus e por caridade para com os outros, mas tambem por seu proprio interesse. A desabridiez e a impertinencia n'uma esposa servirão sómente para multiplicar seus males, multiplicando os reprehensiveis actos de que é victima. O homem bem conhece que com taes armas não é vencido, e a cólera, quando se casa com a fraqueza, vae acabar no ridiculo. Deus não creou a mulher insinuante e persuasiva para se tornar impertinente e desabrida; não a creou fraca para ser irascivel e impetuosa; não a dotou d'uma voz tam doce para dizer injurias, nem de feições tam delicadas para se alterarem pelo furacão da ira. Póde ter muitas vezes motivos de sobra para carpir-se, póde mesmo resistir com energia, mas andarà sempre mal em agastar-se. E', sobre tudo, fallando d'ella, que disse o Espirito Santo: *Uma palavra dôce acalma a cólera; uma palavra dura excita o furor.*

Conta-se de Luiz 14.^o que, recebendo a noticia de haver fallecido a rainha, sua esposa, a quem cruelmente havia abandonado, exclamara chorando: *Eis o primeiro desgosto que ella me causa*. Feliz a esposa que tiver sabido mostrar-se tam vigilante e dedicada apesar de seus desgostos e amarguras, que mereça de seu marido esta magnifica oração funebre.

E' raro que elle, por mais abysmado que viva no funesto somno da indifferença, não desperte, um dia, commovido e profundamente impressionado pelo espectaculo de tanta graça unida a tanto heroismo.

A mulher, sanctificada pela virtude, porá muitas vezes de parte costumes e commodidades e até sua dignidade, para prestar serviços ao proximo. Quem ignora um rasgo de benevola condescendencia que, a tal respeito, lemos na vida do sancto bispo de Genebra?

S. Francisco de Salès tinha um creado que ardia em desejo de casar, e — coisa muito natural — queria boa conveniencia. Como porém realisar seus sonhos? Eis o que o embaraçava. Se vou, dizia elle, expôr minhas intenções, não fico bem; passarei por louco e lá vão minhas fagueiras esperanças. E se eu escrevesse uma carta bem trabalhada e meditada? Pega da penna, e escreve. Entra de repente em seu quarto o sancto prelado, e o creado esconde, a toda a pressa, a penna e o papel. Francisco, diz o sancto, estavas muito entretido? ha tanto tempo que te chamo, e não me respondes. Mas sobre que materia estavas escrevendo? Que escrevias com tanto interesse para ficares todo confuso á minha chegada? O creado hesita em responder: o sancto bispo aproxima-se, e passa pelos olhos a notavel carta começada. Ah! bem percebo, queres casar? Estás em idade d'isso, e realmente não tens mau gosto. Mas, em taes occasiões, estas coisas não se fazem assim. Deixa ver a penna. E o sancto sen-

ton-se; poz-se a escrever uma carta que entregou ao creado, dizendo: Copia-a tal qual, e respondendo-te pelo resultado! Foi assim. A pessoa a quem a carta se dirigia entendeu que o creado se não exprimia mal, e seus votos foram cumpridos. Eis até onde desceu a caridade d'um bispo como S. Francisco de Sales, e nunca se ouviu dizer que esta admiravel condescendencia houvesse sido obstaculo á sua canonisação.

III.

As pequenas virtudes! oh! isto é pouco apparentemente: os homens apreciam-nas pouco, mas Deus conhece seu valor, e saberá recompensal-as. Póde até dizer-se que, a seus olhos, as pequenas virtudes são, muitas vezes, grandes virtudes, por serem mais meritorias; são mais meritorias porque são mais difficeis. Offerece-se-nos occasião de pratical-as, não uma vez na vida, mas todos os dias, e, muitas vezes, a cada instante do dia; e sempre sem proveito algum do amor proprio, pois que o mundo as não admira. Exercitam-se na intimidade, no seio da familia, da communiidade, muitas vezes, sem ninguem o saber, e no meio da indifferença, d'esses mesmos para com quem as praticamos. O mundo estima e admira o que faz ruido e dá nos olhos. Por isso só tem incenso para as grandes virtudes, e, ás vezes, para as grandes iniquidades. Mas Deus não julga como os homens, e, no dia das contas, fará sobre-

sair muitas abnegações, muitos heroismos, de que só elle haverá sido testemunha.

Uma pobre mulher vive atormentada por um temperamento doente, e acãbrunhada por mortal melancolia. Seu fervor extinguiu-se, ou, pelo menos, cumpriu seus deveres espirituaes sem gosto, sem consolação, nada sentindo, a não ser um inexprimivel incommodo que apenas lhe deixa força para conhecer sua miseria. O coração tem-no gelado, a imaginação exaltada; não sabe como está com Deus, ou consigo mesma. Geme em sua debilidade, mas está de tal modo enfraquecida que apenas lhe resta energia para fazer ao Senhor oblação d'essa sua fraqueza. Para cumulo de males dizem-lhe que suas intenções foram calumniadas, que fazem assumpto de maliciosas conversas os seus defeitos, dos quaes é a primeira a carpir-se; e, ás vezes, tem quem lhe faça conhecer por diversos modos que é impertinente e incommoda, e só póde soffrer-se á força de paciencia! Deus do ceu, que sondaes os corações, que pêso não terá n'essa balança onde pesaes os nossos meritos uma resposta dada então com doçura a uma pergunta superflua, e um serviço feito de boa vontade por uma causa frivola.

As pequenas virtudes são muitas vezes grandes virtudes, pois são as mais indispensaveis á vida social, e á harmonia que faz sua ventura.

Mas como póde ser que as mulheres encontrem tanta difficuldade em viverem junctas? O que é que as divide desavindo-as e contrariando-as? Serão as grandes paixões? Não; são antes as pequenas.

Luiz 14 dizia, fallando de duas damas, muito notaveis: *Mais me custa conservar estas duas mulheres em harmonia, do que pacificar a Europa*. Quantos maridos se fossem menos pacientes ou menos discretos, poderiam soltar o suspiro de Luiz 14! Tenho visto na minha vida

muitas maravilhas, mas nenhuma ha mais rara, e, portanto, mais admiravel, que a de viverem em perfeita harmonia uma sogra com uma nora.

Podem ser ambas piedosas; -vêm-se até ir ambas confessar-se frequentemente. Ninguem ousaria dizer que commettem sacrilegio, porque ambas são sinceras e animadas de boas intenções.

Todavia não é raro malquistarem-se e martyrisarem-se mutuamente. E porque? Porque a ambas falta o bom senso para condescenderem facilmente uma com a outra. Que seria necessario para viverem felizes, e tornar feliz, em lugar de martyrisal-o, aquelle que supporta todas estas desavenças intestinas? Que a sogra dissesse: *E' verdade; seu marido é meu filho, ella é minha nora; ambos me devem respeito e deferencia; mas, em fim, estão casados. Um esposo, depois de Deus, deve amar sobre tudo sua esposa. Ella é a senhora da casa, porque é sua esposa. Se eu quizeria conservar meu imperio, não lhe devia dar meu filho.*

A nora, pela sua parte, deveria comprehender quanto custa a uma mãe passar a occupar o segundo lugar nas afeições do filho, depois d'haver reinado só e por muito tempo no coração filial. Deveria tornar-lhe suave esta transição, nunca esquecendo que sua sogra lhe merece todo o respeito por ser velha, e sua afeição filial por ser sogra. Deveria saber compensal-a, por todos os modos possiveis, do imperio que perdeu. Para isto, que devem fazer uma e outra? practicar as pequenas virtudes, moderando e reprimindo segundo as conveniencias, as pequenas paixões.

As pequenas virtudes operam muitas vezes milagres em occasiões em que elles seriam impossiveis ás grandes.

Certo *maire* vivia, ha muitos annos, malquistado com seu paroeho. Todos os esforços para reconciliar-os

tinham sido inúteis. Mgr. Cheverus, cuja admiravel doçura deixou na diocese de Bordeaux saudosas recordações, chega um dia á freguezia que, tanto tempo havia, presenceava tam deploravel inimisade. Vae a casa do *maire* que se mostrou admirado e vivamente reconhecido por tam honrosa visita. — Sr. *maire*, lhe diz o virtuoso prelado, *fazeis-me um favor?* — *Estou ás ordens de v. ex.^a rev.^{ma}*, respondeu o *maire*. Então Mgr. de Cheverus deu-lhe um abraço, dizendo-lhe: *Peço-vos que leveis este abraço ao vosso parochio*. O *maire* desempenhou a commissão, e logo se fizeram as pazes. A doçura e o amavel proceder d'um arcebispo, fizeram um prodigio que não teriam podido realisar as ameaças do poder ou os recursos do genio.



IV.

As pequenas virtudes são mais fecundas, mórmente porque contribuem poderosamente para fazer amar a piedade, fazendo amar as pessoas sobre quem derramam seu delicioso perfume. *Quero pertencer á religião de S. Francisco de Sales*, exclamava uma dama protestante, porque só a verdadeira religião é capaz de tornar um homem tam amavel. Assim pensam as almas subjugadas pelas graças da virtude, e nunca chegarão ao nosso conhecimento todos os prodigios operados por este admirado apostolado. Mas é facil tambem pensar-se de modo contrario quando ha a desgraça de se alliarem as exterioridades da piedade com todos os mais mes-

quinhos defeitos, e com todos os actos mais proprios a indispor os espiritos, um pouco delicados.

Ha por esse mundo uma classe de pessoas, cujo nome basta para excitar o sarcasmo. Quero fallar das mulheres que vivem no celibato. D'entre ellas vêmos muitas que nos edificam por seu exemplo e devoção, regosijam os verdadeiros servos de Deus por sua dedicação, indemnizam o Salvador da indiferença de muitos por seu fervor, e por seu zêlo prestam incalculaveis serviços aos ministros do sanctuario. Muitas vezes, deixaram-se ficar solteiras por confiarem n'uma promessa fallaz, por serem fieis a um coração voluvel, que para ellas tem ainda apenas uma honrosa recordação, ou por serem dedicadas para com seus paes, e sobre tudo por amor da virgindade: a maior parte resgatam por admiraveis virtudes os defeitos que apenas provém de sua posição. Seu isolamento é o resultado d'um sacrificio ou d'uma desgraça. Necessitando d'amar, são mães voluntarias dos que as não têm. Dedicam-se aos serviços dos pobres, dos orphãos, ou dos filhos d'uma irmã. As crianças, ainda envolvidas nas faixas infantis, vae uma d'estas mulheres embalar-as no berço. Mais tarde assiste-lhes nas doenças, veste-as e passeia com ellas. Lembra-se sempre d'um conto para entretel-as; nunca está sem um dôce para attrail-as; e sua reconhecida bondade dá-lhes jus á honra de receberem, no dia de seus annos, votos tam ardentes, quam desinteressados. Se, ás vezes, se indis põe, não é por habito. Tem pouca entrada na direcção da casa, e seus serviços são tanto mais gratuitos, quanto, por muito multiplicados, não provocam nem a attenção, nem a gratidão. (1)

(1) O mundo é flagrantemente injusto em se mostrar tam severo para com as nossas virgens christãs, amnistiando o celibato no homem. E, todavia, que é um celibatario? Ah! muitas vezes podia definir-se: *O egoismo dominado por uma criada.* (1)

Similhantes mulheres fazem amar a piedade e merecem nossa veneração. Mas bem pouco se parecem com ellas muitas outras que mostram haver tomado a peito inspirar profundo aborrecimento pela devoção, ou, pelo menos, fornecer aos muñdanos pretextos para calumniar-a !

Incarnação viva d'um ferrenho egoismo, a virgem de que eu fallo mostrar-se-á muito sollicita em ouvir a palavra de Deus, em confessar-se amiudadas vezes, em ganhar muitas indulgencias, explorar todas as capellas; mas será incapaz de dispendir um obulo para um fim pio. Ha frio em sua casa, até no mez d'agosto. Tem ella um coração ? Ninguém se atreveria a affirmal-o, a não serem seus auimaes favoritos. Desabrida e impertinente, o mais possivel, ralhará com sua criada, ainda que não seja senão para passar o tempo. Correndo a visinhança para saber novidades, repete-as, e discute-as, como se com isto tivesse em vista procurar occasiões de encolerisar-se.

Seu character de indisposição conserva-se sempre o mesmo: ralha sempre. Intolerante bem mais para com as pessoas que para com os principios, méde os graus de sua piedade pela facilidade que experimenta em scandalizar-se, e pelo zelo que desenvolve na maledicencia. Descontente e susceptivel, porta-se tam bem que acaba por perturbar a paz do sanctuario com suas murmurações e envenenadas conversas. Muito pouco mortificada para comsigo mesmo, leva a caridade ao ponto de mortificar os que a rodeiam: contribuindo assim para tecer-lhe mais bella grinalda no paraizo, mas sem reflectir que Nosso Senhor, com quanto a cada um re-

(1) Nesta nota, o auctor allude aos celibatarios seculares, e que o são por devassidão, ou egoismo; e não aos que abraçam por virtude e sacrificio este genero de vida. (Tr.)

commendasse a mortificação de si mesmo, a ninguém, todavia, confiou a bem fácil missão de mortificar os outros. Incapaz de amar ou de se fazer amar, parece toda occupada em vigiar as que tem esta felicidade, em perseguil-as, denegrir, como lhe apraz, sua reputação, e em prometter-lhes baixinho as penas eternas, como para se indemnisar a si mesma. Então molestará os ministros do Senhor com suas assíduas importunidades, e compromettel-os-á pelas exalações fetidas d'uma implacavel inveja ou desconfiança. Quem examinar seu teor de vida, quem a ouvir fallar, dirá que ella enoja a pobre humanidade no que soube tam pouco apreciar. Que digo? vive de modo que quem a vir approximar-se, de quando em quando, da Sagrada Meza se horrorisa de que n'aquelle poço de gelo, qual é seu coração, vá sepultar-se o corpo adoravel do dulcissimo Jesus.

Ah! o adoravel Salvador!... não foi esse o exemplo que elle nos deu. Que benevolencia egualou jámais a sua? Qual foi o homem que jámais se mostrou tam desvelado em prestar serviços, tam meigo e suave em receber a todos, tam divinamente encantador em seu olhar? *Prodigalisou-se todo em benefício nosso*: n'isto se resume sua vida desde o presepio até ao Calvario, que foi o ultimo acto d'esta sublime prodigalidade. Que admiravel paz e serenidade de espirito? Nunca a homem algum se offereceram mais occasiões de irritar-se: ninguém se viu nunca obrigado, como elle, a arrostar com perseguições e opposições das paixões grandes e pequenas: nunca pessoa alguma foi tam dôce na contrariedade, tam indulgente para com a fraqueza, tam paciente para com a importunidade!

Nunca o viram soltar-se ás expansões d'uma alegria desordenada; mas sobre seu rosto adoravel nunca se contemplou tambem essa tristéza morosa, para esconder-lhe a serenidade. N'elle a dignidade sempre se casava

com a mansidão. Basta contemplal-o n'esse espelho que se chama Evangelho para nos prostrarmos ante essa physionomia arrebatadora.

E que direi de sua condescendencia? Gracioso em seus discursos, affavel para com todos, a todos se accomoda para maior gloria de seu Pae, e maior alegria dos que o procuram e seguem. Convidam-no para as bôdas; sabe que toda a assembléa se regosijará com sua presença; vae com sua Mãe, e sua bondade chega a ponto de operar seu primeiro prodigio, para multiplicar esse licor do qual disse o Espirito Sancto que *alegra o coração do homem*. Acaricia e abençôa as criancinhas, acolhe bondoso as pobres mulheres, acceita a hospitalidade de Zacheu, o publicano, sem recusar a de Simão, o phariseu. Conversa com a Samaritana, sem se indignar da leviandade, quasi impertinente, de suas perguntas e respostas; recebe a Magdalena, bem como os seus perfumes, com uma indulgencia que chega a provocar indiscreta censura. N'uma palavra, sempre e por toda a parte se mostra, se bem que Deus, o homem da perfeita sociedade.

Não sei, minhas leitoras, se tendes alguma vez contemplado por este lado a admiravel vida e character de nosso divino Salvador; mas eu vejo aqui uma das provas mais palpaveis de sua divindade.

Nosso Senhor apparecia como Deus em face da humanidade; como tal se queria fazer adorar e escutar. Se fôra apenas um homem, isto é, um insensato, um impostor, que teria feito? Teria affectado, em suas palavras, em seus actos, em sua pessoa, alguma coisa de grandioso, d'exaggerado, alguma coisa que d'elle fizesse dizer: *Tem tam intima consciencia de sua divindade, que por esse lado nada o inquieta; e o que apresenta de mais adoravel em si é ser divinamente verdadeiro e divinamente natural.*

A natureza divina deixa-se vêr em toda a sublimi-

dade de suas perfeições; mas a natureza humana deixa-se vêr também em toda a singeleza de suas emoções legítimas. N'elle o homem nunca desaparece, e a natureza goza de todos os seus direitos: mas ao mesmo tempo patentêa as virtudes sem fraqueza, sem mancha e sublimemente divinas, por isso que dirigem e governam os sentimentos da natureza humana, estando d'harmonia com elles, quando bons. Ellas são por isso tanto mais verdadeiras, e é sua plena verdade que constitue sua divindade. Jesus Christo é virtuoso como um homem, que é, ao mesmo tempo, um Deus, — como um Homem-Deus. N'elle o homem e o Deus estão inteiros. O Deus pôde dizer: *Quem d'entre vós me arguirá do peccado?* mas o homem pôde dizer também: *Quem d'entre vós me convencerá de insensibilidade?* Eis precisamente o que nos seduz e encanta, como seduzia e encantava a multidão que após elle corria. Eis o que nos induz a imital-o, e o que o torna nosso modêlo, ao mesmo tempo mais perfeito e mais animador.

Procuremos, minhas senhoras, seguir os vestígios d'este modêlo divino. Se não podermos imital-o nas grandes virtudes, de que nos dá exemplo, imitemol-o ao menos, nas pequenas. Façamos por não cahir n'essa piedade aborrecida que fazia dizer a S. Francisco de Sales: *Ha pessoas que, á força de quererem ser bons anjos, se esquecem de que devem procurar fazer-se bons homens.* Evitae esta censura; sem omittir a practica das acções adequadas a alimentar a piedade, torna-e-a fecunda, fazendo-a amavel. Assim poderá dizer de vós quem aspirar o perfume que vossa alma exhala, o que se disse d'um ramo de laranjeira: *O fructo aqui não destroe a flôr.*

CAPITULO IV

A mulher que se enriquece e a que se arruina.

Eu não sou iconoclasta. — I. Piedade esteril. — II. Piedade fecunda. — Missão da mulher. — III. As obras cheias. — Melania. — IV. Meio de as tornar cheias. — Daes-me prazer.

Um dia offereceu-se-me occasião de visitar uma dama abastada, que, sem haver contrahido as obrigações do estado religioso, ou os encargos do matrimonio passava o tempo a rezar o roزاری, a tractar muito de si e a murmurar um pouco dos outros. N'uma palavra, ia arrançando sua vida de modo que se não cansasse para alcançar o ceu. Manifestando-lhe minha admiração pela sua philosophia, dirigiu-me as seguintes palavras, que me espantaram mais ainda: *Padre, sabeí que não sou iconoclasta.* (Os iconoclastas, como todos sabem, eram hereges que quebravam as imagens). — *E que entendeis vós por iconoclasta?* lhe respondi eu. — *Entendo, que logrando a insigne honra de ser a imagem de Deus, devo sobre tudo tractar d'esta imagem assim como tracto.*

I

Rides-vos, boas leitoras, e por isso me felicito; porque vosso riso me prova que repellis do coração semelhante justificação da preguiça e da sensualidade, com quanto seja subtil.

Não tenho eu personificado, n'este quadro incompleto, todas essas especies de devoções estereis, por meio das quaes julgam muitas ter feito bastante por Deus, quando tem apenas procurado evitar os remorsos provocados por um grande desregramento, deixando correr os dias uns após outros sem que hajam signalado algum com uma acção meritoria? Quantas ha que parecem ter receio de ser iconoclastas, mas que de nada se arreceiam tanto, como de magoar com sacrificios a imagem de Deus; como se não fôra o amor que cubriu de chagas e de sangue o corpo de Jesus, immolado pela salvação da humanidade.

Encontram-se, com effeito, pessoas que se entregam á devoção mais para que lhes proporcione um alimento que o mundo lhes recusa, do que para d'ella fazerem um instrumento de perfeição.

Mostrando no sanctuario uma actividade que n'outra parte não desenvolvem, medem sua piedade pelo numero de suas communhões, pela profusão de seus exercicios religiosos, pela multidão de irmandades a que pertencem, e pelo trabalho enfadonho que dão a seus directores.

Outras, collocadas n'uma posição ordinariamente mais

elevada, e vivendo, em *rasão* do seu estado, n'uma sociedade cujos perigos e escandalos sabem evitar, não caem nos erros que acabo de aponctar, mas tem a triste habilidade de perderem o tempo, sem gloria de Deus, nem proveito proprio. Cercam-se de grande numero de obrigações factícias, de sorte que parecem procurar, de proposito, cohonestar sua ociosidade real com um sem numero de occupaões apparentes. Aqui, está uma criança que se estraga com mimos; acolá amigas para receber ou visitar, para dizerem umas ás outras coisas, cujo conhecimento já todas sabem ser-lhes perigoso. Em fim, tem que dar seus passeios, suas compras a fazer. Tudo isto se espaça, se procrastina, interrompe, e começa; e, n'um dia, prodigiosamente encurtado por um somno inutil, e tam levemente gasto em desleixos e negligencias, difficilmente sobra algum tempo para a leitura d'um romance, (1) para um bordado de novo gosto, para tocar uma peça de piano, e para dar uma vista d'olhos ao folhetim d'um jornal. (2)

- (1) A leitura de romances é, por via de regra, assás prejudicial, por isso que pouquissimos são os que pôdem ler-se sem receio.
• Ouçamos o que, sobre tal assumpto, diz um escriptor competentissimo:

« A leitura de romances não exerce menos lamentavel influencia (que os espectaculos, de que falla antecedentemente) no desenvolvimento das paixões, mórmente d'algumas, como são a ociosidade, o medo, o amor, a devassidão, e o suicido, quer pela imitação, quer pelo desgosto que causam da *vida real*. O menor inconveniente d'estas producções, geralmente frivolas, é inspirar tedio das leituras serias, e lançar o espirito n'um *phantasiar enervante* que o faz correr após entes imaginarios, que em si reúnem o ideal da perfeição. Por uma cénena de romances, verdadeiramente moraes, que a custo, se encontrarão em nossa litteratura, milhares d'elles ha que sómente corrompem o espirito, e pervertem o coração. (Descuret, *Medecine des passions*, tom. 1.^{er}, pag. 126). (Tr.)

(2) Entre as perigosas leituras, diz um medico moralista, não podemos deixar de aponctar a maior parte dos folhetins. « Esta litteratura viva, vigilante e audaciosa, á qual não se põe freio algum,

Deus compra-se com o tempo, diz S. Bernardo, *pois é com o tempo que podemos ganhá-lo.*

Nada direi de certas pessoas que não sabendo que fazer do tempo o passam a cuidar de si. Se houveram tido a desgraça de serem immortaes, seriam os entes mais miseraveis. A vida que nunca receariam perder não seria para ellas de valor algum. Estas pessoas precisam de medicos que as ameacem para lisongeal-as, e que lhes dêem todos os dias o unico prazer de que são susceptiveis : *o de não estarem mortas!*

Seguramente. semelhante vida é muito esteril para ser pia; os passos que dão os que a vivem não são os passos do amor. O amor não é só circumspecto, timido e delicado, é tambem activo, vîgilante e fecundo. Sollicito sempre que se tracta d'agradecer ao objecto amado, não conhece medida em suas manifestações. Tem por nada a fadiga, e procura mesmo fazer mais do que póde. Vêde-o no Salvador! Vede se elle é esteril, se se tracta, se cuida de si, como vós fazeis. Amava-nos o adoravel Salvador; e por isso, repousou sua cabeça nas palhas d'uma mangedoura, trilhou descalço as pedras do deserto, e sentou-se para descansar juncto ao *poço de Jacob!* Amava-nos; por isso é que seus discipulos o viram suar sangue e agua no *Jardim das Oliveiras*; por isso é que podemos contemplal-o offerecendo ás multidões ingratas seu semblante obscurecido pela ignomi-

não tem acaso seus perigos para a sociedade? pergunta o doutor Barbaste. Não tem o pudor e a decencia nada que temer d'essas personagens nuas ou decotadas que todos os dias se offerecem aos olhos de milhões de leitores?» Por certo que nem a todos os romancistas cabe semelhante censura; mas a maior parte d'elles, pela escolha de seus typos, tirados das tabernas, das prisões e do pessoal da *Gazeta dos tribunaes*, mostram-se para assim dizer, apologistas do vicio, da devassidão e do crime. *Décuret, Médecine des passions*, tom. 2º, pag. 125) (Tr.)

nia, e levando ao Calvario, semi-morto de cansaço, a cruz em que devia morrer.

Uma alma para ser pia regulará sua actividade por forma a tornar-a fecunda.

Para isto que importa fazer? Crear occupações extraordinarias, obrar maravilhas? Não: pois, a ser assim, deveríamos concluir que a perfeição não póde attingil-a a immensa maioria dos homens, porque a maior parte estão condemnados a sanctificar-se no circulo monotonico d'uma vida muito vulgar. A Igreja honra sanctos e sanctas que o foram em todos os estados. Sancta Genoveva era pastora, Sancto Isidro lavrador, S. José artista, e Maria, a mais pura, bem como a maior das criaturas, não passou d'uma serva, ou d'uma pobre mulher de casa.

II

O que Deus nos ordena é que cumpramos, primeiro que tudo, nossos deveres para com elle. Assim a mulher pia terá sempre tempo de invocal-o pela oração de manhã e á noite em companhia de seus filhos; disporá as coisas de modo que vá, eom frequencia adoral-o juncto dos altares, assistindo ao incruento Sacrificio; visit-o-á, de quando em quando, para quebrar o silencio que reina em seus templos, e alimentar o espirito com todos os exercicios proprios a fortificar seu fervor, sem desenfeitar sua piedade.

A mulher pia desempenhará depois todos os deveres inherentes a seu estado. Mãe de familia viverá de

modo que, poderá, sem orgulho, reconhecer-se no quadro que o Espirito Sancto nos traça da mulher forte.

Ninguém pôde, sem emoção, contemplar a benefica actividade que desenvolve a boa mãe de familia na direcção de sua casa, a fim de que o marido, ao voltar de seu trabalho, tudo encontre em bom arranjo, e traga seus filhos com limpeza e aceio, não os deixando passar nem fome, nem frio. Muitas vezes, ao canto d'uma sala, ao lado do berço de seu filho, está o leito do avô que, depois de trabalhosa vida, vive do pão de seus filhos. Para prover a tudo, a boa mulher é primeira a levantar-se e a ultima a deitar-se. Se lhe sobra um momento de descauço por terminar sua tarefa do dia, lança mão da agulha, e faz ou remenda a roupa de toda a familia. Sollicita de tudo o que aos seus interessa, só ella se inquiéta com as doenças d'elles, provê ás suas precisões, faz apparecer o que é necessario, aplaca os crédores, faz innocentes esforços para occultar a miseria commun, e, no meio de seus cuidados e dissabores, ainda tem uma palavra meiga que lhe sae do coração, uma caricia para animar seu marido, consolar seu pae e alegrar seus filhos! Boa mulher, vê-vos Deus, ama-vos Maria!

D'est'arte a mulher forte vive satisfeita, em si mesma concentrada. Em logar de procurar cá fóra distracções que enjôam, triumphos que desprestigiam, põe sua gloria em bem governar esse pequeno reino que se chama *uma casa*. Consagra seu genio ao serviço do coração, a fim de que, sob seu imperio, reine a paz e a ordem, e todos vivam satisfeitos. Nos momentos de descauço, orna o espirito com leituras escolhidas e serias; não para fazer-se uma mulher de *espirito*; Deus preserva-a de tal doença; mas sim para se mostrar discreta n'uma reunião, conservar com seu esposo a communhão de intelligencias, tam adequada a estreitar a união dos co-

rações, e, quando fôr necessario, defender com uma boa resposta a religião que, bem mais que a juventude e a belleza, a torna uma rainha. Em fim, se, ás vezes, sae de casa, é para visitar os doentes, soccorrer os pobres, consolar os afflictos, e cubrir-se das benções dos desditosos, semeando por onde passa o que Deus mais lhe leva em conta — as boas obras.

As boas obras! — Oh! felizes os que se enriquecem, multiplicando-as! O arrependimento tem muitas portas por onde entre n'uma alma, mas nunca lá penetrará pela recordação d'uma acção boa. Deus não se esquece d'ella na hora marcada por sua misericordia, mesmo quando nos esquecemos nós.

Um padre confessava um velho soldado na hora da morte. Mostrava elle tam grande dôr de suas faltas e, ao mesmo tempo, tam profunda alegria, acompanhada de esperanza, que o padre, admirado, lhe perguntou se, investigando sua vida passada, se não recordava d'alguuma notavel acção boa. — *De nenhuma*, respondeu o soldado, *só me recordo de minhas iniquidades.* — *Pois o vosso estado então é para mim mysterioso; vêde se vos recordaes de haverdes practicado alguma boa obra, ainda mesmo sem pensar muito no que fazeis.* — *Ah!... agora mesmo me lembro d'uma, mas d'uma só. Estava eu na America. Encontrei juncto d'um regato uma preta que tinha um filhinho nos braços, e se dispunha a lançal-o á agua. Occorreu-me de repente um bom pensamento e disse-lhe: « Mulher, queres tu que teu filho seja christão? » — Christão?... seja-o sim, respondeu ella, mas não escravo como é sua mãe. Peguei na innocente criança, baptisei-a e tornei-lh'a a dar. Se foi boa esta acção, é a unica que fiz em minha vida.*

Deus lembrou-se d'ella no momento supremo. As lagrimas, a alegria, a caridade que trasbordavam do coração do velho militar eram a recompensa d'aquelle

baptismo no momento extremo; pois está escripto que Deus não esquece um copo d'agua offerecido, em seu nome, pela mão caridosa ao infimo de seus filhos.

Entre as boas obras, a mulher caridosa deve contar um amavel e prudente apostolado.

Conta-se que o imperador Conrado, cercando uma praça da Allemanha, e transportado de cólera, porque a guarnição se não queria render, jurou passar ao fio da espada todos os habitantes. D'ahi a pouco a praça entrega-se á discrição, e Conrado, persistindo em sua ira, dispunha-se a cumprir seu juramento. Todavia, como por um resto de bondade, fez saber ás mulheres que lhes permittia sair da cidade, *levando tudo o que pudessem levar de mais precioso*, antes que elle ordenasse o morticínio. Mas qual não foi seu espanto, quando as viu desfilar por deante de si, levando umas os maridos, outras os filhos ou os paes!

Ah! uma virgem pia, uma esposa verdadeiramente dedicada, uma virtuosa mãe devem procurar afastar-se do mundo, e apparecer um dia deante de Deus como outr'ora essas mulheres generosas appareceram deante d'aquelle imperador: quero dizer, levando nas azas de sua caridade as almas d'esses entes tam caros, cuja salvação devem procurar alcançar-lhes por todo o preço, ainda que não fosse senão a fim de podêl-os amar sempre.

Póde dizer-se que as mulheres governam o mundo, porque governam quasi sempre os que o governam. Deus dirige o universo apesar da liberdade do homem, e attinge sempre seu fim apesar dos obstaculos que lhe suscita esta liberdade, *porque tem na sua mão o coração de todos os homens*, e quando tem o coração d'elles, tem tudo. Ora, a mulher governa um pouco o mundo, á semilhança da Providencia, reinando nos corações. Mãe, domina ella no coração do filho; esposa, impera no co-

ração do marido; filha, são para ella as mais ternas affeições paternaes, e, se me pedis o segredo d'este imperio, repetirei apenas o que sabeis melhor que eu: *ha um encanto a que se não resiste, — a graça da fraqueza: — e é isto o que fez que alguém dissesse: Que para uma bella pretendente tem a belleza mais força que um motivo bem justificado da pretensão.*

Imprimiu Deus todo o seu poder nos olhos d'uma mulher, disse não sei que poeta. Não sei se fallou verdade, mas o que sei é que Deus nunca se apodera do coração da mulher por sua virtude, sem pôr em seu serviço recursos infinitos.

S. Jeronymo, o mais austero dos doutores da Egreja, escrevendo a uma nobre dama romana cujo pae se achava ainda abysmado nas trevas do paganismo, ensina-lhe um estratagemma que lhe parece infallivel para obter a conversão d'uma alma tam preciosa: *Lance-se vossa filhinha, diz elle, ao pescoço de seu avô, faça-lhe caricias, e abrace-o fallando-lhe de Jesus.* Qual é o homem de sessenta annos que nada aprende de sua filha? Qual o pae indifferente que não havendo conhecido a Deus, durante a sua vida, apesar das visitas que elle faz a seu coração, e vendo uma criança adoral-o de joelhos todos os dias, ou approximar-se, pela vez primeira, da Sagrada Meza dos anjos, não descobre, na simplicidade d'aquella oração, na paz d'aquella alma, alguma coisa do mysterio que se lhe approxima do coração para seduzil-o por tão sublime scena. E depois como resistir a um anjo de dez annos que lhe prodigalisa mil meiguices, e o ama com o mais puro, mais sincero e mais dôce amor?

Ternura e sublimidade das vistas de Deus! O céu dirá quantas almas hão sido o fructo d'esta ultima violencia feita ao coração d'um velho pela verdade! Dirá quantos paes que nada viram, nem comprehenderam,

despertaram, no leito da morte, do somno do erro, e adoraram, entre os suspiros extremos, o eterno Amor que se lhes patenteava na fôrma angelica d'uma filha querida!

Não é menor o poder da esposa virtuosa sobre o coração do esposo. A despeito a altivez que lhe provém da força e da razão, o homem, aos trinta annos, poderá, bem como outr'ora Clovis, esquecer-se de seu Deus, e postergar o destino de sua alma, correndo impaciente após o ouro e a gloria. Poderá sim desprezar a voz do padre, bem como o rei dos Francos desprezava outr'ora a palavra dos bispos. Poderá, na embriaguez das paixões, persistir, por algum tempo fiel, a seus idolos, e correr após suas ambições, sem cuidado do futuro: mas se a divina Providencia collocou juncto do *altivo Sicambro* (1) uma esposa segundo seu coração, uma esposa graciosa, delicada e dedicada; uma esposa a quem os desgostos e pesares não obstem a que sempre se mostre amavel, e a que espere sem impaciencia a hora de Deus, ah! não accrediteis que aquella alma continue na rebellião. Ha supplicas, palavras, silencios, lagrimas que são para o coração do esposo ataques temiveis, a que não póde resistir. Ainda que não seja muita a graça que Deus sobre elle derrame, uma visão mysteriosa surprehenderá o guerreiro nos campos de Tolbiac, e conduzil-o-á convertido ao adro de Reims, para adorar o Deus de Clotilde (2).

(1) Aqui toma-se por homem *duro, forte, valente, e indomavel*, como eram outr'ora os Sicambros, povos da Germania septentrional que, por muito tempo, resistiram aos romanos. Mais tarde estes povos se confundiram com os francos. (Tr.)

(2) Clotilde, esposa de Clovis era christã; o marido idolatra. Os francos já se achavam, n'aquelle tempo, em grande parte convertidos ao christianismo. Clovis, para armar á popularidade, fazia respeitar a religião e protegia os bispos; não se resolvia porém a

Mas cumpre que Clotilde (1) saiba preservar-se d'essa piedade absorvente que se torna enfadonha á força de correctã.

Cumpre que Clovis (2) não conheça a acção do padre sobre a esposa, senão percebendo os beneficios das virtudes que elle inspira e das delicadezas que elle anima.

Anjo de doçura, a mulher, verdadeiramente generosa, terá sempre a peito na medida de sua influencia diffundir em roda de si a paz, manter a concordia, evitando os choques desagradaveis, conciliando as opposições, esfriando as cóleras, e inflammando as affeições tepidas.

Similhante ao cipó odorifero e florescente, que se apegã a um ramo e a outro ramo, nas virgens florestas do novo mundo, para d'ellas fazer impenetraveis caramancheis, a graça flexivel e insinuante d'uma esposa dedicada saberá entrelaçar-se com todas as edades, todos os caracteres, todos os estudos da vida para os approximar, semeando a paz em seus corações.

Similhante ao arco-iris, cujas côres encantadoras socegã o peregrino, presagiando-lhe o fim da tempestade, saberá, tambem ella, por seu dôce sorriso animar todas as fraquezas, desanuveã todos os horisontes, dis-

abraçar o christianismo. As exhortações da esposa o moviam bastante, e pouco a pouco o iam dispondo : mas depois que venceu os allemães na batalha de Tolbiac, e attribuindo sua victoria ao Deus de Clotilde, que invocara antes do combate, recebeu o baptismo das mãos de S. Remigio, bispo de Reims, e com elle o receberam logo tres mil de seus soldados, sendo este exemplo pouco e pouco imitado pela maior parte dos subditos não catholicos ainda. A victoria de Talbiac é ainda hoje de tradições quasi tam gloriosas para os francezes como para nós a de Ourique. (Tr.)

(1) Toma-se aqui pela esposa christã. (Tr.)

(2) Toma-se aqui pelo esposo a quem a esposa domina, exhorta, converte e move (Tr.)

sipar todos os temores, dourar todas as nuvens. E que digo? Similhante á harpa de David que aplacava os transportes e furia de Saul, e fazia volver ao estado normal seu espirito excitado, a mulher ao mesmo tempo dôce e forte, saberá com uma voz celeste aplacar os odios, suffocar os rancores, dispôr ao perdão, acalmar as cóleras, e conjurar as tempestades.

III

Todavia não basta trabalharmos muito, importa que nos exforcemos por bem fazer cada uma de nossas acções, pois é n'isso principalmente, que consiste nosso merito perante o Senhor. O que nos empobrece ou enriquece aos olhos do Senhor, não é a acção em si, mas o modo porque é feita. Nossas obras são como o grão mysterioso de que falla o Evangelho, quando nos diz que elle produzia, trinta, sessenta e ainda cem. O grão era o mesmo, mas o resultado era differente. N'este mundo todos somos semeadores. Uns semeiam mais, outros menos, mas no dia da safra, os mais ricos nem sempre serão os que semearam mais: ha muitos que depois de incessante trabalhar acharão as mãos vazias no dia de juizo, porque suas acções não foram cheias deante de Deus, segundo as palavras do Espirito Sancto: *Escreve isto ao anjo de Sardes: «Conheço as tuas obras; passas por vivo e estás morto. Prescrutei tuas acções, e não as achei plenas na presença de meu Deus.»* E que é necessario para que uma acção seja cheia deante de Deus? Importa primeiro que seja moralmente boa,

isto é, que nada tenha contrario á lei de Deus, e ás inspirações da consciencia. Importa tambem que seja feita em seu tempo e em seu lugar. Isto nos faz comprehender as vantagens e a tranquillisadora certeza que nos garante a santa virtude da obediencia. O religioso ou a religiosa que obedece em tudo á sua regra e aos seus superiores, não lhe dá cuidado a natureza de suas obras; sua vida é por si mesma tam bem ordenada, que, aos olhos de Deus, nada ha mais perfeito. Para que uma acção seja plena, cumpre que seja practicada em estado de graça; pois é uma verdade de fé que uma acção, feita em estado de peccado mortal, não terá merito para a eternidade, com quanto possa dispôr sempre o Senhor a conceder-nos as graças de que necessitamos para sair d'esse estado deploravel. Isto nos mostra quam providentes são as almas que se confessam amiudo; por que a confissão torna sua vida mais fecunda, ainda que só as conserve na vida sobrenatural que aquilata em valor as boas obras. Em fim para que uma acção seja plena, cumpre que seja practicada com intenção pura, isto é, que deva ter, senão por unico motivo, ao menos por supremo movel a gloria e o agrado de Deus. A pureza de intenção!... Nada ha mais simples, mais natural na apparencia, e, com tudo, quanto é difficil ao homem animar-se d'ella n'um só acto de sua vida, de maneira que o não manche nem o interesse, nem o amor proprio. Tam facilmente nos entregamos ás maiores fadigas por amor do ouro, por amor da gloria e dos gozos da terra, mas, por amor de Deus, é raro que nos cansemos.

Melania, nobre dama romana, ouvira fallar d'um famoso solitario chamado Pembo, que habitava no deserto, nas cercanias de Alexandria. Assentou comsigo ir pedir-lhe conselhos. Como era tam rica, como piedosa, levou comsigo tresentas libras de prata, partiu e chegou á

cella do sancto patriarcha. Pembo estava sentado no chão, com os olhos abaixados e muito occupado em fazer esteiras. Melania faz-lhe seus cumprimentos e diz-lhe, presentando-lhe a esmola : *Sancto monge, aqui tendes trescentas libras de prata, que vos trago para vossas necessidades e para as de vossos irmãos que vivem no deserto.* O sancto velho longe de responder, nem sequer levantou os olhos. Melania, muito admirada de se encontrar em presença d'um personagem, mais extraordinario ainda do que pensava, continúa, depois de breve silencio: *Sancto monge, são trescentas libras de prata.* Então Pembo, sem erguer os olhos lhe diz: *Senhora, é para mim esse presente? Se é para mim, tornae a leval-o, pois não será elle para vós de merito algum. Se é para Deus, o Deus que pêsá os mundos, o saberá pesar tambem, sem que se torne necessario que digaes o seu pêso.* Melania se retirou, e, se veio sómente buscar conselhos, devia retirar-se satisfeita.

Todos nós somos um pouco como Melania. Se fazemos algum bem, folgamos de que todos o saibam. O amor proprio é mais habil que o mais habil homem do mundo, e muitas vezes a virtude não iria tam longe, se não tivera a vaidade pór companheira.

Não obstante o divino Salvador a todos nos dá este aviso: *Guardae-vos de mirar, em vossas boas obras, á admiração dos homens e a seus vãos louvores, pois estas obras, assim practicadas, não as remunerará meu Pai que está nos Céus.* Isto comprehende-se. Sendo Deus o auctor de todas as coisas, a elle só pertence a gloria, como o rendimento d'uma propriedade pertence ao proprietario. A gloria é propriedade sua; pertencê-lhe, e elle ha de reivindicar-a sempre para si. Ora, quem sómente se propõe em suas acções a satisfação da vaidade da do egoismo, rouba a Deus o que é de Deus. Committe para com Deus um grande roubo, apoderando-se

de homenagens que se devem só a elle. Assimilha-se a uma esposa infiel que se atavia para agradar aos outros e não ao seu esposo. D'esses disse o Propheta: *Semeastes muito, e colhestes pouco; comestes e bebestes, mas nunca vos saciastes. Vestistes-vos, e a roupa não vós pôz a coberto do frio; amontoastes muitas riquezas, mas fostes lançal-as n'um sacco furado.*

Sereis mais previdentes, amaveis leitoras: semeareis no amor para colherdes o centuplo do que houverdes semeado.

Assim cumprireis este preceito do Senhor: *E' necessario orar incessantemente*, porque, diz Sancto Hilario, é orar incessantemente obrar sempre pela gloria de Deus. Isto bem se concebe: uma acção bem practicada é um acto d'amor tanto menos suspeito, e tanto mais meritorio, quanto mais custoso elle é; uma vida, repleta de boas acções, é pois um acto d'amor perpetuo, e, por consequencia, uma prece sem fim, segundo as palavras do Espirito Sancto: *O que observa a lei multiplica a oração.*

IV

Mas como chegaremos nós a bem practicar todas as nossas acções? Tal é a ultima questão que nos resta resolver. Primeiro devemos procurar fazel-as todas em particular, como se, n'um momento dado, tivessemos que occupar-nos d'uma só. Assim, estaes, por exemplo, na egreja a ouvir missa; ouvi missa sem pensar nas occupaões que vos esperam em casa. *Omnia tempus habent*, cada coisa tem seu tempo, nos diz o Espirito Sancto, e a primeira condição d'uma vida bem regulada, exprime-a este adagio: *Age quod agis*, faze o que

estás fazendo. Quantos ha que fazem sempre o que ellas já fizeram hontem, ou farão ainda amanhã, e nunca fazem o que fazem hoje!

O segundo meio, bem efficaz para tornar nossas obras plenas deante de Deus, é fazermos cada uma d'ellas como se fôra a ultima. Com que fervor cada um de nós oraria, se confessaria, ou commungaria, se pudéra dizer com infallivel certeza: *Depois d'esta oração, d'esta communhão, d'esta confissão, morrerás! Bemaventurado o servo*, diz o Espirito Sancto, *a quem o Senhor, quando chegar, encontrar tam bém prevenido*. Logrará elle entre todos o privilegio incomparavel de não ficar surprehendido.

Um terceiro meio bem proprio a dar valor ás menores acções, consiste, seguramente, em fazel-as na presença de Deus. Quantas ha que não praticariamos, ou praticariamos d'um modo totalmente diverso, se poderamos dizer: *Alguem me vê*. E isto mesmo quando só uma criança fosse a testemunha. Quantas pessoas ha que nunca estão tam á vontade, senão quando podem dizer: *Ninguém me vê!* Pois bem: lembremo-nos de que nos está sempre vendo um olho vigilante, cuja vista não obscurecem trevas algumas; que este olho é o olho de Deus que vê mais que todos os homens. S. Francisco de Sales levantava-se, deitava-se, orava e trabalhava quando estava só, como se o contemplára uma grande assembléa. E' o testemunho que d'elle deu o bispo de Belley, depois de o haver por muito tempo *espreitado*. Equivalia a dizer que era um sancto, porque só os sanctos são capazes de dar um desmentido a esta maxima d'um profundo pensador: *Se fôra dado a escolher a qualquer homem ser todo inteiro conhecido, ou todo inteiro ignorado, por maior que seja o horror que temos á obscuridade, não ha quem não preferisse ser todo inteiro ignorado a ser todo inteiro conhecido*.

Em fim para evitar esta liga impura que, ás vezes se mistura com nossas attensões, as mais puras apparentemente, aconselham os sanctos, mais que tudo, a uma alma piedosa que se subtraia aos olhos do mundo, quanto em si couber, o conhecimento de suas boas obras. Se ella é prudente e generosa, bem como uma bella esposa, saberá furtar-se ás vistas profanas, para se não descobrir senão ao seu amado. E' o conselho que nos dá Nosso Senhor quando nos diz: *Quando derdes a esmola, não veja a esquerda o que faz a direita.*

Quando nossas boas obras não podem ficar ignoradas, e d'ellas nos resultam alguns louvores, diremos com o propheta: *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.* E para assim fallarmos com um coração sincero que é necessario? Reflectirmos um momento em nosso proprio nada, para fazermos do que somos um *verdadeiro* conceito, pois então a humildade nada mais é que o bom senso.

Uma mãe, por exemplo, ao approximar-se um dia de festa, quer proporcionar a seu filhinho um agradável prâzer. Mette-lhe uma penna na mão, dirige esta mão, dicta os pensamentos, os sentimentos, de modo' que arranja uma cartinha que a criança entrega a seu pae. Este, apparentando admiração, abraça o filho e faz-lhe mil caricias. Que o filho se surprehenda tambem, nada admira; mas, se é justo, que fará? Dirige-se á mãe, leva-lhe o beijo que lhe deu seu pae, e diz-lhe: «Minha mãe, foi por vosso intermedio que dei tanto gosto ao pae; foste tu que me déste a tinta, o papel, a penna; fostes tu que pozeste em minha carta teu *talento* e teu coração; tu que guiaste minha mão. Eu, senão fôras tu, nada pudéra fazer; e tu melhor te arranjarias sem mim; recebe pois com toda a justiça o beijo que meu pae me deu.» Pois bem; por mais gloriosas que sejam nossas obras, somos nós a criança, Deus é a mãe.

Mais duas palavras, minhas senhoras, para animar-vos a multiplicar as boas obras, sanctificando-as. Quarenta annos ha, atravessava Pio VII. a França para voltar á cidade eterna, e um dos mais ricos negociantes d'uma cidade do sul lhe offereceu uma preciosa estola, admiravelmente bordada. Pio VII. recebendo o presente, diz-lhe: *Senhor, daes-me prazer.* Ouvindo estas palavras o generoso negociante, exclamou n'um transporte de alegria: *Eis o dia mais feliz de minha vida! Dei gosto ao primeiro personagem do mundo, ao Vigario de Jesus Christo!*

Mulheres generosas que viveis piedosamente inquietas por não saberdes se amaes a Deus, contaes um pouco as obras, os sacrificios, as sanctas resistencias que signalaram o decurso de vossos dias. Examinaes quantas vezes correspondestes ás inspirações da graça, apesar dos murmurios da natureza. Se o exame vos fôr propicio, ah! podereis dizer então cheias de jubilo: No paraizo me espera uma corôa, *dei gosto* não só ao Vigario de Jesus Christo, mas ao proprio Jesus Christo. (1)

(1) Uma celebre dama que tinha tanto talento, como coração, costumava, ao despertar, dirigir a Deus esta bella préce: *Senhor, permitti que eu faça hoje alguma coisa que possaes recompensar.*

CAPITULO V

A mãe e o filho.

*Que encanto é este?—I. O berço.—Os grandes caracteres.
—II. O que pôde uma mãe.—O peccado original florescendo.—III. O sacrificio.—O amor maternal.—IV.
A mulher timorata.—A benção.*

Mãe!... Depois do nome de Deus, é este nome a palavra mais dôce, bem como a mais sagrada em todas as linguas humanas; é o nome bemdicto que soltamos do coração, antes mesmo de lhe sabermos a significação, e cuja recordação deixa na memoria, atravez de todas as humanas aventuras, um perfume que jámais se extingue.

Que encanto é este? Ah! é que a mãe sobre a terra é a mais dôce e mais pura personificação do amor. Ao passo que em seu rosto refulge o mais encantador sorriso, seu coração é o mais abundante deposito do amor. Encerrados nove mezes no seio de nossa mãe, dormimos nove mezes sobre seu coração cujas pulsações foram o primeiro impulso de nossa vida. Quando ella nos recebeu, a primeira vez, em seus braços; quando, pela primeira vez, nos contemplou, sem saciar-se de olhar para nós, e extasiando-se na visão de sua imagem, sentiu um como poder mysterioso que a attrahia a nós.

Disse-lhe seu coração que esse ente a que tanto

quer, esse ente tam fragil, não poderia viver senão por seu amor, e só crescer por sua dedicação. As necessidades de seu coração, as fraquezas d'esse infante, as sympathias que formavam nexo entre essas necessidades e essas fraquezas, ensinaram-lhe que amar até immolar-se é a lei especial de sua vida. Bem como a seiva corre e se diffunde da arvore pelà ramagem para desabrochar em flores, presagas de fructos, assim a mãe comprehendeu que a ternura deve, sem nunca extinguir-se, brotar de seu coração, para criar esse ser fascinante que, muito breve será a mais bella flôr de sua vida, e mais tarde o mais bello fructo de seu amor! A ella, pois, cabe de direito, como o mais fecundo manancial de suas alegrias e dôres, ser a guarda vigilante d'esse deposito sagrado que chamamos *berço*!

I

O berço!... Tendes acaso reflectido, minhas leitoras, na magestade que deve ter, para uma mãe christã, essa especie de *concha* que chamamos berço? Contemplae agora aquelle botesinho de junco que se baloiça lentamente nas aguas do Nilo. O viajante que o vê, ao passar pelas margens do rio, contempla-o, um momento, com um sentimento de curiosidade, mesclada de indiferença, depois continúa seu caminho, sem mesmo perguntar o que elle contém. Encerra, com effeito, um menino, uma pequenina criança, que nem sequer tem consciencia do perigo que corre, e só póde ainda fazer tres coisas: dormir, chorar e sorrir! Oh! é bem pouco ainda! mas esse cestosinho contém o castigo de Pharaó, os prodigios do mar vermelho, as taboas do Sinai,

a gloria de Sion, os destinos de Israel, a luz do mundo,—contém Moysés! Ora, de todo o berço se póde dizer, em certo sentido, o que acabo de dizer do de Moysés: cada berço contém, em parte, a esperança do mundo, porque contém, em parte, o seu futuro.

Essas mãosinhas delicadas e polpudas que apenas começam a ter força para segurar um objecto de brinquedo, essas mãos, um dia empunharão um sceptro. Essa fronte pura a que vossos labios applicam um beijo, será, um dia, a séde de grandes pensamentos. N'esse peito que leve respiração faz apenas pulsar, far-se-ão, muito breve, ouvir os rugidos de fortes paixões. Se sois vós o mundo d'hoje, será o infante o mundo d'amanhã. Não esqueçamos que grandes destinos aguardam este ser tam indifferente e tam caro. Poderá chamar-se um dia Nero ou Vicente de Paulo, Robespierre ou S. Francisco de Sales! O infante é bello como a *esperança* de seu pae ou de sua mãe; é bello como a *esperança* dos anjos, a um dos quaes foi confiada a guarda d'elle por divina missão.

Cara e amavel creatura, encanta-nos ella por sua côr, tam pura como a roza, tam linda como os amores, por seu vivo e dôce olhar, por seus loiros cabellos, e por essa fronte, cujo brilho nenhuma nuvem empannou ainda! Alma candida e pura, lustrada, ha pouco, nas aguas do baptismo, ainda não sentiu os furacões das paixões, tumultuando-lhe no coração e perturbando-lhe o dôce somno; sua candura não a viciaram ainda os calculos do egoismo. Ainda seus labios os não manchou a mentira. Ainda esse menino não commetteu uma só indignidade com reflexão. Flôr fresca e brilhante, ainda humectada pelo rocio matutino, desabrocha-se jubilosa aos raios de seus primeiros soes. Ignora o passado, sorrí para o presente, não se arreceia do futuro. Seus dias ainda acabam, como começam, por uma

préce ou por um sorriso. E' o cordeirinho que dorme, mansinho como a innocencia, n'uma floresta povoada de fêras, e, se já sonha, sonha fagueiros e angelicos sonhos.

Quem velará por este thesouro de parceria com o anjo do Senhor? O pae? Oh! o pae! seus deveres não podem circumscrever-se á ternura só. Pela manhã, antes de transpôr o limiar da porta para voltar a seu trabalho ou a tractar de seus negocios, parará talvez um instante juncto do berço onde dorme ainda a criancinha: levantará com sua mão robusta uma poncta dos pannos delicados que cobrem o anjo dormindo; mas, já preocupado com os cuidados que consigo traz o dia que começa, sorri e parte. A vista de seu filhinho lembra-lhe que d'ora ávante tem que ganhar mais uma vida que a sua, e que este novo hospede, enviado por Deus a seu lar, deve estimulal-o a desenvolver mais actividade em seu trabalho. De tarde, voltando a casa, depois de concluida a tarefa do dia, receberá um momento ainda em suas mãos robustas, ainda que não seja senão para se dispôr ao repouso, este fructo de seu coração, que lhe faz mil caricias; mas fazendo isto, dirá no intimo de seu coração: *Pela minha parte, esforçar-me-ei, quanto minhas forças o comportem, porque, se elle chorar, não chore de miseria.*

A' mãe confiou Deus o dôce e penoso mister de velar a cada instante por este thesouro. Confiou-lhe primeiro a sua amamentação, se ella o póde fazer, porque é esta uma lei da Providencia. A mãe que amamenta acaba de crear seu filho. Bem como dentro, continúa fóra de si a communicar seu sangue ao seu sangue, sua carne á sua carne, e assim cada vez mais se faz mãe. Sua belleza não a conserva ella toda, senão quando dá o seio ao seu filho, que ahi bebe essa vida que a mãe lhe infunde n'um leite nutritivo, como lh'a infundia em

seu sangue gerador. Enfraquece-se com isto, bem o sei e ninguém o ignorá, mas se é ao mesmo tempo generosa e forte, preferirá impôr-se este augmento de fadiga a confiar seu thesouro a uma mãe mercenaria, a sentir que outro sangue se misturê com seu sangue, e que esse ente, que tanto ama, sorria para outra face que não seja a sua, e que, ás vezes, *uma fêra cruel, machando-o, devore seu filho!*

A' mãe toca tambem *educar* seu filhinho, e entre todos os misteres da criação, não é este o menos longo, nem o menos doloroso. A ella está confiada a missão de abrir o espirito infantil ás visões da fé, de ensinar-lhe a misturar seu nome com os dôces e bemdictos nomes de Jesus e de Maria. A ella está confiado o encargo de habitual-o cêdo aos esforços da virtude, e de cubrir esta nova flôr com a sombra da vigilante ternura, garantindo-a de todas as mortíferas aragens que poderiam fazel-a murchar. A ella incumbe reagir, para honra da patria e da humanidade, contra a relaxação e enfraquecimento universal dos principios e dos costumes, fazendo de seu filho um *character robusto e firme*.

Caracteres robustos e firmes! eis o que, entre todas as coisas invejaveis ou lamentaveis, hoje falta á nossa epocha: já não ha virtudes publicas, essas virtudes que fazem a grandeza das nações, por que não ha character: n'esta parte é não pequena a culpa-das mães. O que, primeiro que tudo, constitue a robustez e firmeza de character é o amor da justiça, posto acima do proprio interesse, e, se necessario fôr, acima da mesma vida. Emquanto se anhelar pelo goso, e se recear a morte, nada ha que esperar do homem em momentos decisivos. Uma ameaça, um calculo bastará para vencel-o. Fluctuará sem leme á mercê d'essas ondas que se chamam acontecimentos; e, se a historia vier a conhecê-lo, conhecerá suas vergonhosas cobardias, e narrará suas apos-

tasias. E' o desprezo da morte que cria o soldado, faz o cidadão, dá ao magistrado sua toga, ao principe a melhor garantia de segurança e estabilidade. Ai de quem prefere a vida á justiça; sua carreira será cedo ou tarde obscurecida por fraquezas indignas. Ha occasiões em que não bastam a cubrir o homem as virtudes privadas e ordinarias, mas em que se torna indispensavel a intrepidez d'um espirito que sabe erguer-se mais alto que o mundo. Se carece de fé, embalde a patria contará com elle, embalde a verdade e a justiça o contemplarão do alto dos ceus. Passará por elle a gloria, estendendo-lhe a mão; mas, receando comprometter-se ou arruinar-se, a sua retiral-a-á.

II

Felizes os povos onde as mães tem assás virtude para não repudiarem as glorias de seu sacerdocio como um peso incommodo! A esses povos pertence-lhe o futuro. Feliz, sobretudo, o filho, cuja adolescencia foi docil ao ensino de sua mãe. Está armado de poncto em branco para as sanctas batalhas. Aos vinte annos poderá sentir a tempestade rugir em seu peito, mas será mais fórte que a tempestade, porque ouvirá do fundo de seu coração uma voz assás poderosa para dominar as vagas embravecidas, recordando-lhe os alegres e serenos dias de sua primeira idade. Se succumbe, se um sorriso tentador supplantou sua virtude, não desesperéis: a lembrança de Monica perseguirá Agostinho nas orgias de Carthago; o coração pungir-lh'o-á o remorso, e para uma alma que Deus não desamparou logo, é o remorso precursor da virtude.

A recordação dos conselhos d'uma mãe difficilmente se apaga da memoria, porque essa recordação casa-se com a do amor mais terno, mais desinteressado, e, por conseguinte, mais sincero. Um filho desvairado poderá dizer comsigo, talvez para abafar um remorso importuno: *Minha mãe enganou-se!* Mas nunca um filho ou sou dizer: *Minha mãe enganou-me!* *

A vida é semeada de muitos escolhos: todos nós, cêdo ou tarde nos achamos, como nossos primeiros paes, em face da arvore mysteriosa que produz o fructo da tentação. Deus, que bem o sabia, permittiu, por uma misericordiosa delicadeza que para todo o homem a boa tentação precedesse a má. Determinou que todo o genero humano passasse pelo coração e braços d'uma mãe para entrar na vida militante; a fim de que o homem só se achasse no poncto de optar ou pelo bem ou pelo mal, depois d'haver apprendido a amar o primeiro. Esclarecida por uma luz mais intima e mais immediata, a mãe conserva na humanidade as crenças pelas quaes esta subsiste. No meio do turbilhão de todas as ideias e opiniões, é ella a guarda inconcussa d'essas crenças. Só ella sabe ensinar a criancinha a amar a Deus. A's lagrimas, com as ternas sollicitudes d'uma mãe christã, deveu S. Basilio a sua salvação, S. João Chrisostomo a mais pura chamma de seu genio, S. Luiz sua sanctidade revestida de tanta fortaleza e simplicidade. Foram as mães que formaram essa raça sublime e terna de martyres, mistura do cordeiro e do leão. Foram as mães que crearam essa geração de crusados, apostolos-soldados, que, como Bayard, faziam um crucifixo do punho de sua espada. Foram as mães que produziram esse glorioso povo de cavalleiros que lá iam bater-se pela gloria de Deus e da Virgem, e souberam abrilhantar o amor terrestre com não sei que mistura de celeste pureza. Cooperadoras queridas do divino amor na obra

de nossa salvação, são as mães que povoam o céu, a despeito das tempestades das paixões e dos escolhos da liberdade.

Chega uma epocha em que todo o poder nos pêsas como um jugo. Só uma coisa fica, senão intacta, ao menos respeitada. Por maior que seja nosso amor pela independência, ouvimos ainda a verdade da bocca d'uma mãe, amada do Senhor; sua censura terá para nós o aguilhão do remorso; e, mesmo quando ella se ache de todo desarmada, ficam-lhe suas lagrimas como arma poderosa á qual não ha resistir. Sem que o percebamos abre ella caminho que a conduz ás mais secretas estancias de nosso coração; e ficamos surprehendidos de ahí a encontrar no momento em que nos julgavamos a sós com nossos sonhos, nossas illusões, ou nossos remorsos. Força e uncção singular a dos conselhos d'uma mãe! força e uncção que a si mesma sobrevive, e nos attesta, ainda quando prestes a extinguir-se, a efficacia que Deus lhe imprimiu!

Para corresponder á expectativa do Altissimo e realisar as esperanças do futuro, deve uma mãe desenvolver a respeito de seu filho uma ternura que, quando o exija a occasião, o torne mais fôrte que seu coração. Deve mostrar-se sem duvida cheia de paciencia e mansidão. Guardar-se-á de punil-o dominada pelo egoismo, e haver-se-á sempre de modo que a criança, ainda mesmo no castigo, conheça o impulso e acção do amor. Porém nunca deixará, ao mesmo tempo, de se mostrar sempre com dignidade e firmeza, detestando como o maior dos crimes o que para uma mãe consiste em *estragar* seu filho.

E que vem a ser uma *criança estragada*? Uma criança estragada é o *peccado original floresco*! Digam o que disserem certos philosophos, nós nascemos maus. Nossa alma, tendo a liberdade de largar redeas a todas

as suas tendencias, muito depressa se assimilará aos terrenos deixados de pousio; quasi nada mais produzirá que abrolhos e cardos. Educar um menino, é, antes de tudo, polil-o, cultival-o, mondal-o, isto é, corrigil-o. Ai da mãe cuja ternura bem cruel se move pelas lagrimas derramadas por caprichos que costumam sêr satisfeitos. Ai da que, por sua muita indulgencia, e mal intendida admiração, acaba por persuadir a este pequenino monarcha, habituado a todos os mimos, que é um *prodigio*, quando ainda não sabe o que faz. Importa que este pequenino rei aprenda quaes são os seus deveres, antes de saber quaes os seus direitos. Importa que, quando fôr mister, contrafaça elle sua vontade, e, quando commetta uma falta, implore um perdão que o humilha. Se o adulam para aplacal-o, quando é mau; se lhe obedecem, quando impera; se com elle condescendem, quando resiste; bem depressa se tornará o tyranno de sua ama e de seus companheiros, até que, mais tarde, vem a ser tambem o tormento de sua mãe, e a vergonha de seu pae. *O leãozinho tornar-se-á um leão*, diz o Espirito Santo; e aidos paes que muito tarde se compenetrarem d'isso. (1) A mãe generosa velará por si e pelos que acompanham seu filho, de sorte que nenhum exemplo pernicioso vá enfraquecer a acção salutar de seus conselhos e instrucções. Mostrar-se-á ao fructo de suas entranhas qual livro sempre aberto, onde possa

(1) Quando os mestres, em nossos collegios encontram um menino que os afflige por sua insubordinação ou preguiça, é raro que se enganem quando affirmam que é uma criança estragada. Interrogae a maior parte d'esses homens tam estimaveis, quam infelizes, que se chamam *preceptores*. Perguntae-lhes porque é, d'ordinario, tam penosa sua situação, porque seus esforços são tantas vezes estereis. Responder-vos-ão: *A mãe é a culpada, pois não sabe abdicar*, quando é necessario, e anniquila nossa auctoridade, annullando nossas sentenças.

elle ler seus deveres, vendo-os praticados. Haver-se-á de modo que sen filho nada verá, nem ouvirá, que não possa ter visto, nem possa repetir? *Pequeno é hoje o numero dos bons filhos!* Esta verdade será para os paes um aviso tremendo. Se d'ella se compenetrarem não se pouparão a esforços a fim de que seus preceitos produzam fructos abundantes e precoces, e nunca terão que recer-se das indiscrições d'esses lamentaveis heroes, que em nossa litteratura contemporanea hão merecido menção especial sob o nome de *crianças* terriveis.

III

Mães christãs, vossa tarefa é pesada, bem o sabemos, e sabeil-o vós melhor ainda que nós. A flôr cresce com os suores do jardineiro que a cultiva e borrifá; a criança cresce e desenvolve-se pelos soffrimentos da mãe que a cria e educa. Felizes as mães que soffrem, e soffrem muito para educar seus filhos! Felizes as mães que choram, e choram muito! fecundas são as lagrimas que cáem sobre esses corações tenros, como cae a chuva do ceu sobre as flores. Este orvalho de lagrimas, esta irradiação do amor, um dia se converterão na vida, belleza e grandeza dos filhos na familia; e estes mesmos filhos, fructo do amor, a elles immolado, virão, por seu turno a ser um dia a honra e benção de quem os creou.

A dôr no sacrificio! eis o que, na familia e na humanidade, circunda a mãe d'uma grandeza incomparavel. Nunca em nosso pensamento collocamos coisa al-

guma acima da abnegação. Se nos comprazemos em pôr em thronos invisíveis as grandezas que hão conquistado nossa admiração, sobre o primeiro d'esses thronos vamos collocar a abnegação. Uma obediencia, quando dedicada, parece-nos superior a uma dominação egoísta. E não é para admirar. Achando-se o egoismo com sua séde no mais intimo de nossa natureza e de nossa vida, a dedicação, que é a derrota d'elle, deve figurar-se-nos tambem o que ha de maior na nossa natureza, porque se nos revela como que n'ella ha de mais verdadeiramente heroico. Hajam embora cantado poetas assalariados os feitos estrondosos dos grandes conquistadores, que perturbaram a paz do mundo em proveito de seu egoismo; mas a humanidade, reservando para elles uma maldição constante, canta um hymno perenne de agradecimento á mãe abnegada.

Demais, Deus que a destinava ao sacrificio, infundiu em seu coração, com as effusões do amor, a força de cumpril-o. Nenhum poder póde equiparar-se ao do amor. Torna leve o que é pesado, dulcifica toda a amargura, e leva a effeito, como por magia, o que a razão e a natureza, ás vezes concordam em declarar impossivel. Se o sabio se vê com força de empallidecer sobre seus instrumentos para abrir um novo sulco no campo da sciencia, é porque o domina o amor da gloria ou da verdade. Se o artista, para crear uma obra prima, desenvolve uma coragem capaz de exaurir suas forças, reunindo-as sob o impulso electrico do genio, é porque se sente embriagado pelo amor do bello e do ideal. Se o soldado se conhece possuido d'um enthusiasmo que o leva a immolar-se, esquecendo a propria vida, é porque o inebria esse vinho generoso que se diz *amor da patria*.

Uma das mais bellas harmonias do universo consiste em predestinar Deus para um grande sacrificio

aquelle em quem infunde muito amor. A mãe recebeu de Deus o dom de muito amor porque está destinada a muito soffrimento : está destinada a muito soffrimento porque é o vivo manancial da humanidade.

« Não podem bastantemente admirar-se, diz Bosuet, os meios de que a natureza se serve para unir as mães a seus filhos, e que é este o fim a que visa pôde isso notar-se na ordem e disposição de suas obras. Não é por este motivo que o primeiro cuidado da natureza é aconchegar os filhos aos peitos da mãe? Quer que o alimento e a vida se lhes communique pelos mesmos canaes; correm a mãe e o filho os mesmos perigos; são para assim dizer uma mesma pessoa. E', com effeito, bem estreita esta união; mas poderá alguém persuadir-se de que os filhos com o andar dos tempos quebrem os laços d'esta união: não o accrediteis. Nenhuma força pôde desunir o que a natureza uniu. Em seus sabios planos e providencia obstou por outros meios a que se desse tal desunião. Quando acaba a primeira união outra vem substitui-la; fórma outros laços que são os do amor e da ternura. A mãe leva seus filhos d'outro modo e apenas elles saíram de suas entranhas, logo começam a fazer-se pelo coração sensiveis ao amor da mãe. Tal é a marcha da natureza ou antes a do que a governa. Assim procede ella para unir as mães a seus filhos, e obstar a que d'ellas se desunam. A alma redobra em affeição por elles ao mesmo tempo que o corpo os deixa: nada pôde arrancar-lh'os do coração: esta ligação é sempre tam forte, que apenas os filhos soffrem, as entranhas das mães estremecem, e sentem todos os seus movimentos d'uma maneira tam viva e tam penetrante, que mal podem conhecer que já os não trazem no ventre (1).»

(1) Uma mulher atacada d'uma molestia mortal que lhe tinha

O amor desce muito mais do que sobe. A mãe ama seu filho com tal amor, que, comparado com elle, o do filho para com a mãe poderia julgar-se ingratidão. Deus o permittiu assim, porque a mãe recebeu a missão sublime de proteger, educando-o, o fructo de suas entranhas, ao passo que o filho, longe de ser investido de tal encargo, só tem que receber. O mesmo amor do pae, por mais vivo que possa suppôr-se, fica muito abaixo do da mãe, apesar d'ella ser mais fragil. Quando a criança morre, o pae chora, mas n'elle o tempo não respeita esta dôr mais que as outras dôres: quanto á mãe, a ferida fica incuravel.

Vêde uma mulher em cuja face pallida parece que ficou impressa a desesperação d'um modo particular: a sua doçura, a melodia de sua voz desmaiada, a inclinação de sua fronte sobre o peito, n'ella patenteiam um não sei que de irreparavelmente perdido que confrange o coração. A quem a vê mesmo quando sorri parece capaz de chorar. Perguntae-lhe a causa de seu soffrimento e tristeza, ou, antes, não lhe façaes tal pergunta, mas dizei-lhe: Pobre mãe, perdestes um filho na flôr da idade! depois choreae com ella, se podeis, mas não procureis consolal-a: *Noluit consolari quia non sunt.*

Tal é o amor maternal: na criação não o ha egual: nasce n'um instante; faz, sem calculo, da dôr um prazer, da privação um gozo, e, sem o saber, opera milagres. Não conhece nem progresso, nem decadencia. Não o extingue o tempo, nem a velhice o gela. Que digo? parece rejuvenescer o ente que o nutre. Torna heroica a mulher leviana, dedicada a mulher perdida.

levado um filho dez annos antes, exclamava no meio das afflicções da agonia: *Ai como meu filho soffreu tanto!*

IV.

Com o amor, deu Deus á mãe uma virtude que a fortifica, e uma graça que a abrilhanta, infundindo-lhe o espirito do Christo. Mães que lêdes estas linhas, não vos direi de que sacrificios é capaz a mulher, quando vivifica e redobra seu amor com o contacto do amor que salvou o mundo pelo seu sacrificio. Não porei ante vossos olhos o retrato da mãe tal qual a faz o Salvador, quando ha tomado de seu coração uma posse digna d'ella e d'elle. Receio offender vossa modestia offerecendo á vossa admiração, em tal quadro, vossa propria imagem. Prefiro, ainda que não seja senão para vos animar, agradando-vos pelo contraste, mostrar-vos a mulher tal qual o paganismo a fez, e tal qual o mundo nol-a mostra, depois que repudiou, com o jugo do Christo, as suaves austeridades de seu amor.

A mulher, por isso que tem em seu coração o mais rico thesouro d'amor, e a vocação ás maiores dedicações, converte-se mais facilmente, pela aberração d'este amor e pelo desprezo d'esta vocação, n'um prodigio de egoismo.

O egoismo não suppõe no coração humano a impotencia de amar; suppõe, pelo contrario, a desordem no amor. Onde o amor é mais profundo, mais delicado, ahi se póde desinvolver tambem, pela perversão d'este amor, um egoismo mais monstruoso.

Por isso vêde lá o que succede á mulher *livre*, á mulher mundana!

Este amor que devia, seguindo suas legítimas tendências, sahir de si mesmo, para se dar a outrem, retrograda para si, para se dar todo a si. A mulher mundana faz de si mesma o seu idolo, e que idolo? Um idolo caprichoso, voluvel, sensual, interesseiro, criminoso ás vezes, esteril sempre. O lar domestico é para ella uma triste prisão. Aborrece, sobre tudo, a familia. Tem para si que, sob nenhum pretexto, póde impôr-se-lhe sacrificio algum. Censura cobardemente o padre e a Igreja, por lhe ordenarem que corresponda aos votos da natureza, e ao chamamento da Providencia. Pergunta insolentemente se, em nome do dever, lhe póde ser imposta a tyrannia. Quando o egoismo a invoca, responde ao egoismo que a chama. Responde pela bocca d'um director complacente, d'um marido sensualista, ou d'um amigo perverso.

Demais, o luxo conspira com o prazer para tirar á mulher mundana a corôa de sua maternidade. O luxo é o despota: a mulher mundana a escrava. Qual a metamorphose porque passa a mulher depois que expelliu a Jesus Christo de seu coração, para lá deixar reinar uma sensualidade voluvel e de apparente brilho? A alegria de vêr seus filhinhos todos contentes em derredor de si não póde comparar-se á que sente quando se contempla vestida como uma rainha. O deleite de tomar parte em seus brinquedos, e de lhes preparar pequenas festas e divertimentos, figura-se-lhe um supplicio, comparado com o de medir-se na arena de todas as vaidades com as mulheres que padecem da mesma loucura, e de alcançar triumpho n'essa lucta de despezas insensatas e de belleza facticia, onde cada qual aspira á honra de egualar todas as princezas, embora isso lhe importe a humilhação de ser vencida por outras de infima condição.

Pois que fará ella, se se yir rodeada de cinco ou seis filhos? Como alimentar-os? Como vigilar por elles? A' noite, lá a espera o baile com suas orgias... Fallaes-lhe da familia? Que podem ter de commum, n'este coração egoista, as emoções da dança e o tumultuar da sensualidade com as dôces emoções da maternidade e com as caricias da infancia?

Por isso, quando mesmo o egoismo, logrado pela Providencia, tem deixado fugir a vida atravez das industrias da morte, e Deus, sem ella o merecer, ha concedido a esta mulher a gloria d'ouvir seus filhos chamar-lhe *minha mãe!* seu coração, que se expande a outras aspirações, não se encanta com os sorrisos instantís, não se regosija com o espectaculo da innocencia, nem se julga feliz com a alegria d'aquelles doces fructos do amor. Em sua maternidade fortuíta apenas sente e a penaliza esse jugo que a prende. Olha para si como estranha no meio d'aquelles para cuja existencia contribuiu com tam grande parte. No seio das realidades que tanto dulcificam o coração que se transforma pelo amor de Deus e do sacrificio gasta o seu tempo sonhando em imaginarios extases. Sob pretexto de que os filhos recebem o amor sem o dar, e de que as amabilidades e caricias filiaes não bastam a preencher o grande vacuo de seu coração, aspira de continuo a *outros amores*, a *outras venturas*. Abdicando sua dignidade com os deveres de seu ministerio, esta mulher de Babylonia confia a mãos mercenarias esses seres frageis que julga para si um enorme embaraço; e, mais madrasta que mãe, lá irá aos *tabernaculos* do mundo atirar para o prazer com a corôa emmurchecida de sua maternidade.

Acaso, a troco de tantas fraquezas e apostasias, conseguirá ella alguma felicidade? Ah! não. Aberrada pelo egoismo d'aquelle recto caminho que sempre devera seguir, condemna-se, mesmo sem dar por isso, ao va-

cuo da alma, ás tristezas do coração, á aridez da vida, e aos remorsos da consciencia. Triste, se tem filhos, por que são para ella um grande pêso; mais triste ainda, se os não tem, porque sente a ausencia d'elles no vacuo de seu coração e tem que lutar com um aborrecimento constante que lhe mina e corroe a existencia. E, porque o mal chama o mal, bem como o abysmo chama o abysmo, este tedio cónstante, este aborrecimento perenne, filho da desordem, traz consigo a desordem. Á que não sabe mostrar-se mãe dedicada, porque não sabe amar o Cordeiro de Deus, nunca saberá mostrar-se esposa fiel porque não sabe amar o que recebeu seu coração, acceitando seus juramentos.

Mães christãs, vós amaes o Christo; por isso é que nunca tereis que envergonhar-vos de taes devaneios. Longe de temer como um flagello uma familia numerosa, sentireis sempre no coração assás heroismo para acceital-a como uma benção. Oh! sim, feliz o lar onde o sacrificio e a virtude se dão as mãos para multiplicar a vida.

O respeito devido aos filhos prescreve a reserva, a dignidade, a conveniencia, o apostolado do exemplo. Sua petulancia excita-nos a que nos mostremos senhores de nós mesmos, a que sejamos doces e pacientes; sua indisciplina mesmo é para o pae e para a mãe uma lição contínua de obediencia e de auctoridade. O espirito paternal como que se sente melhor respirando o suave perfume da candura dos filhos e respondendo aos sorrisos de sua innocencia. Estes mesmos filhos são uns para os outros uma mutua benção que entre si communicam, sem n'isso pensarem, no beneficio sempre crescente da fraternidade. O filho que se vê só no lar paterno sente em todo o seu ser, e, mórmemente, na educação, a funesta influencia d'esta solidão. Habituaado a considerar-se, como unico, o centro de todos os affectos

paternaes, não tendo irmãsinhas nem irmãosinhos que com elle partilhem os sorrisos e caricias dos paes, absorvendo em si todo esse affecto e caricias, torna-se egoista. O filho que faz parte d'uma familia numerosa accostuma-se á communicação e ao amor da justiça. Seus direitos encontram a cada instante outros direitos que os limitam, e o submettem a acceitar os deveres correspondentes. A generosidade torna-se-lhe natural. Cresce em amor filial para com seus paes, em afeição desinteressada para com seus irmãos, e em graça deante de Deus.

O espirito da familia, tam adequado a conservar a alegria e os bons costumes, apenas existe na nossa moderna sociedade, porque ha muitos *filhos unicos*. A mãe realmente generosa, depois de haver acceitado com reconhecimento esta benção de Deus que se chama uma familia numerosa, esgotará todos os recursos de seu ingenho para conservar em casa o marido e os filhos.

Para isto, procurará divertil-os e distrabil-os de maneira que nem sequer passarão pela tentação de ir buscar n'outra parte prazeres menos innocentes. Deve, sobretudo, prodigalisar os sorrisos, as caricias e os favores com muita imparcialidade para não expôr *José* a ser, se não vendido, ao menos detestado por seus irmãos.

Tende sempre em vista que o vosso interior se não assimilhe a um subterraneo onde se tiritia de frio, e que n'elle não extingaes a vida, á força de querer regulal-a. Quem não tem visto d'essas neveiras onde nunca penetra um raio de sol? Alli ha creanças, mas vegetam á sombra. Uma ponctualidade monotona fixou d'uma vez para sempre o modo e as occasiões permittidas de rir. As creanças não riem, não gracejam. Velhas antes da idade, habituadas a guardar sempre um decoro demasiado, já sabem com que physionomia se devem apresentar á meza, n'uma sala, etc. Nada altera e modifica

a symetria de sua sombria e silenciosa existencia. Todos os dias e á mesma hora farão a mesma coisa, verão as mesmas caras, receberão as mesmas reprehensões, e ouvirão discutir os mesmos assumptos. E admiram-se de que estas flôres se estiolem: de que um joven, assim creado, suspire com impaciencia pelo momento em que possa subtrahir-se por qualquer meio, mesmo illicito, ao indiscreto rigor da familia?

Lembrae-vos, mães christãs, de que é outra a missão da familia; de que ella deve ser o ninho querido d'uma geração feliz. Deve alli reinar a espontaneidade e expandir-se a vida. A educação na familia devem acompanhar-a os sorrisos naturaes, as lagrimas sinceras, e, a par do cumprimento dos deveres, as mais ternas e suaves expansões da alma. Haja ordem, harmonia e disciplina, mas haja confiança, bem como liberdade e franqueza sob a benefica influencia de vossos maravilhosos sorrisos, e dos encantos fascinadores de vosso rosto que, á força de ser amado, se tornou verdadeiramente amavel.

Como é bella a mãe christã circumdada do brilho da juventude e dos fulgores d'uma casta geração! *Quam pulchra est casta generatio cum claritate!* E' mais bella que arvore que se eleva frondosa na encosta do Thabor, e o cobre com sua esplendida ramagem: mais bella que a vinha patenteando aos raios creadores do sol suas folhas e seus cachos; mais bella que a rosa, desabrochando candida e linda no meio dos espinhos. Deus que a contempla do alto dos ceus, dispõe-se bondoso a perdoar-lhe suas fragilidades, levando-lhe em conta suas lagrimas e suas resoluções generosas. Mais formosa pelas dôres que pelo resplendente brilho de sua ternura, conquista, sem exigil-os, os respeitos da humanidade, presentando-lhe impressos na fronte os signaes evidentes do sacrificio. Mais venturosa que essa illustre matrona romana, cujo nome

archivou a historia, póde dizer, mostrando a Deus e aos homens os fructos abendicoados do seu amor: *Estes são os meus thesouros: são estas as minhas joias.*

E, com effeito farão elles sua consolação sobre a terra, e entretecer-lhe-ão uma grinalda no ceu.

CAPITULO VI.

A mulher e a desventura.

*Seu destino e aptidões.—I. Ella justifica a Providencia.
—II. Regosija seu coração.—Os jantares.—O vestido azul.—III. Uma troca magnifica.—Thabita.*

A vós consolar o pobre, a vós soccorrer o orphão. Estas bellas palavras que a Deus dirigia o propheta, deve reivindical-as para si a dama generosa, e considerar-se investida pelo Todo Poderoso da sublime missão de ser a medianeira da Providencia, a incarnação viva da misericordia, mitigando o infortunio e consolando a dôr.

A outros o ministerio da doutrina, a ella o ministerio da caridade. A outros o sceptro do governo, a ella a esponja mysteriosa que enxuga e faz estancar as lagrimas. A outros defender a patria nos campos da batalha, a ella abrir as mãos para soccorrer a miseria, a ella visitar e explorar a choça do pobre, prestar attentos ouvidos aos gemidos da nudez, fazer calar as blasphemias e imprecações da desesperação.

Predestinando-a para este mister, pôz Deus a seu

serviço tres coisas que o homem não possui como ella: o amor, o tempo e a delicadeza.

Como já disse, nem me cançarei nunca de repetil-o, a mulher sabe amar muito; é o amor seu destino, sua gloria, o manancial de suas grandezas, bem como a fonte de suas angustias. Além d'isso, recebeu mais copiosa parte no quinhão do soffrimento, como para d'este modo dilatar mais seu amor, purificando-o. Por isso é que a mulher se mostra tam compassiva, e que o mais vulgar dos tormentos que a torturam é o glorioso tormento da piedade.

Para exercêr a caridade não basta dar um obolo ao desgraçado, a fim de aplacar-lhe a cólera, matando-lhe a fome. O homem transfigurado pelo Christo tem direito a maior respeito. Além do sacrificio da esmola ha infortunios que, para serem soccorridos, exigem o sacrificio do tempo. Ora, o homem é o chefe da familia, pertence-lhe a elle, n'esta qualidade, o cuidado das grandes occupações. Depois de desempenhados os deveres quotidianos, ficam-lhe apenas alguns momentos, e estes momentos tem elle o direito de consagral-os a Deus, á familia, e aos amigos. Não assim a mulher que occupa no mundo uma ordem peculiar. Raras vezes suas muitas occupações lhe não deixarão no dia algum tempo vago; mórmente se se levanta cedo, e gasta em vestir-se menos tempo, do que é necessario, supponho eu, a nossos romancistas para escreverem um folhetim. O exercicio das boas obras prescrever-lh'o-ia, pois, o receio de melancolico pesar, se o coração lh'o não exigira como uma necessidade, e o Evangelho como um dever.

Bem como algumas flores ou certos vasos frageis, ha dôres e enfermidades que só podem tocar-se com exquisita brandura; só a mulher possui o segredo d'esta delicadeza. Só ella tem o privilegio de manusear todas

as coisas sem quebral-as; de prever, como necessario, o que ainda se não deseja; de adivinhar e offerecer o que não ousa pedir-se; de derramar nos corações o balsemo da alegria, sem que se perceba que ella quer consolar; de curar todas as feridas, sem que antes se descubra a panacêa que applica. Em homenagem a este magico privilegio, disse o Espirito Sancto: *Ubi non est mulier, ingemiscit agens!* ai do enfermo que só pôde buscar o remedio a suas dôres no coração e nas mãos do homem.

I

Mulheres christãs não deixareis vós de corresponder á confiança do Altissimo, pondo a seu serviço os dons incomparaveis que elle vos prodigalisou. Quando Deus sollicita vossa caridade, convida-vos, antes de tudo a conseguir a insigne honra de justificar, pela abundancia de vossas esmolas, os calculos de sua divina Providencia.

Principio e creador de todas as coisas, Deus é, ao mesmo tempo seu soberano proprietario. Quando, a nossos primeiros paes lhes disse abençoando-os: *Crescei e multiplicae-vos*, houvera podido dar a cada um sua parte correspondente, conservar sempre em equilibrio a balança d'esta divisão por seu intermedio soberano, a fim de perpetuar atravez dos seculos o nivel da egualdade: ou, antes, podéra ter distribuido a cada um, n'uma proporção egual, os recursos que produzem

a riqueza. Mas não lhe aprouve assim. Collocon o homem em face d'este estreito ambiente da terra, dizendo-lhe: Vae, o mundo abre-se diante de ti: rega o solo com teu suor, fecunda-o com teu trabalho. A porção da terra, assim trabalhada e fecundada por ti, será tua, e ninguém terá o direito de desapossar-te d'ella; e, como teus filhos são teu sangue sobrevivendo a teu sangue, serão elles os herdeiros de teus haveres.

Da parte de Deus era, por sem duvida, arrojado designio entregar d'este modo a terra ás ambições e livre actividade do homem, e o arrojo d'este designio subia de poncto por Deus distribuir seus dons d'uma maneira tam desigual.

Facilmente se concebe que tão estranha desigualdade ia, muito breve, resultar do conflicto da força e da fraqueza, do vicio e da virtude. D'ahi a pouco a miseria appareceu em face da opulencia, e Lazaro lá vae sentar-se, coberto d'ulceras, á porta dos felizes do mundo. Esta desigualdade, previra-a Deus, e não quiz destruil-a. Porque? Por certo, como a ordem temporal está essencialmente subordinada á ordem eterna, contou elle com a paciencia do pobre a quem prometteu liberalmente as alegrias do céo após as tribulações da terra. Sem duvida, quiz abrir á metade do genero humano uma fonte copiosa d'expição, e fornecer-lhe, nas ingratidões da sorte, uma prova palpavel de sua immortalidade, não duvidando Elle mesmo vir dar-nos o spectaculo magnifico da virtude e do amor a braços com a miseria. Mas Deus tinha tambem um outro designio que vos diz respeito, mulheres christãs. Contou tambem convosco, com vosso coração, e julgou-se forte ante as consequencias do principio que estabelecera.

Disse elle a si mesmo: Muitas vezes a riqueza é o producto do trabalho e da virtude: sob este poncto de vista renda-se-lhe homenagem. Tambem, ás vezes, pro-

vém ella da iniquidade, e n'esse caso, carece de purificar-se. Pois bem! eu mesmo lhe prestarei esta homenagem, e aponctar-lhe-ei o meio de purificação, chamando-a á honra de concorrer commigo para a manutenção da ordem e harmonia no universo. Descerei á choça de meu irmão pobre; deitar-me-ei em seu aspero leito, comerei de seu amargo pão. Sua alma tocal-a-ei com a minha para divinisa-la; farei que seu semblante tome a fórma do meu semblante. E, mostrando-o assim transfigurado a meu irmão rico, dir-lhe-ei: Irmão, a quem dei o fino linho para te vestires, a fertilidade da terra para te alimentares, as perolas, as joias para te ornares, os palacios para habitares, dá-me por caridade uma esmola para este querido irmão meu que é pobre, que não tem roupa com que cubra a nudez do corpo, nem pão com que se alimente, nem casa que o abrigue. Por certo não terá elle a coragem de não acceder ás minhas preces. Por certo sentirá commover-se-lhe o coração ao recordar-se d'esse dia em que, para remil-o, o sangue me corria em jorros do corpo moribundo e nu pelo amor. O pobre não accusará mais minha Providencia, e, se não sobrestiver em suas blasphemias, o peccado cairá sobre elle só.

Não succederá assim, minhas leitoras, se, não contentes com dardes muito, vos souberdes tambem dar um pouco a vós mesmas? Oh! d'este modo, na medida de vossas forças, perpetuaes a acção do Salvador em sua missão conciliadora. Reconciliaes o pobre com o rico, tirando áquelle todo o pretexto de colera pelo respeito e affeição que lhe testemunhaes. A caridade é bella qualquer que seja a pessoa que a exercita. E' bella no homem maduro que subtrahe uma hora ás suas occupaões para consagra-la ao allivio do soffrimento. E' bella no pobre que se priva d'um seitel para dal-o a outro mais pobre que elle.

E' bella no joven que tira um instante a seus prazeres para enxugar uma lagrima.

Mas é, sobretudo, bella n'uma *dama* que se furta, um momento, á ventura de ser amada para levar algum amor aos que ao amor só conhecem o nome.

Sabeis o que diz o pobre ao vêr-vos chegar? ora escutae: Maria immaculada recebeu a visita do anjo; concebeu em seu casto seio o *Desejado das nações*. Sabendo que Isabel estimaria do fundo d'alma uma visita sua, corre, atravessa as montanhas e chega a toda a pressa á cidade de Judá. Entra, saúda sua prima, e esta exclama nos transportes de seu jubilo: *Bemdicta és tu entre todas as mulheres! Mas d'onde me vem a ventura de que a mãe de meu Deus se digne visitar-me!*

Não é isto o que, em certo modo, se dá, quando a mulher do pobre vos vê abrir a porta de sua humilde habitação, respirar alli o odor da pobreza, e saudal-a com sorrisos que na alma lhe fazem surgir a espefança? Ao aspecto do rosto tam digno e tam doce da *dama de caridade*; ao vêr esses labios d'onde sae a consolação, essas mãos onde brilha a esmola; ao contemplar esses olhos que lhe dizem: *amo-te, e tua sorte me confrange o coração*, tambem a pobre mulher diz consigo mesmo, arrebatada e commovida: Não: Deus não me abandonou, pois me envia um anjo a visitar-me em minha desgraça e afflicção: um anjo que por mim deixa o paraizo da familia e se afasta das festas a que o mundo o convida: um anjo que, para soccorrer minha miseria, não trepida em arrostar as inclemencias do tempo, molhar os pés, habituados só a calçar tapetes de lã, e damnificar essa custosa seda de que se vestira só com o fim de melhor honrar d'este modo minha baixeza. *Unde hoc mihi, ut veniat mater Domini mei ad me?*

Assim, a pobre mãe se consola. Sente a alma retomar sua dignidade, vendo os sacrificios que aos outros

impõe o amor de que é objecto. Cessa de maldizer as que só aborrecia por as não conhecer, e conhece-se mais disposta a amar a Deus, bendizendo, na que a soccorreu, a mensageira de sua immarcessivel caridade.

Felizes os ricos que assim sabem comprehender e desempenhar sua missão! melhor ainda que o pobre teem elles o glorioso privilegio de personificar a Jesus Christo sobre a terra.

A grandeza que se abate impellida pela misericordia, a riqueza que se priva movida da caridade, tal é o character proprio do Salvador, tal é tambem o character do rico misericordioso! O pobre tem, sem duvida, a honra insigne de ser a imagem viva de Jesus soffrendo, de Jesus que tem fome, que chora, que mendiga e que recebe. Todavia, o pobre, por mais alto que ao Christo aprouvesse eleval-o, não pôde ser sua similhança perfeita. O pobre é pobre pela necessidade de sua condição: Jesus é pobre pela liberdade de sua escolha; mas rico pela necessidade de seu ser. Quereis do Homem-Deus uma imagem mais acabada? Procurae-a no rico que sua condição eleva, e sua misericordia abate; no rico que possui, e que a caridade despoja; no rico que *passa fazendo o bem*. E notae bem, mulheres generosas; é pobre não cria a si mesmo sua dignidade: é Jesus Christo que lh'a dá; ao passo que, por vossa caridade, vós vos creaes livremente a vossa. Assim, o que vos eleva vos sanctifica; vossas prerogativas são vossos meritos, e a Igreja não pôde honrar em vós a imagem do Redemptor, sem, ao mesmo tempo, prestar homenagem ás vossas virtudes.

II

Quando o Senhor de vós exige um sacrificio para soccorrer o infortunio, offerece-vos occasião de proporcionar a vosso coração o mais doce dos gozos. *Ha mais prazer em dar que em receber.* Estas palavras soltou-as de sua bocca o divino Salvador. Podem com ellas espantar-se muitos, mas não obsta isso a que sejam d'uma verdade incontestavel.

Quando Deus creou o coração do homem, diz Bosnet, o primeiro sentimento que d'elle fez brotar foi o da bondade. O egoismo veio depois, e foi o peccado que lá o introduziu.

Não é o genio, nem a gloria, nem o amor que medem a elevação de nossa alma, mas sim a bondade. Ella é que imprime na physionomia do homem o mais invencivel e fascinador encanto, e constitue d'uma maneira especialissima nossa similhança com o Pae celeste, que a humanidade se compraz em chamar o *Deus essencialmente bom*. Ora, sabeis o que faz este Deus, quando por uma inspiração generosa vos pede uma boa obra? Offerece-vos occasião de perder em actividade esse magnifico attributo que constitue o fundo de vosso ser.

«Attenta bem, meu filho, nos diz elle, eu conheço teu coração: sei que tem sêde de prazer: mas esse prazer a que aspiras não o encontras nos vãos desperdícios do luxo e nos vaidosos folgaes do mundo. Crê-me,

filho; entreguem-se embora outros a esse louco gozar que, inebriando-nos, suscita tam amargos remorsos, tu prefere a esse o prazer que experimenta o homem, quando derrama a felicidade no seio de seus semelhantes. Eu faço isto de toda a eternidade, e não me canço de obrar assim. Bebe tambem um pouco d'esse vinho que te fará tresbordar a alma de alegria. Abre teu coração e tua bolsa, assim como eu todos os-dias abro os thesouros do ceu para fazer cair sobre a terra o rocio da manhã. Pudera prescindir de ti, e poupar-te a esse prazer, mas lembro-me d'haver dotado teu coração d'esse sentimento da bondade que se dilata em expansões sublimes: por isso é que eu não quiz esgotar a taça para não privar-te da alegria de me ajudares a sorvê-la.»

Fazer felizes nossos semelhantes! Não posso imaginar cá na terra uma alêgria, uma felicidade que a esta possa equiparar-se. Se a riqueza me pareceu algumas vezes desejavel, é porque, entre todas as liberdades que ella proporciona, dá ao que a possui a faculdade de saborear a cada momento esta incomparavel ventura.

Mas quantas vezes, me direis vós, meus recursos teem sido impotentes para acudir á miseria que sollicita minha assistencia! Todas as coisas, mesmo as mais aprasiveis, enfadam, quando, por muito repetidas e frequentes, se tornam monotonas!— Sim, por sem duvida; mas Nosso Senhor tambem deu muito aos homens, n'esse dia em que celebrava a Paschoa com seus discipulos: dera sua palavra, seu tempo, seus suores, e dispunha-se a dar-lhes com seu sangue seu extremo suspiro. Não obstante sentia ainda uma paixão, a paixão de dar-se a todos, não uma vez só, mas de se prodigalisar, de immolar-se sempre. Seu coração adoravel recorreu para este fim ao meio mais efficaç e salutar, — a instituição da divina Eucharistia.

Dir-me-eis tambem que sendo Deus Nosso divino

Salvador pôde dar muito, sem empobrecer-se, por que pôe um poder infinito ao serviço de sua bondade sem limites, ao passo que vossa caridade, para ser prudente e sabia, tem que circumscrever-se ao que puderem comportar vossos recursos. Nem eu tam pouco desconheço isso, mas cumpre notar que, para obrar o bem, raras vezes nosso poder é tão limitado como o fazemos. Se a avareza, a vaidade, o luxo, o jogo ou a devassidão pôdem limitá-la, podeis encontrar sempre em vossas virtudes o meio de dilatar-lhe os limites (1).

Mulheres christãs, sede sobrias, modestas e habeis para agradar a vossos maridos mais pela virtude que pelos estratagemas da vaidade, e tereis sempre com que satisfazer ás exigencias de vosso coração, quando elle vos sollicita em nome da desgraça.

Quantos de nossos semelhantes se poderiam tornar felizes, minorando-se-lhes o soffrimento com as inuteis e escandalosas profusões que se fazem por esse mundo! Quantas damas poderiam operar prodigios de caridade com a metade dos cuidados que teem, e das despesas que fazem, para que de sua meza digam pessoas, cujo reconhecimento dura menos que a digestão: Aqui janta-se bem!

Tudo está estragado; tudo invadiu a corrupção, até os banquetes com suas ceremonias e formalidades!

(1) Corria o anno de 1849, e eu parti a levar os soccorros de meu ministerio e algumas esmolas aos nossos feridos que enchiam os hospitaes de Genova. Ao passar por uma pequena cidade da fronteira, recebi d'uma boa mulher para nossos soldados uma abundante esmola. Seu filho, querendo imital-a, lhe diz com surpreendente simplicidade: *Minha mãe, fumo todos os domingos um cigarro de dez centimos. Aqui estão cinco francos para nossos feridos. Não fico mais pobre, porque assim me constituo no dever de não fumar durante um anno.*

Em logar de serem reuniões cordeaes, onde as *friezas* retomam calor, e se estreita a união dos corações, tornaram-se arenas onde se observa para depois se mofar e escarnecer; theatros onde se ostenta a riqueza, e se alardeia um fausto ruinoso; vieram a ser, em fim, um duello assustador entre a razão e o estomago. De sorte que depois do jantar, d'onde, d'ordinario, se não sae muito incommodado, não falta muitas vezes quem diga: *D'esta escapei eu*, com a satisfação d'um soldado, que depois de Solferino, se encontra na posse de suas pernas e braços.

A mulher pia sabe banir da casa que dirige estes excessos d'uma mentida civilisação. Sabe, sem n'isso pensar, proporcionar a seu coração recursos immarcescíveis. Sabe, segundo as conveniencias, arrostar com o *que se dirá*, e sacudir o jugo tyranno do *costume*, para multiplicar seus meritos, multiplicando as boas obras. Sem deixar de conformar-se com as exigencias de sua posição, saberá privar-se de certas delicadezas enervantes, para enxugar uma lagrima mais, e mostrar-se generosa, ainda mesmo em detrimento de sua costureira ou modista.

Um pobre padre, auxiliado por uma nobre e abastada senhora, fundára uma obra que Dens parecia abençoar, mas sentia ainda necessidade d'um calix. Um dia a joven dama conversava no castello em presença d'elle, sobre a attenção que sobre si chamou uma de suas amigas por causa d'um vestido novo que vestia; fallava por fórma a conjecturar-se que desejava fazer, muito breve, aquisição d'elle. O pobre padre pensava no seu calix, quando lhe ocoorre uma subita inspiração: Ah! minha senhora, exclamou elle, não vi ainda o vestido de que falla, mas estou certissimo de que fica muito á-quem do seu azul! A senhora sorriu-se, e, poucos dias depois, o padre recebia d'uma mão discreta, em troca

d'aquellas espirituosas phrases, trezentos francos para o seu calix!

Muito custa, bem o conheço, cumprir, em tão grande escala, o preceito da caridade. Se Deus nos dotou da bondade que se compraz em expandir-se, Satanaz infiltrou-nos no coração o egoismo que se centraliza. Victima d'estas duas correntes oppostas, nosso coração se assimilha a esse canal de Constantinopla, batido por dous mares. A corrente do egoismo nem sempre é facil de vencer-se. Seguir-se-á, porém, d'aqui que o prazer nos seja por isso menos dôce? Não, por certo: porque achamos n'esta lucta occasião d'ajunctar ao prazer que resulta da pratica de nosso sentimento de bondade a alegria que provem d'uma magnifica victoria, alcançada sobre o que em nós ha de mais vil. Nunca ninguém se arrepende de ter sido generoso. Não sómente a bondade, que se dilata e sublima pela boa obra que nos custou muito, nos prepara, como outr'ora a S. Martinho, um somno socegado e sonhos encantadores; mas tambem o egoismo vencido nos fornece, como outr'ora a victoria a Vendôme, um leito alcatifado de bandeiras.

O homem misericordioso faz bem á sua alma: *Benefacit animae mae vir misericors*. Queridas irmãs, cujo berço Deus circundou d'opulencia, vêde se o Espirito Santo, nos enganou, quando nos disse estas palavras. Não sabeis, dizeis vós, em que haveis de empregar o tempo. Pois bem: eu vos digo como distrahir-vos d'esse aborrecimento constante. No meio de todas as vossas prosperidades, vossa alma sente-se vasia; fazei desaparecer pelo exercicio da caridade o vacuo de vosso coração e de vossa existencia. Acabrunha-vos a solidão: tomae os desventurados por companheiros. Pésa-vos a existencia; tornae-a leve com o peso de vossos irmãos. Choraes, pois enxugae vossas lagrimas enxugando as

de vosses semelhantes. Não vos julgaes venturosas, recebendo; vêde se, como Jesus Christo, vol-o podeis julgar, dando.

Demais, longe de querer despojar-vos, Deus nunca sollicita vossa caridade, senão para mais e mais vos enriquecer. E' uma troca magnifica que convosco faz.

III

Que é, com effeito o que exige de vós? Exige-vos, em proveito da dôr, o sacrificio alegre e espontaneo do superfluo. E que é o superfluo? O superfluo, dir-me-á alguém, é a poesia, bem como o necessario a prosa da vida. Admitte-se como verdadeira esta definição, e como n'esta vida necessitamos d'alguna poesia, ainda que só fosse para conjurar o tédio, colorindo a existencia, pôde dizer-se que, para muitos, o necessario é o que não basta. Não é, todavia, menos verdade que o superfluo, quando abunda, e quando não sabemos cerceal-o em proveito da caridade, torna-se cúmplice da morte e porta do inferno. O superfluo traz consigo o luxo, o luxo fomenta o prazer, e o prazer é o cesto de flores trazido pela escrava a Cleopatra. Ai do insensato que se compraz em mexer essas flores por uma vida de requintada molleza, porque, sob o perfume que ellas exhalam, se occulta um aspide cujo veneno mata.

Assim, quando Deus vos péde a esmola, não vos péde outra coisa, senão que, por amor d'elle e de vós mesmas, saibaes, pelo sacrificio afastar de vós este cesto funesto. Depois, em recompensa d'esta caridade, que, já de si, não passa de verdadeira prudencia, offerece-vos a realza dos corações, isto é, o mais bello dos thronos que um mortal pode ambicionar sobre a terra.

Diz-se da França que é ella o mais bello reino depois do do céo. Mas eu conheço um throno mais bello que o da França, e é o que no seu coração nos levanta a gratidão dos que nos amam por lhe havermos testemunhado muito amor. E' só esse throno que na terra o Senhor pretende. De bom grado prodigaliza elle todas as outras coroas, mas sempre reivendica com supremo ciu-me a soberania sobre nossos corações. Basta recordarmo'-nos da historia de suas obras para cairmos no pleno conhecimento de que elle a nenhuns esforços se poupou para conseguil-a. Era esta coroa que o primeiro consul ambicionava, quando, depois da batalha de Marengo, dizia a Josephina, com muita graça e alguma inveja: *Ganho eu batalhas, tu conquistas corações.* E se me perguntardes porque este throno é dos thronos o mais bello, responder-vos-ei que d'entre elles é mais nobre, o que nos proporciona os mais dôces prazeres; que este sceptro se empunha pela dedicação, a este throno se sobe pelos degraus do sacrificio, e que a victoria que nol-o dá é illibada e pura de toda a violencia; pois reinar n'um coração é seduzil-o até que se renda.

Ora, é esse o throno que Deus vos propõe em troca de vossos sacrificios.

Respondendo a seu chamamento, tornaes-vos, primeiro que tudo crédoras do reconhecimento do pobre que vos abendiçôa, em seu coração, refocillando-se com o orvalho de vossa munificencia. Muitas vezes, é ver-

dade, a ingratidão é o opprobrio de certas pobrezaas. Imbuido não sei de que perversas doutrinas, habituasse o pobre a perceber como um direito os beneficios de uma caridade, toda gratuita. Mas a dama generosa, longe de carpir-se e desaminar por tão insignificante motivo, tanto mais se enamorará da compaixão pela miseria, por ver n'esta, mais que na maldade do coração, o principio de tal degradação. Julgar-se-á então venturosa por se assimilhar ao seu Deus por duplicado titulo: o sacrificio, e ingratidão a seus beneficios.

Mereceis tambem o reconhecimento da sociedade cujas bases fortaleceis, conjurando as sanhas que a ameaçam. Refutae d'este modo o dilemma assustador do socialismo que vos grita : Ou podeis alguma coisa contra os males que nos submergem, e então provae-nol-o sem detença; ou não podeis nada, e então desaparecei do meio da sociedade com os conventos, frades, templos, padres, repartições, e com todas as vossas antiquallas : dae logar a um mundo mais novo, a uma humanidade mais feliz, cujos heroes e precursores somos nós.

Responder-lhes-ei, mulheres generosas, deitando azeite em vossas lampadas, dilatando cada vez mais vosso coração tão nobre, tão bom, por amor de Jesus Christo, que vos amou até á loucura; e bradar-lhes-eis, apontando para vossas obras : Nós ficamos na que chamaes velha sociedade com a alegria de obrarmos melhor que vós; porque vós semeaes na aridez da utopia, nós ceifamos na fecundidade do sacrificio.

Mereceis ainda o reconhecimento da patria, forçando o Altissimo a perdoar-lhe muito.

Estava a Igreja em seus primeiros dias. Havia em Joppe uma caridosa viuva, chamada Thabita, que vivia mais para os pobres que para si. Um dia, diz a Escripura, morreu Thabita. Chamaram por S. Pedro que

se achava nas circumvisinhanças. Apenas chegou elle á casa da defuncta, os pobres, mostrando-lhe os vestidos com que cubrira sua nudez a caridade de Thabita, gritavam-lhe, soluçando: *Por quem és, restitue-nos Thabita á vida.* E S. Pedro, em nome de Christo, ordenou á defunta que se levantasse, enchendo de jubilo por esta resurreição todos os que a pranteavam morta.

Para as nações, bem como para os individuos ha uma justiça e uma misericordia. Para ellas, bem como para cada um de nós, chega tarde ou cêdo a hora da recompensa ou do castigo; com a differença de que Deus nunca espera a eternidade para punir ou recompensar os povos, por isso que seu destino, como povos, se completa n'este mundo. Sendo assim, não me admiro de vêr nossa querida patria conservar seu posto á frente das nações, cujo mêdo e inveja provoca. Não me admiro de a vêr assim no presente, como no passado, triumphar sempre de provas e conjurações que pareciam mais fortes que sua *fortaleza*. O passado me garante o futuro. Occupem-se outros em prognosticar grandes males em virtude não sei de que prophecia, que diz não ser sempre a Providencia de Deus acatada e correspondida, e que os *desmentidos* nem sempre o serão; isso que importa? Eu tenho fé no futuro, porque tenho fé no Espirito Sancto que diz: *Bemaventurado o que tem a intelligencia do pobre e do indigente; no dia da desgraça, livral-o-á Deus.* Quando virá esse dia da desgraça? Ignoro-o. O que sei é que n'este dia o Senhor saberá perdoar á França, recordando-se de suas grandes obras. O que sei é que se a França vier a perder-se, o catholicismo só ficará contando, para lhe formarem a corôa, com nações, meio extinctas na fé.

De todas as partes, as immolações de nossas damas dedicadas, o sangue de nossos apostolos, derramado em todas as plagas, subiriam até o rosto irado do Todo-Po-

deroso, para bradar-lhe como ao **Apostolo** os indigentes de Joppe: Senhor, restitue-nos Thabita: restitue-nos a França, a França que foi o Sinai de vossos oráculos, o tabernaculo de vosso amor (1).

Emfim mereceis o reconhecimento do Senhor, cujo nome bemdicto haveis garantido das blasphemias, provocadas pela desesperação. E esta gratidão do Todo-Poderoso tecer-vos-á a mais bella das grinaldas.

Longe de mim querer seduzir-vos por palavras enganosas, e afirmar-vos que a caridade tem o logar de todas as virtudes.

Penso, todavia, não vos mentir á intelligencia em proveito do coração, assegurando-vos em nome de Deus que a esmola para quem a faz é uma garantia, senão infallivel, ao menos quasi certa da salvação eterna. Qual o obstaculo que nos fecha as portas do ceu? Ha um só, — são nossas manchas, segundo as palavras do Espirito

(1) As previsões dos homens sabios e pios, que ha muito se arreceavam pelo futuro da França, em razão de conhecerem que a medida de suas iniquidades se ia acugulando, e que o reino christianissimo, a filha primogeni a da Igreja, chamava sobre si um tremendo e exemplar castigo do ceu; previsões com que o auctor, um pouco acima, não parece disposto a concordar, acabam de realisar-se d'um modo pavoroso. A França recebeu do Supremo Arbitro de todos os povos uma punição severa por seus devaneios, e ai d'ella se se não prostra humilhada e rendida ante a dextra do Senhor que a fere! Apesar do duro castigo que acaba de soffrer, não deixou ainda o falso caminho em que a lançára a pseudo-philosophia, e esse caminho leva ao precipicio, á dissolução, á morte. Mas a par da França pervertida e corrupta, temos a França fiel, a França christã, a França que não renuncia, não desmente, não abdica as suas mais gloriosas tradições, a França da propagação da fé, a França dos apostolos dos nossos dias, a França das irmãs da caridade, e de tantas congregações religiosas, a França cheia de fé, que se porá de permeio entre a cólera do Todo-Poderoso e a impiedade de sua irmã. Assim a França está ainda susceptivel de *resuscitar, como Thabita*, de erguer-se de seu abatimento. (Tr.).

Sancto: *Nada entrará com macula no reino dos ceus.* Ora, o habito da esmola desvia ordinariamente este obstaculo. *Date eleemosynam, et ecce omnia munda sunt vobis. Sêde caridosos e tudo será puro em vós.* E como poderá isto succeder? Porque a esmola é uma victoria sobre o egoismo, um grande esforço contra as paixões, uma preciosa conquista sobre a luxuria, e, por consequente, um acto eminentemente purificador. *Munda sunt!* E porque mais? Porque a esmola suppõe o amor do proximo; este, para ser verdadeiro, suppõe o amor do bem, e quando se ama a Deus, tudo está salvo. *Munda sunt!* A graça de Deus pôde purificar tudo; Deus não recusa sua graça aos seus crédores; só com ella pôde elle, na terra, pagar suas dividas. Ora, quem dá a esmola, constitue-se crédor de Deus. *Fœneratur Domino qui miseretur pauperis. Munda sunt!* Porque a alma caridosa terá por si com a prece do pobre essa promessa do dulcissimo Jesus: Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia.

Todas vós sabeis, damas christãs, o delicioso milagre, cuja narração lêmos na historia de Sancta Isabel da Hungria. Mais sancta ainda do que rica e altamente collocada na sociedade, Isabel gostava muito de descer a uma collina, proxima de seu castello, para ir d'alli distribuir pelos pobres da visinhança abundantes provisões, com que enchia e estragava seu avental de duqueza. Um dia se aproveitára da ausencia do marido, para proporcionar-se a alegria d'uma de suas excursões de caridade, e vae encontral-o no caminho, no momento em que elle voltava da caça, mais cêdo do que costumava. Que faria? Apanhada em flagrante delicto por seu caro Luiz de Thuringe, que tantas vezes lhe pedira que se respeitasse um pouco mais, a nossa sancta dirige ao Senhor uma fervida prece. N'este comenos o duque chega, aproxima-se, abre sorrindo com a mão

o avental, e com grande espanto d'ambos, viu-o cheio de flôres! Para vós, minhas senhoras, as flôres são um symbolo consolador; o symbolo da corôa immortal que o Senhor vos tece com as flôres que houver colhido em vossas esmolas transfiguradas.

CAPITULO VII.

A mulher frívola.

A toilette.—*I. Fim dos vestidos.*—*Verdugos do corpo.*—*II. Cumplices das paixões.*—*III. Artífices da mentira.*—*As velhas que parecem novas.*—*VI. A moda.*—*Inimiga do pobre.*—*Da sociedade.*—*V. As elegantes.*

Vistam-se as mulheres decentemente, enfeitem-se com o pudor e com a sabedoria muito mais, que com cabellos annelados, ouro, perolas, e sumptuosos vestidos. Por estas palavras o Apostolo das gentes prohibe ás mulheres, não o aceio conveniente e até gracioso, mas a cultura exaggerada de suas pessoas pelos atavíos e tudo o mais que constitue a *toilette*. Esta materia, na apparencia tam futil, torna-se, quando nos dirigimos ás mulheres, senão a mais importante, ao menos a mais delicada.

N'este particular, raras vezes a verdade se acceita sem que provoque murmurios; e, d'ordinario, a imparcialidade toma-se, n'esta parte, por indulgencia. Eu,

todavia, pelo que me toca, não hesitarei em entrar na materia com franqueza, ainda que só a isso me levasse um excesso de cortezia. Lisongear uma pessoa é mostrar-lhe que não póde supportar a força da verdade: dizendo-vol-a sem fingimento, nem acrimonia, farvos-ei, penso eu, o mais delicado cumprimento, sem me expôr a arrepende-me d'haver sido temerario. Dizer a verdade francamente é deixal-a metade vestida; ora, ás mulheres que d'este modo se vestem, não lhes assiste o direito de serem muito severas.

Quanto ás que teem o bom gosto de se vestirem todas, essas de boa mente me perdoarão uma franqueza que não póde magoal-as, pois com ellas não entende.

Para não atemorisar certas almas delicadas e timoratas, direi, antes de tudo, que um cuidado conveniente com o aceio de suas pessoas não é de todo incompativel com a verdadeira piedade. O respeito que a nós mesmos nos devemos, bem como a nossos semelhantes, exige um aceio decente, e, ás vezes, mais ou menos brilhante. S. Francisco de Sales, esse guia tam esclarecido, como amavel, queria que seu devoto e devota fossem os mais bem vestidos do rancho, comtanto que fossem os menos pomposos e affectados: e nosso divino Salvador em nenhuma parte nos ensina quer pela palavra, quer pelo exemplo, que, para ser perfeito, seja mister não andar aceiado.

I

O que o Evangelho reprova, e condemna o espirito christão, é o abuso dos atavios e dos vestidos, é o que chamarei uma *toilette desregrada*. E que vem a ser uma *toilette desregrada*? Uma *toilette* é desregrada, quando, para fallar como S. Thomás, usamos dos vestidos com fins totalmente diversos dos que Deus quer e ensina a recta razão. Quaes os fins dos vestidos, ou com que fim nos devemos vestir? A esta pergunta responde o bom senso que nos devemos vestir :

1.º Para conservar a saude do corpo, preservando-a das intemperies do ar ;

2.º Para offerecer uma barreira á concupiscencia, e uma guarda á virtude ;

3.º Para estabelecer a harmonia entre a apparencia e a realidade, com relação ao sexo, á idade e á condição.

Ora é sempre para attingir estes fins diversos que vós vos vestis, ou que vos vestem? Ah! bastaria a muitas mulheres alguma sinceridade para confessarem que a vaidade de parceria com a sensualidade torna muitas vezes os vestidos tyrannos do corpo, cumplices da concupiscencia, e artífices da mentira.

E' facto incontestavel que a mulher mundana, em razão de sua natureza e de seus habitos, é delicada a não o poder ser mais. Mais que outra, todo o incommodo a indigna, repelle toda a privação, e revolta-se contra essa palavra cuja barbaria lhe faz medo : Mortifi-

cação. D'uma compleição mais fraca, procura todas as commodidades, facilmente se carpe, exige excepções, privilegios, e receia-se extremamente de tudo o que lhe póde contrariar a natureza. Os homens bem o comprehendem, pois para com esta fragil flôr só teem respeitos, attenções e condescendencias. Os mesmos confessores teem sempre em vista sua nervosa delicadeza para se mostrarem faceis, muito faceis talvez, em tudo o que diz respeito ao jejum, á abstinencia e a todas as prescripções da Egreja, relativas á penitencia. N'uma palavra, a senhora arranja sua vida de maneira que nada teria que alterar, salvo certas formalidades do bom tom, se chegassem a supprimir-se de repente a religião, o paraizo e o inferno.

Pois bem; uma coisa que seria incrivel, a não se dar todos os dias, é que a vaidade transforma em heroe um ser tam fragil, tam delicado ! Mulheres mundanas, quantas coisas teria eu que contar-vos, se me propozera debuxar-vos, ainda que levemente, o quadro dos devaneios que já não espantam o mundo, por muito vulgares, as minuciosas tyrannias a que vos sujeitades todos os dias, os innumeraveis incommodos que soffreis com paciencia de martyres, para vos proporcionardes uma emoção, alcançardes um triumphosinho, e colherdes, o mais das vezes, o ridiculo por fructo de vossos trabalhos. Não escreverei essa historia, já por respeito para convosco e já por não contar o que sabe todo o mundo. Por caridade mesmo para convosco, pedir-vos-ei apenas um instante de séria reflexão, deante d'um crucifixo, para que ouçaes ao menos a voz de Dens e a voz da razão. Dir-vos-á esta voz mysteriosa que vos custa infinitamente mais cuidados, dissabores, cóleras e dôres conquistar ao mundo uma frivola homenagem, do que vos custaria a consecução da eterna amisade de Jesus !

Dir-me-eis talvez que vossos maridos o querem'assim; e que só a obediência é capaz de vos impôr sacrificios, tam custosos? A ser d'esse modo, lamento-os a elles, e lamento-vos mais ainda.

Comprehendo que uma esposa se atavie d'uma maneira conveniente, e se mostre sempre assás graciosa para conservar captivo nos liames d'uma affeição legitima um coração que o desgosto poderia distrahir para outra parte; mas ser-me-á sempre digna de lastima a mulher que não póde ser amavel, senão com a condição de se transformar em *pyramide*, e isto em menos-cabo das regras d'uma boa architectura (1).

II.

A vaidade e a sensualidade operaram uma revolução bem desastrosa, fazendo dos vestidos os *cumplices das paixões*. •

Quantas infelizes ha que, por seus immodestos modos de trajar, parecem querer mostrar a todos que perderam ou vão em caminho de perder o que fazia sua gloria! Quantas ha que, por inauditas exquisitices de

(1) Diz-se haver, ha annos, encontrado uma dama da côrte um official do nosso exercito do Oriente. *Achaes-me vem vestida*, lhe diz ella n'um tom que parecia provocar uma resposta do seu agrado? *Muito bem, minha senhora; parece que torno a vér a tenda que me ab igava na Crimeia, e isso dá-me muito gosto.*

modas, e por despesas fabulosas, parecem tomar muito a peito fomentar todas as revoltas dos sentidos, provocando, ao mesmo tempo, todas as invejas! Quantas d'essas mulheres que o mundo chama *honestas*, por não haverem ainda ultrapassado as extremas fronteiras da degradação, lançam para si á conta de merito atear não sei que incendios, cujas devastações não podem medir-se com a vista! Quantas ha cujos passos, palavras, e olhares são uma audaciosa provocação a tudo o que ha de fragil e mais encantador, — a innocencia e a juventude! Ah! tenha embora incenso o mundo corrompido para estas deidades pagãs: isso não me maravilha, porque o vicio póde, sem quebra sua, incensar o vicio: mas protesto em nome d'Aquelle que condemnou o mundo, despresou suas pompas, e proscreeu as iniquidades de Corintho e de Babylonia, que taes creaturas aborrece-as e repudia-as Deus.

A ellas alludem aquellas palavras do Senhor pela bôcca do Propheta:

«Como as filhas de Sião se exaltaram em sua vaidade, e caminharam de collo estendido, fazendo signaes com os olhos e gestos com as mãos; como ellas mediram e estudaram todos os seus passos, o Senhor tornará calva a cabeça das filhas de Sião. No dia de sua cólera, o Senhor lhes tirará seu calçado magnifico, seus crescentes d'ouro, collares, cordões de perolas, braceletes e chapéus. Tirar-lhes-á essas fitas custosas com que atam e levantam o cabello, as ligas, as cadeias d'ouro, as bocetas de perfumes e os brincos das orelhas. Tirar-lhes-á seus vestidos preciosos, e seus alfinetes de diamante. Tirar-lhes-á seus espelhos, suas faixas e vestidos leves. N'este dia os perfumes tornar-se-ão em asqueroso fetido, os cintos d'ouro em cordas, e as faixas peitoraes em cilícios.» (*Isaias, cap. III*).

Deus não julga como os homens, e um sorriso im-

pertinente, longe de desarmal-o, torna-o mais severo. *E' estreita a porta do ceu*, e, se é tam larga a do inferno, deve isso talvez attribuir-se a ella offerecer mais facil accesso a essas *sultanas de balão* que uma mal equilibra prodigalidade reduziu a não terem com que *cubrissem os hombros*.

Lembrae-vos, mulheres christãs, que vos pertence uma grande e nobre missão no meio d'esse mundo que habitaes. Compete-vos mostrar a seus olhos um môdêlo constante de dignidade, temperada pela graça. A vós ensinar o vicio insolente a córar de vergonha, e a afastar de vosso sexo a blasphemia de Bruto: *Virtude, tu és apenas um nome!* A vós conservar ás nações civilisadas esse patrimonio que faz sua gloria, — o decóro a par do esplendor.

A presença do padre nem sempre é uma barreira capaz de sustar o vicio, quando elle tem a audacia de arrostar com a opinião; pois, por mais sagrado que seja o character do padre, homens ha que se resignam facilmente ao seu desprêso. Mas o desprêso d'uma mulher? Qual o homem que tem a triste coragem de affrontal-o, sem córar, depois de o haver merecido? Todo aquelle que houver conservado em sua alma um resto que seja d'essa religião que chamamos honra, responder-me-á se a cólera d'um rei é acaso mais facil de soffrer-se que o desprêso d'uma rainha. Por certo a mulher dispõe d'um grande imperio; e esse imperio esteia-se n'uma só virtude, essa virtude que poderei chamar o complemento de toda a belleza, — é o pudor. A mulher immodesta perde logo com a estima todo o prestigio. A mulher sem pudor é como o soldado sem bravura, o padre sem fé.

Quando o homem obra, corre-lhe a obrigação de seguir, primeiro que tudo os impulsos da consciencia. Raramente se deve inquietar com a opinião dos homens, e tem, muitas vezes, o dever de arrostar com

ella. O mesmo não succede ás mulheres. Não lhes basta serem estimaveis, importa que sejam estimadas. Não lhes basta ser prudentes, importa que sejam como taes reconhecidas. Se a opinião é tantas vezes o tumulto da virtude dos homens, é ella sempre o throno da virtude das mulheres.

Feliz a mulher virtuosa e pudica! é a graça coroando a graça: *Gratia super gratiam mulier sancta et pudorata*. O pudor, diz S. Bernardo, é a perola dos costumes, *gemma morum*, a irmã da castidade, *soror continentia*, o esplendor d'uma alma pura, *lampas pudice mentis*, o decóro da vida, *vita decus*, e a séde da virtude, *virtutis sedes*.

Não sei, mas parece-me que tal virtude deve proporcionar á mulher alegrias, tanto mais suaves, quam egregios são os dons que de Deus recebeu. Creatura privilegiada, vê tudo prostrado a seus pés, e de tudo triumpho, como triumpho de si mesma. Rainha sem satellites, por toda a parte a respeitam, quando passa, como outr'ora a arca sancta, atravessando as ruas de Sião. Limpido como sua alma, só o seu olhar é um castigo para todas as baixezas. A veneração universal lhe paga incessantemente em tributos de gloria os combates d'um instante, ao passo que seu coração, recolhido n'esse reducto que lhe constitue o pudor, é um festim contínuo. E por pouco, que no segredo de uma alma reconhecida, se saiba mostrar penhorada pelos beneficios que recebe do Auctor de toda a perfeição, é, ainda assim, a personificação mais acabada da grandeza na fraqueza, e da alegria na virtude.

A mulher que se dispõe a preferir sempre o espirito de Jesus Christo ao espirito do mundo conserva todo o seu ascendente no meio do mesmo mundo. Obtem na terra os melhores e mais merecidos successos, por isso mesmo que nada faz para os obter. Repudian-

do os estratagemas por meio dos quaes tantas outras se figuram preparar a victoria, repudia-os como ridiculos, e conserva, tornando-a mais seductora ainda, a graça com que o Senhor a ornou.

Fallando-nos o Espirito Sancto de Judith, que se preparava a apparecer deante de Holophernes, faz-nos assistir ás principaes particularidades de sua *toilette*. *Purificou-se, diz a Escriptura, e perfumou-se de myrrha. Ornou seus cabellos, e cingiu sua fronte d'uma fita preciosa. Ataviou-se com vestidos de festa, e pôz os seus braceletes. Aformoseou-se com lirios, brincos, anneis d'ouro, e todos os seus atavios.* Depois ajuncta: *E o Senhor fez brilhar sua belleza, accrescentando a todo este ornato um novo esplendor.* Assim succede á mulher christã. A mulher frivola poderá ataviar-se com todos os ornatos de Judith, mas a mulher forte levar-lhe-á sempre a vantagem, que nada compensa, d'esse esplendor celestê, d'esse fulgor sobrenatural com que Deus se compraz em abrilhantar as almas de sua predilecção.

Mulheres christãs que lograstes a honra de nascer ou vir a ser bem collocadas na sociedade, conservae sempre este sceptro. *Brilhe vossa modestia aos olhos de todos.* Não ha ornato que a este equiparar-se possa. Assim pensavam as virgens heroicas da primitiva Egreja, quando com suas convulsivas mãos, ajunctavam no meio dos amphitheatros os retalhos de seus vestidos rasgados pelas fêras, a fim de morrerem com a decencia com que haviam sabido viver. São ellas os vossos modêlos. Como essas heroínas, lembrae-vos sempre de vossa dignidade. Não façaes consistir vossa gloria na audacia que bebe a vergonha, sem lhe saborear o gosto amargo.

Não invejeis os faceis triumphos d'essas creaturas sem nome que arrastam pelo mundo seus esplendidos sepulcros, e justificam tam bem aquella phrase da Es-

criptura, que deixo a seu cuidado traduzirem: *Circulus aureus in naribus suis mulier pulchra et fatua.*

III

Em fim a vaidade faz dos vestidos os *artifices da mentira*; e eis uma terceira desordem bem deploravel. Sem fallar d'essas ignobeis mascaradas que confundem os sexos, e até as *especies*, quantos esforços se fazem para confundir as condições e as edades.

Como se a pobreza as deshonrasse, como se fosse para ellas algum opprobrio assimilhareem-se por sua condição a Jesus e a Maria, procuram muitas parecer o que não são. A criada envergonha-se do traje de Agar, e esposa do negociante quer equiparar-se á marquiza, a mulher do funcionario publico aspira a rivalisar com a condessa, outra, por se achar ligada a um homem bem collocado na sociedade, não duvida querer trajar como imperatriz. E tal é o empenho que desenvolvem, n'este particular, que não recuam ante difficuldade alguma, afugentam os jovens que a ellas quizessem unir-se, obrigam o estado a augmentar os impostos com os ordenados, provocam os murmurios dos maridos mais discretos, e acabam por arruinar suas familias. (1)

Como se a velhice fosse um crime, encontram-se

(1) Esta circumstancia fez com que se dissesse: *O casamento é a morte: o progresso moderno fez d'elle um objecto de luxo que custa muito caro.*

mulheres que não podem resignar-se a ser velhas, ou, ao menos, a parecel-o.

Sancta Francisca de Chantal, vivendo ainda no mundo, era tam modesta, com quanto sempre graciosa, que d'ella se dizia não ter em sua pessoa *nada de nova, a não ser o rosto*. De quantas mulheres se pôde dizer o contrario! Não poucas se vêem, que, chegadas aos sessenta annos, repellem todo o pensamento sério, para se occuparem ainda de bagatellas que as encantavam aos vinte. A julgar pelo esmero com que se ataviam, dir-se-ia que imaginam sustar o curso dos annos á força de ornatos, e resuscitar á força de flores uma primavera que já passou.

Pobres mulheres! quizera poder consolar-vos, mas acho-me reduzido a lamentar-vos. A mulher que descobre na face a primeira ruga, e na cabeça a primeira branca, experimenta sempre, bem o sei, uma impressão bem desagradavel. Vê approximar-se o dia em que, com os encantos, perderá seu poder e suas alegrias, se não soube d'antemão preparar outra belleza differente da do rosto, a belleza do espirito e do coração; outra alegria que não seja a da vaidade, quando triumphá, — a alegria d'uma consciencia que os remorsos não pungem, d'uma esperanza que a duvida e o pesar não abalam. Mas que razão vos induz a tentardes um impossivel, a quererdes illudir a arithmetica e mutilar o calendario? Que motivo vos impelle a estiolardes uma menina de vinte annos, á força de a tractardes como uma criança para melhor fazedes accreditar que ella tem doze apenas? E tudo isto para evitardes, como um espantalho, o glorioso nome d'avó?

Permitti-me que vos diga, guardando as possiveis atencões, que vos illudís. Custar-vos-ia menos fazer-vos venerar como sanctas, do que vos custa dar azo a que se riam de vós. O tacto tam fino e seguro dos munda-

nos a quem procuraes comprazer não o enganaram ainda vossos estratagemas. Os ornatos, as flôres e todos os cosmeticos do mundo *não reparam o irreparavel ultrage dos annos*, porque não fazem desaparecer as rugas, nem mudam a côr á barba.

Se conseguis, a troco de tantos esforços algum cumprimento sincero, será o dos antiquarios que dirão ao vêr-vos: *Eis uma mumia bem embalsamada*. E' um traste bem incommodo n'uma casa a velha que quer ser nova, e este traste, este movel é preciso construil-o todas as manhãs para desmanchal-o todas as tardes. Ninguém duvida de que uma velhice franca, sincera, ornada de jovialidade e de virtudes parece menos velha que uma juventude mal reconstruida.

Ha uma epocha em que a côr de violeta dura menos que a de rosa; aí da mulher de cincoenta annos que esquece esta verdade. Todos evitam sua companhia com o receio de mentir-lhe a cada instante para comprazer-lhe; e repetem em voz baixa este adagio d'um moralista: *O mais perigoso ridiculo em que pôde cair qualquer pessoa que já foi amavel é esquecer-se muito tarde de que o não é já*.

IV

Agora, desejareis, talvez, minhas senhoras, conhecer meus sentimentos com relação á rainhasinha caprichosa que se chama *moda*? Pois bem; dir-vos-ei, singela e francamente, que, sob certo ponto de vista, gosto da moda e de seus caprichos.

As prodigiosas evoluções da moda revelam-nos um facto incontestavel, quero dizer, o attractivo do que é novo para a humanidade. E' isto tam verdade como o é constituir a magica palavra — *Novidades* — o mais poderoso meio seductor das lojas e armazens. Ora, a sêde da novidade prova-nos que somos creados para possuir o infinito, e revela-nos o paraizo. Se nosso destino fosse circumscripto á terra, não se manifestaria este amor instinctivo e irresistivel da variedade. O objecto que uma vez tivesse a honra de agradar-nos agradar-nos-ia sempre. Mas destinados á posse do infinito, no mundo procuramos sentil-o ao menos. Apenas possuímos um objecto que hontem nos seduzia, experimentamos logo não sei que desdém, que enfado, e dizemos: *Qual virá substituí-lo?* Substitue-o um outro, que, disfarçando-nos a insipidez do finito, nos dá uma prelibação do ceu, onde nada é monotonico. Eis o motivo por que a novidade tanto nos attrahe e encanta.

Amo, pois, os caprichos da moda, como uma prova, entre mil, da nossa immortalidade; mas odeio a vaidade que os provoca, como o maior inimigo do pobre, com um desastroso flagello de nossa contemporanea sociedade, como o demonio que expõe a mulher a mais perigos, fechando seu coração a mais virtudes.

O mais cruel inimigo do pobre no coração da mulher é, por certo, a avareza. A mulher é naturalmente sensivel, compassiva e caridosa; e quando possui sufficientes recursos para pôr ás disposições de seu coração, nem qualquer motivo é assás poderoso para contrabalançar em sua alma as sollicitações da compaixão. Se seu coração se deixa vencer, deve-se isso, o mais das vezes, ao astucioso arrazoado d'nma vaidade que se dobra á tyrannia da moda. E' a vaidade que gela e corrompe o coração da mulher, a torna egoista, cruel, á força de empobrecel-a. E' ella que, roubando-lhe o su-

perfino, e, muitas vezes o necessario, reprime, d'ordinario, seus rasgos mais generosos. No momento em que a mulher se dispõe a abrir a bolsa para se proporcionar a alegria de fazer uma acção boa, a vaidade assim lhe falla:

« Detém-te, infeliz, que vaes fazer tu? Não vês que, ha dois dias, a moda mudou, a roupa de teu guarda-vestidos se fez velha, e é necessario renova-la? Não vês que d'aqui a alguns dias ha grande baile e é mister que triumphes? Não vês que aquella amiga tua colhe todas as homenagens com seu vestido d'ultimo gosto? consentes em ser por ella vencida? Detém-te; não vês que se aproxima a primavera? que precisas d'um vestido leve e ligeiro como o zephyro que acaricia as boninas, luzente como a borboleta que folga nos jardins? Detém-te, imprudente: não vês que tuas fitas desbotam, teus vidrinhos se esgotam, teu leque está estragado, teu châle desmaia, tuas rendas estão velhas? Que será de ti, se não és capaz de reprimir esses desejos d'um coração tam prodigo? Os pobres!... são uns effeminados, uns ingratos, uns mal criados! é o que hoje mais se encontra entre tal gente. Assaltam-te de todos os lados; procuram arruinar-te a todos os cantos. Importa que penses em ti um pouco mais, e guardes com que te vistas.»

Vencida, aterrada por tam habil arrazoado, a infeliz prefere ás ineffaveis alegrias de fazer uma boa acção, e de alliviar uma dôr, os triumphosinhos que a arruinam sem dar-lhe a felicidade. Em lugar de ir como um anjo de misericordia colher o reconhecimento e as benções de vinte familias, que pudera soccorrer, ir-se-á receber nas lojas as corteziias interesseiras dos negociantes, ser nas ruas o alvo do desprêso das pessoas sensatas, e acceitar nos tabernaculos do mundo certas homenagens que é honroso não merecer. Deus do alto

dos ceus contemplou as obras e os dias d'esta mulher. Viu como se esbanjou esse ouro que sua munificencia derramara, em larga cópia, em suas mãos, para que ella o podésse substituir no incomparavel ministerio de sua misericordia, e vê (que crime!) servir tudo isto para ultrajal-o. Ah! suscite eu embora algumas cóleras, em que pese a certas susceptibilidades, não posso deixar de dizer que tal mulher será por Deus julgada com muito rigor. O Evangelho é formal: é terrivel para o *mau rico*; bem como é cheio de esperanza para os corações caridosos. Debalde as paixões aduladas inventarão subterfugios: a lei de Deus não se mutila; e Aquelle que proscreeu o luxo, ordenando a esmola, disse tambem: *Passará o ceu e a terra, mas é eterna a minha palavra* (1).

E é só esse o deploravel resultado da paixão de que me occupo? Não: sem fallar nas perturbações que provoca no seio das familias, e das guerras intestinas que n'ella se originam, aponto-a como um dos cumplices mais habeis e menos suspeitos da *Revolução*.

Se lançarmos os olhos pela nossa França contemporanea, que vêmos? D'um lado, os campos se despoçam por todas as partes; a agricultura, carregada de impostos, fica sem braços; muitos terrenos sem cultura. Por outra parte, vêmos as populações affluir em massa aos grandes centros, onde a industria offerece á

(1) Tudo isto comprehendia muito bem certa dama, mulher forte e espirituosa, quando escrevia a seguinte carta a um de nossos mais dignos bispos:

Ex.^{mo} Snr.: A Providencia acaba de mandar-me mil francos para um chãl de cachemira. Calculei que estando o pão á razão de cinco soldos o arratel, seriam quatro mil os arrateis de pão que levaria a meus hombros. Ficava, por certo, esmagada debaixo de semelhante péso. Eis o motivo por que envio a v. ex.^a aquella somma, rogando a distribua aos pobres.

cubiça e ao sensualismo um engôdo que recusa o amanho das terras. Alli milhares de braços, cujo trabalho poderia duplicar os productos uteis da França, consomem as forças na producção de futilidades superfluas, que milhões de braços se empregam em distribuir pelo mundo, para melhor ajudarem a corrompê-lo. Nas grandes cidades todos os interesses se centralisam; todas as más paixões tumultuam embravecidas em peitos habitados por almas desmoralisadas. Por isso que succede, e que havemos nós visto?

Um acontecimento, um boato, um nada transmitido nas azas da electricidade d'um ao outro ponto do mundo, vem lançar a inquietação no espirito dos reis do commercio, e eis que de repente todos estes braços não teem que fazer. Onde os operarios trabalham tudo é silencio, as machinas param, as officinas se fecham, o credito baixa, o dinheiro esconde-se, a vida torna-se cara. Depois, desça uma faísca sobre esta multidão agitada por surdas cóleras, e o raio, caindo por sobre um montão de polvora, não será mais terrível? Sim, é então que tudo se desconcerta. Os prudentes fecham suas lojas; as ruas transformam-se em arenas sangrentas, e o edificio social, abalado até os fundamentos, faz com que as pessoas socegadas perguntem umas ás outras se o mundo acaba.

Quem occasiona á sociedade tam duras crises? São multiplas as causas, mas, ainda sob pena de parecer por extremo extravagante, ousarei dizer ás mulheres mundanas e sensuaes: «Vossas paixões, vosso luxo, vossa vaidade teem grande parte n'estes flagellos; e, bem como Pilatos, não tendes o direito de lavar as mãos.

Dir-me-eis talvez, como Luiz XIV, que *um rei dá escola, gastando muito*; que vossas prodigalidades são um obstaculo ás revoluções, fazendo circular o numerario, e proporcionando aos operarios occasião de ganharem

eu jornal. Sim, mas tudo isso, longe de enfraquecer a centralisação não faz senão favorecê-la. Sim, mas cem mil metros de sêda ou de renda não fazem que a França produza mais uma espiga de trigo, nem mais um cacho d'uvas.

Fiem a lâ todas as mulheres, como a mulher forte; tire sua modestia toda a esperança e estímulos á especulação, faça consistir sua glória em alargar o círculo de suas virtudes, estreitando o de seus vestidos, e vê-se-á realizar assim a mais consoladora das revoluções. Os campos verão voltar a si, para fecundal-os, dons milhões de trabalhadores. Sendo a vida mais facil, não serão necessarios tantos soldados para conter os esfaimados. Tomando-se os costumes mais austeros, os caracteres serão mais fortes. A bolsa não terá o privilegio de dar sentenças supremas e oráculos tyrannos. A sociedade ficará mais firme e segura, e Deus abençoar-nos-á porque o domingo será menos profanado.

V

A vaidade!... Se possível fôra extirpar tal paixão do coração da mulher, ficaria logo um anjo.

Basta reflectirmos um pouco para nós convencer-mos que todos os pequenos vícios da mulher e a maior parte de seus peccados, provém d'esta fonte envenenada. Apenas a vaidade se apoderou de seu coração e a domina, fica sendo um ser muito dispendioso e completamente inutil. Uma *elegante* já não é uma mulher; por

que a mulher é a creatura delicada que soffre, que ama, que consola; ao passo que a *elegante* não passa d'um ser meio-racional que brilha, folga, murmura, carpe-se e tracta-se. Ella não é mãe! Longe de amar os filhos, receia-os. Se, por milagre, nos momentos que lhe deixa o mundo, vê brincar junto de si alguma filhinha debil e unica, diverte-se em estragal-a. Para ella um'a criança não é uma criança, é um brinco que tracta como uma boneca, bem como, quando pequena, tractava sua boneca como criança. E' uma flôr que salta, brinca, come os docinhos, faz impacientar a criada, rir a mãe, e fica tambem n'uma sala como uma porcellana de Sèvres sobre uma chaminé. E' a vaidade que obsta a que as mulheres mundanas se amem.

Convenho em que a mulher, em certas occasiões, se vista, se atavie mesmo por fôrma a ficar aceiada, a realçar até, se possivel fôr, todas as glorias que a Deus aprouve derramar em sua pessoa, com tanto que sempre se proponha um fim legitimo, e não ultrapasse os limites d'uma decencia, vèrdadeiramente christã. Muitas vezes uma parte de sua missão consiste em agradecer, e seria tentar um impossivel querer impedil-a de comprazer-se em suas graças. Mas fullo da mulher mundana que a vaidade domina, que não contente de ser bella e de saber que o é, quer, á força de artificios e despezas, parecer *a mais bella*. Ora, affirmo-vos que, depois de travado este duello, essa mulher já não conhece amigas, só conta rivaes. Confessae, minhas senhoras, ainda mesmo em voz baixa que as *elegantes* se não amam; muito pelo contrario se odeiam. A ellas se podem applicar aquellas palavras: *Nunca se elogia bem uma mulher, quando se elogiam duas*. Irei mais longe e direi: *O mais lisongeiro prazer que póde dar-se a uma mulher d'este genero é dizer muito mal d'aquella cuja elegancia faz sombra á sua*.

Não prosigo, quasi confuso de me achar tam mau, dizendo a verdade: mas ainda vos peço a graça de me consentirdes uma ultima reflexão.

Que a dama se regosije de que o Senhor a haja cumulado d'esses dons frageis que o mundo inveja, admirando-os, não espanta, e longe de minha ideia lançar-lhe á conta de crime sua felicidade. No que não posso concórdar é em que uma mulher se mostre soberba de sua *toilette*, e que, em seu orgulho, se prefira á de mais modesto trajar. Raciocinemos um pouco. Trazeis um vestido magnifico: além de seu valor intrinseco, e de exquisito trabalho, mede na base seis pés de diametro. E' optimo! mas, pergunto eu, porque esse olhar de altivez, esse passear de orgulho que denotam não sei que insolente ventura? Será porque o vestido é de sêda? mas então a gloria pertence a um insecto, a quem só assiste o direito de ufanar-se d'ella.

Será porque é d'uma côr muito airosa? mas então a gloria é do tintureiro. Será por ser muito grande? N'esse caso a gloria pertence ao architecto que traçou o plano com tanta amplitude. Será por vestir perfeitamente á moda? isso provará que a modista ou costureira estava realmente inspirada. E a vós que vos fica? fica-vos o merito de o haver pago muito caro, e de mostrar com isso que tendes um marido muito rico ou muito infeliz. Se era isso o que querieis fazer vêr, tinheis um meio muito mais simples: era pôr na cabeça uma coroa que levasse pegadas as lettras do banco, por fórma a que o vento as movesse e todos as vissem.

Eis o que é a logica: não é ella sempre cortez, pois provocou este adagio: *Se algum dia a vaidade tornou alguém feliz sobre a terra, certamente esse feliz não passava d'um louco.*

Que direi ainda? A mulher mundana que não tem outro cuidado mais que o de gozar e fazer-se admirar,

é uma mulher que perdeu a respeito de Christo a mais bella das memorias, — *a memoria do coração*. E' uma deusa que, sem o saber, diz a Deus em seus atavios: «Senhor, dizem que sois surprehendente em belleza, mas ninguem vos vê nem palpa. Eu tambem tenho encantos, e os meus encantos são visiveis. Permitti que os homens vos esqueçam, para contemplar-me, offendendo-vos, para admirar-me n'um culpavel extase; porque eu, Senhor, tambem gosto muito do incenso.» E' uma escrava fôrra que se apresenta como rival de Deus, para roubar-lhe as adorações que só a elle se devem; e que o ultraja assim pela nudez de seus hombros, como pela altivez de seu olhar. E' uma insensata que corre ao abysmo por um caminho semeado de rozas, arrastando comsigo os loucos que a adoram: e só Deus sabe quanto o inferno será terrivel para um orgulho saturado de louvores, e uma carne saturada de perfumes!

Mulheres christãs, minha alma commovida ao recordar-se do que tem visto, exclama como um grande bispo: *Por quem sois, não lanceis aos pés de Satanaz as corôas que o Christo vos conquistou.*

Digne-se Maria immaculada preservar-vos de tal ingratição e de tal loucura, obtendo-vos a graça de a imitar sempre em sua modestia, em sua pureza incomparavel, em sua ardente caridade!

D'est'arte far-vos-eis amar por Deus: d'este modo sereis objecto da estima d'aquelles cujas homenagens alguma coisa valem; porque, d'entre todos os ornatos, a virtude é o mais bello, o menos dispendioso, além de que tem o inappréciavel privilegio de *andar sempre á moda.*

CAPITULO VIII

A mulher miraculosa.

A lingua — I Malicia de S. Francisco de Sales. — Perigos. — II. Mau calculo. — Cinco confessores n'uma manga. — Senhoras novas. — III. A maledicencia. — A inveja. — Vãos pretextos. — IV. Funestas consequencias.

Que mulher é esta? E' a que por amor de Deus ou por bom senso sabe calar-se, quando convém.

Houve quem, com razão, dissesse da lingua que é o que ha de melhor e tambem o que ha de peor, segundo o uso que d'ella se faz. E', com effeito, pela lingua que derramamos nossa alma na de nossos semelhantes. Pela lingua se leva a effeito a communicação dos corações e dos espiritos. Por meio d'ella entoamos ao Altissimo canticos de louvor, e mutuamente nos consolamos em nossas dôres. Sem ella a terra ficaria sem vida, o ceu sem

encantos. Mas nada ha mais delicioso que a lingua de uma mulher virtuosa e sensata. Não ha melodias mais suaves, nem harmonia mais surprehendente: sente-se então uma alma delicada e limpida infiltrar-se em nossa alma, arrebatada pelos mais dôces concertos. Sob a dôce impressão d'estes encantos e d'estas harmonias, o homem fica extasiado, como quando no bosque ouve o melodioso trinar do rouxinol, e de boa mente diria á mulher o que uma vez um disse a certa dama notavel: *Minha senhora, meu relógio marca as horas, mas vós fazeis esquecer-as.*

Mas para que havemos nós de abusar d'este dom de Deus, como abusamos de tantos outros? Como é que da mesma fonte brotam as aguas dôces e as aguas amargosas, a verdade e a mentira, a adoração e a blasphemia, o mel e o absinthio, a paz e a guerra, a vida e a morte? E', não obstante, o que vemos todos os dias.

Não queira Dens que eu ímpute todas estas desordens á lingua das mulheres. Seria absolutamente injusta semelhante accusação. Até me não pejo de dizer que um opprobrio que muitas vezes mancha o homem, e de que, por via de regra, as mulheres se preservam, é a blasphemia. Confessarei mesmo que a respeito de intemperança da lingua, se algumas mulheres sabem mostrar-se como homens, muitos homens são assás fracos para ser mulheres. Mas, feitas estas reservas, basta ás mulheres alguma sinceridade para confessarem que, muitas vezes, abusam da lingua, pondo-a ao serviço d'algumas paixões, ou para dizerem banalidades, ou para distillarem fél.

I

Conta-se de Phocion, orador atheniense, que, antes de subir á tribuna, para fallar á multidão, costumava reflectir profundamente, e, perguntado, um dia, sobre o motivo de seu concentrado recolhimento, respondeu: *Reflecto para vêr se posso cortar alguma coisa a meu discurso*. Não sei se todas as mulheres reflectem muito para fallar; mas por certo, se reflectem, não o fazem com o fim que se propunha Phocion.

Quantas acabam por enojar sêmpre aquelles a quem seus discursos nada interessam! Quantas ha que, como certos ministros responsaveis, têm o singular talento de fallar uma hora, sem nada dizerem! Quantas ha que fallam a torto e a direito para mostrar que são espirituosas, bem como riem a proposito de tudo, para mostrar que tem bellos dentes. Muito ha que isto se lhes censura. Perguntavam um dia a S. Francisco de Salles:

— Como é que todas as damas de Pariz se apaixonam de vós. Hei visto que lhes fallaes pouco e lhe dizeis coisas muito vulgares.

— Pois maravilha-vos isso? respondeu o sancto; não sabeis que, para agradar ás damas, não se exige, em rigor, uma boa linguagem, e basta dar-lhes ouvidos e ter paciencia sufficiente para as conservar attentas.»

Conduzi-vos, minhas senhoras, de maneira que não mereçaes dos sanctos tam pouco lisongeiro juizo. As

primeiras joias que Elieser offereceu a Rebecca foram uns brincos d'ouro. Assim ensinava elle á virgem, diz um pio auctor, que, para ser boa esposa, devia cuidar no ornato das orelhas e dispôr-se a escutar e a calar-se, quando convém.

A intemperança da lingua torna impossivel a vida interior. A mulher que falla sempre nunca ouve a voz da consciencia e a voz de Deus. Sem reflectir, não poderá conhecer-se; sem conhecer-se, como poderá emendar-se? e, não se emendendo, a perfeição torna-se para ella um alvo a que não pode aponctar. O silencio, pelo contrario, com quanto humilhe o espirito, produz naturalmente a reflexão, favorece os colloquios intimos da alma com Deus, facilita o exercicio de sua divina presença; e Jesus, vendo-a attenta, entra em seu coração, como outr'ora entrou no mundo, á meia noite, quando tudo era silencio em derredor d'elle.

A intemperança da lingua traz consigo muitas faltas. *E' perfeito*, diz o Espirito Santo, *o que não pecca pela lingua*; e nosso Senhor nos adverte de que lhe daremos conta d'uma *palavra ociosa*. Uma palavra ociosa! Então, direis vós, não nos podemos nunca servir da lingua para uma agradavel recreação? Tal não é o intuito do Salvador. Se o fôra, todas as damas, para serem christãs, teriam que fechar suas salas; e Nosso Senhor não quiz impôr-lhes tam heroico sacrificio, por isso mesmo que muitas perderiam com isso.

A dama virtuosa, já na idade de não ser leviana, nem egoista no que respeita ás attenções e cortezas, pódedesempenhar uma grande missão. Fazendo guardar em sua casa e salões a moderação e dignidade na conversação, contribuirá poderosamente para a conservação dos bons costumes e do bom tom no seio de nossa contemporanea sociedade. Suas palavras, sempre agradaveis, armam mais que as do homem á manutenção da ordem

n'uma sociedade, como a nossa, de melindres e susceptibilidades, e sempre se coadunam com todas as conveniências, sem que pessoa alguma tenha o direito de se mostrar, nem levemente, offendida.

Demais, a eutrapelia, diz S. Thomaz, é uma virtude, e esta virtude exerce-se sobretudo quando divertimos e alegremente recreamos o proximo por meio de uma conversação que deleita, sem ferir interesses ou susceptibilidades. Nosso Senhor quiz, pois, fazer-nos comprehender que Deus, para julgar-nos, perscrutaria nossas conversações, mesmo as, na apparencia, mais innocentes, porque são ellas raramente puras de todo o peccado, e com este aviso teve elle em vista premunir-nos contra a intemperança da lingua.

E, na verdade, quando fallamos muito, bem difficil é contermo'-nos nas raias da conveniencia e da caridade. A' força de gastarmos, terminamos por empobrecer-nos. E' então muito facil e commum commettermos *indiscrições*, de que não faltará occasião de arrependermo'-nos.

E depois, quando somos longos em nossas palestras de conversação, é porque, muitas vezes, fallamos de nós. Ora, diz S. Francisco de Sales, que é mais difficil fallar bem qualquer pessoa de si do que *dançar n'uma corda*. Raras vezes não é então Deus offendido, porque o maior mentiroso é o que mais falla de si.

Mas, suppondo mesmo que apenas enojaes aquelles que vos ouvem por polidez e delicadeza, não é isso commetter um peccado contra a caridade? Enfadaes-vos-sos semelhantes; e não sabeis que este enfado sobe de poncto, quando nos vemos obrigados a disfarçar-o? A vida fornece-nos não poucas occasiões de tédio; não façamos nós por ajudal-a n'esta triste tarefa. Convençamo'-nos de que uma coisa que nos interessa a nós não interessa a todos, e que enfada os outros tanto mais fa-

cilmente, quanto mais nos interessa a nós. Chega, á noite, um marido a casa, em extremo fatigado, ou muito preocupado com seus cuidados. Necessita de repouso, ou, ao menos, d'algumas palavras amaveis, accommodadas ao estado de seu espirito. Quanto á senhora, fez, durante o dia, algumas visitas, e conservou na lembrança um bom numero de novas insignificantes, que interessam a ella só, ou a algumas amigas cujo cerebro tenha a dimensão do seu. Ha de, por força, esgotar sua provisão, fatigando o marido com a narração d'essas futilidades? Por certo, d'este modo, conciliar-lhe-á o sono, mas justificará o oraculo do Espirito Sancto: *Bem como um caminho ingreme o arenoso para os pés d'um velho, assim é para o homem que ama o socego de espirito a lingua d'uma mulher.*

II

E se ainda a vaidade, com muito fallar chegasse a fazer-se admirar. Mas, d'ordinario, succede o contrario. E porque? Porque, quando se falla muito é difficil fallar-se bem. Acabamos por dizer coisas inopportunas, extravagantes ou futeis. Isto não admite contestação, mórmente em relação ás mulheres: sua instrução é geralmente muito restricta, muito superficial, para que, por muito tempo, possam dizer coisas interessantes e sensatas.

Muitas vezes me arrependi d'haver fallado, diz um sabio da autiguidade, mas nunca de me ter calado. To-

das as vezes que hei conversado com os homens, diz o auctor da Imitação, *voltei mais pequeno*.

Admiraveis são estas phrases, consideradas mesmo sob o poncto de vista dos interesses do amor proprio. Não ha homem que não tenha suas *pequenezes*, e estas *pequenezes* revelam-se cedo ou tarde na intimidade. Todos nós, mesmo os melhor collocados na estima publica, temos necessidade de ser vistos a distancia, como as pinturas a fresco de Miguel Angelo, e é fazer d'uma pessoa um grande elogio dizer-lhe que ganha sempre em ser conhecida. Ora, a intemperança da lingua dá quasi sempre aos complacentes que nos escutam uma revelação muito completa do que somos. E' bem raro que não saiamos d'uma longa conversação, sem perdermos meio por cento no juizo dos que de vespóra nos admiravam, por nos não conhecerem. Se temos a infelicidade de sermos um pouco presumptuosos, é na conversação que, com especialidade, revelamos esta fatuidade, e os circumstantes repetem depois o dicto chistoso, mas frisaute, d'um grande moralista :

« Quando o ouço, sinto aquelle prazer que tenho ao ver pessoas que vivem em grande harmonia : elle e seu amor proprio dão-se ambos muito bem. » (1)

(1) Ha, n'este particular, mulheres admiraveis. Certa dama disse, uma occasião, a um padre que conheço : Padre, não ha motivo para que me lamente : tenho cinco confessores em minha manga (1), todos de muitas habilitações, experiencia e vida exemplar ! Não pude, todavia, encontrar ainda o meu *ideal*. Podeis confessar-me ? — Ah ! minha senhora, lhe respondeu elle, eu gosto do ar livre, e sou timido ; em *vossa manga* estaria muito apertado, e mais apertado me veria ~~com~~ tam numerosa companhia.

(1) *Dans ma manche*, — (à minha disposição), — mas o padre emprega aqui a locução no sentido proprio, deixando o translato.

(Tr.)

E, dado o caso de que lograssemos a rara felicidade de fallarmos bem, seria este um meio pouco seguro de nos tornarmos agradaveis. Todos teem o seu amor proprio e folgam de mostrar-se espirituosos, aborrecendo, por tanto, os que os impedem de mostrar-se taes. Quereis que todos se ençantem de vós? Sêde reservados, modestos e habeis, a fim de que deixando vossa companhia, todos vão tambem encantados de si. O mundo é assim. Basta que aos outros se lhes afigure que sollicitamos seus louvores, para que nol-os recusem. A modestia será sempre o mais curto caminho para chegar á gloria; e ha de sempre dizer-se da mulher que sabe calar-se, quando o pede a occasião, o que certo cavalleiro dizia do botão da roza que tomára por emblema :

«Quanto mais se esconde mais ella é bella.»

E, sobretudo, entre senhoras novas, é, d'ordinario, a conversação perniciosissima. Alli ellas se indemnizam com prazer, para não dizer com *licença*, do constrangimento que n'outras partes se impõem. Alli se descobrem segredos que Deus quiz sepultados no mais profundo silencio. Interrogam-se, consultam-se sobre certas regras de moral de que apenas se dá uma meia solução na sombra mysteriosa do sanctuario. D'ahi provém tantas falsas regras de viver, tantos maus habitos em que o espirito do mal toma grande partido, e que só redundam em proveito d'uma sensualidade egoista.

E' tambem n'estes colloquios que ellas procuram carpir-se do pretendido jugo que se lhes impõe, e que acabam por achar insupportavel, á força de o taxar de tyrannia. Similhantes as direi eu a esses turbulentos alumnos das escholas que, na ausencia do professor, organisam uma resistencia em regra, mas voltam logo á ordem receosos d'um pequeno castigo: assim ellas formam tambem, quando sós, os melhores planos de resis-

tenção, e, comquanto se submettam logo, a submissão já não é tão prompta e de tão boa vontade, como antes.

É n'esses conciliabulos que adquirem uma falsa ideia de sua condição e de seu predomínio, habituando-se a considerar como outros tantos direitos as condescendências e privilégios que devem á benefica influencia do Evangelho nos costumes. D'ahi tantas perturbações intestinas: d'ahi essas maneiras altivas e rispidas que tam mal ficam a uma mulher: d'ahi essa arrogancia egoista que recebe sem gratidão as delicadezas mais exquisitas, os serviços mais gratuitos, como se tudo se lhes devesse por direito de conquista ou de nascença.

III

E se ellas apenas fossem nocivas a si!... mas raro é que o proximo não tenha muito que soffrer com esta intemperança da lingua.

Feliz, diz o Espirito Sancto, quem nada tem que temer das linguas envenenadas. São elles em pequeno numero, porque muito poucos atravessam a vida, sem que os não fira nem a maledicencia, nem a calumnia. As mulheres, sobretudo, parecem possuir o triste privilegio de fazerem d'estes dous vicios o tempero indispensavel de suas conversações. Assim algumas, por exemplo, acabam de fazer uma visita. D'ambos os lados houve mil attensões, se fizeram mil amabilidades. Separaram-se.

Que horrivel quarto d'hora fez a lingua passar á pobre caridade! Eis o que deu causa a que dissesse uma dama prudente:

«Quando saio d'uma sala, arranjo-me de modo que seja a ultima a sahir, a fim de que ninguem deixe que murmure de mim.»

Dizem algumas para justificar-se: *E' para passar o tempo*. Pois então é d'esse modo que vos quereis alegrar no Senhor, como nos prescreve o Apostolo? Acaso, se amais o proximo, como a vós mesmos, podeis alegrar-vos com o que o afflige? Julgar-vos-eis felizes, se, para passar o tempo, se fallasse de vós como fallaes dos outros? E é só para passar o tempo? São vossas intenções tam puras como dizeis?

D'onde vem que vossas censuras vão cair sobre tal ou tal pessoa, e que nunca vos recreaes tam jovial e alegremente como quando fallaes em seus defeitos? Não haverá ahi uma inveja secreta? Não vos ferirão mais ainda que seus defeitos, seu talento, sua fortuna, seus atavios e seu vestuario? Bem como esse atheniense que votava pelo exilio de Aristides porque lhe não soffria o animo ouvir-lhe chamar *o justo*, não procurareis vós denegril-a por que essa pessoa é muito bella, ou irreprehensivel?

A *inveja*, diz o Espirito Sancto, é a *podridão dos ossos*. S. Thomás define-a: *Uma tristeza que sentimos, pelas vantagens que no proximo conhecemos*. Baixa, hypocrita, inflexivel e execranda, esta paixão não deixa repousar o coração que devora. E' o abutre que dilacerava as entranhas de Prometheu. O avarento tem suas delicias; o goloso e voluptuoso as suas, mas o invejoso só conhece torturas. Indigna-se contra Deus que accusa de parcialidade; contra si, ao mesmo tempo que se considera victima; contra o proximo, quando mais feliz, porque o reputa inimigo de sua gloria. Bem como

Satanaz, a quem augmentava o supplicio a ventura de nossos primeiros paes, a si mesmo diz o invejoso, mal-dizendo seu irmão: «Farei cair esta felicidade, desabar esta grandeza, murharei estes louvores, denegrirei esta reputação, cujo brilho me deslumbra.» N'este empenho, nada lhe custa, lança mão de todos os meios, aproveita todos os estratagemas. Tomando todas as fórmulas, insinua-se, espreita, escuta, intriga, desfigura os factos, ou inventa-os, se de tanto houver mister, a fim de fazer descer mais baixo que elle, se possivel fôr, esse cujos meritos o inquietam.

Se abraça, é para suffocar; se beija a mão, é para morder; se, a principio, louva, é para dar á sua critica o verniz d'uma enganosa imparcialidade.

O invejoso só conhece um prazer: descobrir os defeitos e imperfeições de todas as coisas e de todos os homens, adivinhar intenções perfidas, aventar motivos interesseiros, pôr em duvida as virtudes, as dedicações, desanimar o que mostra coragem, fazer cair o que se eleva, entristecer o que se alegra. Accorrentado por seu odio, coagido por seus amargos gostos, caminhando na sombra que lhe cobre o espirito, não ha vel-o levantar a cabeça para o ceu, a fim d'exhalar um sôpro, sequer, de ar puro. Fere-o o que é bem succedido; prejudica-o o que cresce em prosperidade; offende-o o que é feliz. Quantos d'estes tristes martyres tenho eu conhecido!

O espirito de critica, esse desejo furibundo de tudo rebaixar, de tudo deprimir, é, ordinariamente, resultado da inveja. O merito ou o genio são cheios de indulgencia: só a mediocridade folga de mostrar-se severa e inexoravel para com os homens, ou para com as obras que outros admiram.

E' uma desforra que procura tirar para consolar-se de sua propria esterilidade. Não sejamos tam simples que d'isso nos maravilhemos, nem tam crueis que, de

boa mente, lhe não concedamos tal compensação ; além de que, devemos ter em vista que as pessoas de que fallo são, ordinariamente, de boa fé.

Quanto mais apoucados somos nas faculdades intellectuaes tanto mais severos nos mostramos em nossos juizos; pois é tanto maior o imperio das paixões, quanto menor o da intelligencia. Quanto mais pequeno é nosso coração, tanto menos benevolentes somos em nossas censuras, pois tudo parece facil a quem ignora os obstaculos, por nunca haver com elles arrostado. Se as pessoas de que me occupo são, ás vezes, temiveis, é por serem numerosas; mas a dama generosa mostrar-se-á facil no perdão, lembrada de que a critica amarga da inveja vale menos que sua compaixão.

Esta paixão, assás commum entre os homens, exerce tambem sua pressão em muitas mulheres, com quanto se manifeste com menos desinvoltura, e com resultados menos desastrosos. Muitas ha, mesmo entre as melhores, que são, ás vezes, más por muito ciosas.

Um esposo, por exemplo, aliás cheio d'estima e de attenções para com sua esposa, é, uma ou outra vez, pouco precavido nos olhos e nos labios. A esposa notou tal ou tal olhar, ouviu tal ou tal palavra : isto basta para que em seu espirito se desperte uma suspeita tam injusta, como cruel. Comprimida a principio, esta suspeita apenas se manifesta ainda por uma raivosa, mas surda, indisposição, uma tristeza pesada e aborrecida, cuja causa o marido não descortina, por isso mesmo que sua consciencia o não accusa. Mas eis que a athmosfera, oppressa de electricidade, procura descarregar-se. Rimbomba o trovão, e começa logo a cair um diluvio de invectivas e pranto, que plenamente justificam este oraculo da sabedoria divina: *A lingua da mulher ciosa é um dardo que fere tudo o que encontra; o homem que a possui assimilha-se ao que segura um escorpião.*

Amam-se duas amigas e dão-se ás maravilhas; dizem-nas *inseparaveis*. Apparecem de repente desavindas. Em lugar de procurar-se, fogem uma da outra; longe de amar-se ainda, detestam-se; longe de defender-se, calumniam-se. Que foi isso? Ah! achavam-se hontem ambas n'uma reunião, cercadas de numerosa e selecta sociedade. Durantè a *soirée*, gabaram muito o vestido d'uma; olharam e elogiaram suas lindas mãos e seus bellos cabellos. Apenas se sentou ao piano, foi victoriada e applaudida. A amiga viu e ouviu tudo isto. Aquelles louvores feriram de rosto sua vaidade; a vaidade, assim aguilhoadada, produziu a inveja, a inveja gerou o odio que se encarregou do demais. *A inveja mata os filhos*, nos diz o Espirito Sancto; e o Anjo da eschola nos dá d'isso a razão, quando nos diz que as coisas pequenas parecem grandes aos pequenos. Os mais pequenos triumphos os transportam, bem como as menores derrotas os irritam; e, sob tal poncto de vista, podem muitas mulheres considerar-se crianças.

As pessoas mais piedosas nem sempre estão isentas de tal paixão. Perguntae-o ás religiosas a quem foi dada a missão difficil de governar uma communiidade de mulheres virtuosas. Se houverem de fallar com sinceridade, dir-vos-ão que seu maior cuidado consiste em ter sempre equilibrada a balança de seus favores, para que nenhuma possa blazonar de ser sua *favorita*; que, não obstante sua boa vontade, nem sempre, n'esta parte, são bem succedidas; e que, se, ás vezes, intestinas discordias perturbam a paz do cenaculo, deve isso, attribuir-se ás cónversas e envenenadas murmurações das que se afiguram occupar em seu coração o ultimo lugar.

Sabereis, mulheres christãs, precaver-vos contra tam mesquinhas paixões, e dominal-as. *Seja maldicto*, nos diz o Senhor, *o homem bilingue, porque perturbará a paz*

de muitos, e não terá amigo algum em que descance seu coração. Detesto o detractor, nos diz elle tambem ; e bem comprehendo este horror. A lingua do detractor é como a espada envenenada que fere com o mesmo golpe o que falla, o que escuta com complacencia e aquelle de quem se falla.

A este ultimo rouba o detractor, sem com isso aproveitar, o mais bello patrimonio que no mundo o homem póde possuir, depois d'uma consciencia pura,— esse throno glorioso que occupa no juizo de seus semelhantes, e que se chama *boa reputação*.

São leves, direis vós, os defeitos que gostamos de censurar. Sim, convenho n'isso, nem tam pouco vos acuso de commetterdes sempre peccados graves, n'esta materia: mas, dizei-me ; folgarieis de ser d'esse mesmo modo pelos outros criticadas?

Quando vos chega aos ouvidos a noticia de que n'esta ou n'aquella parte se fallou de vós, sem que, realmente, vossa honra fosse essencialmente atacada, como ficaes?

Meu Deus! então augmentaes tudo: pouco contentes de exaggerardes a malicia das palavras, tentaes perscrutar as intenções, e figura-se-vos haver motivos mais odiosos ainda que essas conversas de que foram alvo vossas pessoas. Crêdes então haver sido insultadas ; só n'isso fallaes, carpis-vos, indignaes-vos, e, ao passo que todos censuram o excesso de vossa sensibilidade, só vós vos obstinaes em accreditar que o negocio é sério, e n'isso vos vae vossa honra. Então para que tendes dous *pê-sos e duas medidas*?

São leves os defeitos que censuraes : e nada lhes acrescentaes de vossa casa ? Não mesclaes com a narração que d'elles fazeis a malignidade de vossas apreciações ? E' bem difficil contermo'-nos nos limites da verdade, quando ultrapassamos as fronteiras da cari-

dade. Quanto mais leve é o que se censura mais impostura devemos recear. Importa embellezar e colorir as coisas, para que agradem a quem as ouve; somos calumniadores, sem mesmo havermos julgado sermos maledicentes.

Demais a pessoa a quem aponctaes os tiros de vossa censura pertence talvez a um sexo ao qual um boato malevolo importa uma deshonna; para o qual um dicto mordaz importa uma affronta, uma infamia. S. Paulo quer que as mulheres christãs se ornem do pudor e da modestia; isto é, que estas virtudes sejam tam visiveis, como são os trajes que vestem; e o mais bello elogio que o Espirito Sancto faz de Judith, depois d'haver fallado de sua belleza, de sua juventude e de seus excellentes dotes, é não se haver encontrado jámais em todo Israel pessoa alguma que em seu theor de vida tivesse que censurar-lhe, e corresponder sua reputação á sua virtude.

IV

Para cumulo de males, não se reflecte em que as consequencias d'uma palavra impensada, muitas vezes perniciosissima em seu alcance, são sempre irreparaveis. Podem expiar-se os excessos da sensualidade pela mortificação e penitencia, os da cubica pela restituição, os da colera por actos de mansidão: mas a detracção, como reparal-a? Podemos seguir com os olhos o navio que se alonga do porto, a ave que fende os ares, o meteoró que sulca o azul do firmamento: mas uma pala-

vra! quem poderá segui-la em seu rapido curso, calcular-lhe, prevenir-lhe os effeitos? Só a uma pessoa haveis revelado o segredo que pesava a vossa vaidade: mas este confidente, ou, antes, esta confidente, que vos promettera o silencio do tumulto, tem outras confidentes tambem, que, sem embargo de fazerem a mesma promessa, não olhando como segredo o que se lhes disse como tal, foram descobri-lo ás primeiras que encontraram. Cada uma ahi metterá, a seu modo, uma porção de veneno, e, d'um para outro momento, essa palavra assimillar-se-á, diz S. Thiago, a uma faísca de fogo que, levada a differentes sitios pela impetuosidade do vento, abraza os campos e as florestas. Aqui, uma creada fiel e dedicada, despedida por amos muito credulos, difficilmente encontrará onde ganhe para si e para sua mãe o pão quotidiano; acolá um pobre artista verá sempre deserta sua officina, ou um negociante honrado perderá sua clientela; mais longe, um joven interrompe sua carreira, no momento, talvez, em que, sonhando sonhos de ventura, tocava o termo de suas mais fagueiras esperanças. N'outra parte, rompem-se os laços da amizade, fica uma familia immersa na desolação, perturba-se a paz d'uma communiidade! Que sei eu? O que, a principio, não passava d'um gracejar secreto, mas imprudente, d'uma simples reflexão, ou d'uma mera conjectura maligna, assume as proporções d'um negocio sério, d'um assumpto de todas as conversações; e eis o motivo que a certas almas grandes, a certos corações nobres torna inhabitaveis as *terras pequenas*.

São coisas publicas, direis vós, e para que lançarnos á conta de crime fallar do que sabe já todo o mundo?

Pois, n'esse caso, responder-vos-ei com S. João Chrysostomo, que, se vos achasseis um pouco mais compenetradas de vossa miseria, não mostrarieis tanto empenho em saber as faltas alheias, nem terieis tanto va-

gar para fallar d'ellas. Quanto mais publicas fossem, mais bemdirieis o Senhor no segredo de vosso coração, por vos haver poupado com taes fraquezas a tal infamia: mais reconhecidas vos sentirieis por haver Deus permittido que, havendo caído, talvez, em semelhantes fraquezas, não fossem ellas divulgadas.

Quando os escribas e phariseus trouxeram ao Salvador a mulher apanhada em adulterio, não obstante ser publica a falta d'esta peccadora, Jesus Christo conservou-se em profundo silencio.

Depois, movido a explicar-se pelas malignas e impertinentes instancias d'aquella gente, limitou-se a responder: *Atire-lhe a primeira pedra aquelle d'entre vós que estiver sem peccado!*

Como se com isto quizera fazer-lhes ver que não competia a peccadores como elles infligir tam duro castigo ao crime d'aquella mulher; e que aquelle que quizesse arrogar-se o direito de atirar-lhe a primeira pedra devia sentir a consciencia illibada de mancha. Quantos phariseus ha no mundo !...

E', por exemplo, culpada tal ou tal mulher; pois bem: se deante de Deus de nada vos accusa vossa consciencia, fallae livremente, sêde severas. Calaes-vos? Ah! vós que tam ousadamente discursaveis sobre a sua falta, sois, por certo, mais feliz que ella; mais acaso sois tambem mais innocente? Crêem os homens em vossa virtude: mas Deus, que vos conhece, julgar-vos-á como os homens? Se um acontecimento imprevisto trahira vossos segredos, que seria, talvez, d'essa alegria maligna com que criticaes vossa irmã, que não sendo mais culpavel, só de vós differe pela infelicidade?

Demais, *a caridade não obra em vão*, diz o Apostolo. Ora, se são publicos e conhecidos os vicios de que fallaes, para que repetil-os? Qual o fim que tendes em vista? censurar um procedimento que vos escandalizou?

Mas em castigo de seu peccado não soffreu a culpada tanta confusão e vergonha? Propondes-vos talvez carpir seu infortunio? Livre-nos Deus d'uma compaixão que se traduz em barbaridade. Qual, pois, ainda o motivo de vossas murmurações? Quereis mostrar que se realisaram vossas predicções? Mas sentis-vos com coragem de fazer essa honra á malignidade de vossos juizes? Que gloria para um christão haver suspeitado que seu irmão é culpavel, antes de apparecer como tal aos olhos da sociedade?

Além d'isso, tendes vós a certeza de que não é um impostor o primeiro auctor d'esses boatos publicos? Passa n'esse mundo como moeda corrente tanta falsidade! A malicia dos homens predispõe-nos tanto para accreditar as faltas alheias! Que coisa mais verosimil para o captivo povo de Deus, que o supposto crime de Susanna? Os juizes hebreus, veneraveis por sua idade e dignidade, pronunciavam-se contra ella. Todo o povo fallava d'aquella mulher como o opprobrio de Israel. Não obstante, tantos ultrages devia-os sómente a seu pudor; e, se não apparecera Daniel a desmentir tam solemnemente a voz publica, o sangue da innocente iria manchar o povo eleito.

O que é sobremodo deploravel é servir, muitas vezes, uma mal intendida piedade de pretexto a este vicio da murmuração que abomina a piedade verdadeira. Para muitas pessoas o odio ao vicio parece auctorisar a censura dos peccadores. Muitos que se propõem aspirar á perfeição teem, muitas vezes, para si que agradam a Deus, desaccreditando os que o offendem, como se fôra privilegio da piedade, cuja alma é a caridade, dispensar-nos da mesma caridade.

Conta-se d'um piedoso rei de França que, dirigindo-se, um dia, á sua capella do palacio, para allì fazer oração, encontrou no caminho duas pessoas a fazer um

peccado. Tocado de compaixão, cobre-os com sua capa e segue para a capella, onde pediu ao Senhor que n'ellas infundisse a sua graça e lhes perdoasse! Isto sim, é um rasgo de caridade! Ella, só ella, cobre com o manto do silencio e do olvido as faltas dos peccadores; só ella péde ao Senhor que os converta, deixando á sua justiça, se perseverarem no mal, o cuidado de punil-os. Tende a edificar, e não a prejudicar. Procura tornar-se amavel para se tornar util. Toca-a mais a desgraça dos culpados, do que a scandalisam suas culpas. Quizera poder occultal-as a si mesma, quanto mais revelal-as aos outros.

Mulheres piedosas, seja a vossa esta amavel caridade. Pela modestia e discrição em vossas conversações tira-reis aos inimigos da virtude toda a occasião de blasphemarem d'ella. Corrigireis os fracos, mais pela sanctidade de vosso exemplo, que pela acrimonia de vossas censuras. Procurareis mover-os á virtude, vivendo melhor que elles, e não fallando contra elles. Haver-vos-eis de maneira que vossa indulgencia os faça attentar em vossa virtude; e o caridoso empenho que mostrardes em desculpar seus vicios leval-os-á a condemnal-os elles mesmos com maior severidade. D'est'arte, honrareis a piedade aos olhos do mundo, e merecereis que, um dia, Deus seja para convosco misericordioso por o terdes sido para com vossos semelhantes.

Para vos facilitar o exercicio da caridade, despresae, sobretudo, as vís suggestões da inveja, lembrando-vos de que o merito dos outros nada tira ao vosso merito, bem como seu opprobrio nada lhe accrescenta. Vós que tendes a ventura de sêrdes filhas de Deus, esposas do Salvador e herdeiras de seu sangue; vós que no peito albergaes uma alma immortal e um coração pure; não sois bem ricas para terdes na merecida conta os vãos juizos e opiniões do mundo? O amor que inebria a alma

do justo de esperanças ineffaveis, a paz que torna seu coração um *festim continuo*, bastam a compenetrar-vos da ventura que vos provem de vos contentardes cada uma com o cumprimento de vossos deveres; e notae que o verdadeiro christão nunca é invejoso, porque sobre a terra não póde figurar-se um homem mais feliz que elle.

CAPITULO IX

A desposada de Christo.

*A virgindade. — I. Os tres votos. — O verdadeiro poder.
— II. O jugo suave. — III. Como se vê Jesus. — A fo-
lha de rosa.*

A antiguidade pagã instituiu as vestaes para conservar o fogo sagrado; mas, só á força de vigilancia, privilegios e honras, chegava, fazendo-as conservar com difficuldade uma castidade duvidosa, a compensal-as d'um sacrificio que então parecia uma tentativa impossivel. Mais feliz que a Roma dos consules e dos Cesares, a Egreja conta, ha seculos, em seu gremio milhares de vestaes voluntarias, de virgem heroicas, votadas por estado á guarda do fogo sagrado do amor divino, cujo coração é seu mais puro foco, e cujos prodigios já não espantam o mundo, por muito vulgares.

Fallando d'estas virgens, exclama o Sabio: « Como é bella a classe das castas, quando ao brilho da casti-

dade reúnem o fulgor da virtude! Sua memoria não morre, e é crédora da mais subida consideração perante Deus e perante os homens. São imitadas, em quanto vivem, choradas, quando morrem. Ellas triumpham depois da morte; são para sempre coroadas como vencedoras, depois d'haverem alcançado o premio immortedouro, promettido aos que houverem vencido nos combates da castidade.»

S. Cypriano chama ás virgens *a flor da arvore sagrada, a imagem de Deus, reflectindo a sanctidade, a mais illustre porção do rebanho de Jesus Christo, o jardim florido da Egreja*. Que coisa ha mais surpreendente, exclama S. João Chrysostomo, mais bella, mais brilhante, do que a virgindade que despede mais vivos fulgores que os raios do sol, e que, conservando-nos separados d'este mundo, fixa de continuo a pureza de nossas vistas no Sol da justiça! A virgindade, diz Sancto Agostinho, é a incorruptibilidade em acção n'uma carne que se corrompe. E' a virtude dos anjos, uma imitação sobre a terra da vida do ceu. As virgens, nos diz ainda elle, são as esposas de Jesus Christo: o leito nupcial é seu coração; seus combates são cheios de gloria; são ellas as perolas da coroa ecclesiastica. As filhas de Babylonia, exclama S. Bernardo, trazem, por debaixo do linho e da purpura, uma alma carregada de andrajos: mas vós, filhas de Jerusalem, trazeis coberta com os andrajos da pobreza uma alma que traja esplendurosas vestes. A virgindade, nos diz tambem o Espirito Sancto, *approximamos do proprio Deus: Incorruptio facit esse proximum Deo*. Por isso, quando elle quiz salvar o mundo, abreviou, para assim dizer, a distancia que separava a humanidade da Divindade: preparou d'antemão o seio de Maria immaculada, como para sollicitar a incarnação do Verbo, minorando sua repugnancia: *Non horuisti Virginis uterum!*

I

Virgens christãs, quem poderá cantar vossas glórias? assimilhaes-vos a Maria pela prerogativa que ella preferiu, mesmo ao mais bello dos titulos, o titulo de Mãe de Deus! Sois a similhança do mesmo Salvador no que mais o caracteriza,— a virgindade na immolação. A castidade que se immola pela gloria de Deus e salvação do mundo, tal é o Christo, e tal é tambem, em certo modo, a virgem christã.

Pelos tres votos que realmente a constituem para sempre no estado da virgindade, sua vida fica sendo um como perpetuo holocausto. Pelo voto de pobreza, renuncia a todos os bens da terra, que tantos outros invejam. Troca os custosos pannos pelo burel, a sêda pela sarja grosseira, as côres alegres e brilhantes pelas escuras e sombrias. Por amor de Deus e da humanidade renuncia a essa poesia que comsigo traz um luxo deslumbrante, a todas essas delicadezas que tantas mulheres exigem, e o seu sexo desculpa. Por um heroismo cujo alcance só as mulheres podem sondar, renuncia tambem a ser *bella*, ou a parecel-o.

Pelo voto da castidade, faz a Deus oblação do dominio exclusivo do seu corpo e de seu coração, d'esse coração, tam terno, tam sensivel, que tanto necessita de amar e ser amado.

Esse coração, que sonha tam fagueiros sonhos, dá-o ella, não a um esposo que a seduz pelo fogo de seus olhos, pela magia de sua vaidade, pela fama de suas acções; a um esposo que se julgará feliz em cumular-a de gosos, circumdal-a de respeitos, cercal-a d'homenagens: mas a um Esposo que não vê, nem ouve, nem toca, e que, para seduzil-a, só lhe mostra sua cruz, sua coroa de espinho, sua face livida pelos tormentos, e lhe diz estas palavras: *Aquella que quizer ser esposa minha abnegue-se a si mesma, tome a sua cruz e siga-me.*

Pelo voto d'obediencia, renuncia ao que o homem mais ama no mundo,— a liberdade.

Essa liberdade, ella a abdica para pôr sua vontade nas mãos d'uma mulher como ella, e talvez mais nova, que poderá, cada dia e a cada instante, impôr-lhe suas ordens, umas vezes com razão, outras por capricho: e isto sem reservar-se o direito de perguntar-lhe o motivo d'essas ordens, ou de julgar o seu procedimento. Todos estes sacrificios fal-os livremente e com reflexão, por amor d'um Deus que não vê; dos pobres, das crianças, dos enfermos que não conhece; e fal-os para sempre! Tal renuncia o mundo classifica-a de loucura; mas a consciencia, allumiada pelas claridades da fé, que vê mais ao longe que o mundo, porque suas vistas partem de mais alto, responde que tal loucura, inspirada pela cruz, é simplesmente heroismo: e que o que bastaria para provar a divindade do catholicismo, a unica religião que tem o privilegio de fazer germinar este heroismo no coração que fecunda, é não parecer elle já miraculoso, por ser muito commum.

Sua prodigiosa fecundidade deve-a a virgem ao seu completo sacrificio; pois, o sacrificio é, na ordem moral, o que é o genio na intellectual,—a simplificação á maior potencia.

A virgem que fez a Deus oblação de seus bens, de

seu corpo e de sua vontade, imprime em sua actividade o mais effcaz e mais fecundo movimento.

E' poderosa, porque está livre de todos os obstaculos que aos mundanos entibiam o fervor, e paralyam as resoluções generosas: por outra, está livre dos calculos da ambição, dos gosos ou embaraços do matrimonio, dos caprichos ou decisões d'uma vontade independente. E' poderosa, porque Deus, apoderando-se de seu coração, dilata-o com o fogo de seu amor, e n'elle faz resplandecer virtudes tanto mais effcazes, quanto mais extraordinarias se nos afiguram. E poderosa, finalmente, porque nada custa a uma alma austera e mortificada.

Ha cá na terra duas potencias:— a vida e a morte: a vida, porque é o principio de toda a actividade; a morte, porque destroe a vida, e, acceita voluntariamente, é, na ordem moral, o extremo da grandeza. E', pois, uma lei do mundo que aquelles que consentem em morrer ficam sempre sendo os senhores, porque são os mais fortes; e são os mais fortes, porque, na lucta, teem mais que dar.

Sem embargo, ha tambem na morte uma imperfeição: é que, no momento em que se torna senhora da vida pelo heroismo, fica como sepultada em seu triumpho. Se, pois, fôra possivel unir a vida e a morte, a potencia d'uma e a da outra, chegaríamos a uma potencia incomparavel, porque se não poderiam com ella medir todas as outras potencias da terra. Ora, este milagre acha-se realisado.

Jesus Christo, Deus e homem, o Senhor da vida e da morte, deixou a seus discipulos predilectos, para operarem todos esses milagres que admiram e, ás vezes, espantam o mundo, a espada sangrenta e pacifica da mortificação.

A mortificação é uma morte que não mata a vida,

mas que a manifesta, libertando-a. E' a carne sujeita á lei do espirito: é a escravidão dos sentidos em proveito da razão. E' uma morte que vive, uma vida que morre, e que vive tanto mais, quanto melhor sabe morrer.

A antiguidade comprehendeu em parte o alcance d'este poder; o athleta excitava-se na abstinencia a fortificar seu corpo, o sabio a fortificar seu espirito. Roma deveu seus triumphos á mortificação de seus primeiros heroes; e quando o mundo que ella havia conquistado alluia sob o pêso dos barbaros, era o sensualismo ruindo sob o vigor da austeridade. Os homens castos, que comem pouco, dormem a cavallo, e se levantam de madrugada, substituíram-nos os homens enervados, que comem muito, dormem em fôfos e luxuosos colchões, e se levantam tarde. Eis a causa do engrandecimento e das agonias dos povos.

E que succederá, quando a austeridade em lugar de fomentar o egoismo, fôr posta ao serviço da fé, da esperanza e da caridade? Perguntae ao mundo o que pensa a tal respeito, e responder-vos-á que nada lhe inspira tanto receio. Perguntae-lhe o motivo de todas essas precauções, mais ou menos tyrannicas, com que põe obstaculos ao livre desenvolvimento das phalanges religiosas. Se fôr sincero dir-vos-á: « Sois muito magros, e, como Cesar, aspirando ao imperio, desconfio dos homens magros (1). Não podemos luctar com vossas virtudes e dedicação. Com vossos jejuns, disciplinas e castos enthusiasmos, dispondes de incriveis recursos, cujo segredo ignoramos. Amamos o prazer, vós amaes o sofrimento. A nós não nos sobeja o muito, vós não pre-

(1) Shakespeare faz dizer a Cesar, fallando de Bruto e de Cassio: *Quizera que fossem mais gordos.*

cisaes de nada. Entre vós e nós não ha egualdade, e por isso deve negar-se-vos a liberdade como compensação em nosso favor. »

Apostolos do Crucificado, sejamos impavidos ante taes receios. Os phariseus julgavam anniquilar o poder do Salvador, pregando-o n'uma cruz; mas, pregado na cruz, salvou elle o mundo, e, pregados na cruz, continuaremos nós a libertal-o. Se a Egreja tem porque se entristecer e cobrir as faces, é quando, pelo luxo e pelo prazer, *se estraga o sal da terra*. O mundo bem o conhece, e por isso, quando quer triumphar da posteridade do Christo, arrancando uma apostasia, começa, sempre por afastal-a da cruz, para fazer-lhe, como alguns proconsules a alguns martyres, um leito de rosas n'um jardim de delicias.

Sabe que a alma é sempre livre, quando habita um corpo isento de necessidade, e que é difficil escravisar um homem que póde dizer-se o soldado que pugna sem soldo por uma idéa que não tem *orçamento* na terra.

Não é mister fallar muito das virgens catholicas; suas obras fallam mais alto que as palavras. Vêde a filha de S. Paulo nos hospitaes, nas ambulancias, e nos asylos dos orphãos. Vêde a *irmansinha dos pobres*, mendigando esmola para os seus *velhos*, os seus enfermos, cujas feridas cura, cuja cama faz. Vêde essa *irmansinha das escholâs*, em quem tam pouco se falla, e que não menos excita nossa admiração. Comparae seus trabalhos de cada dia com os da mulher mundana, e diizei-me depois, com sinceridade, de que lado se acham o heroismo e a fecundidade.

Mais mãe que muitas mães, eil-a rodeada de bom numero de filhos que nem trouxe em seu seio, nem alimentou a seus peitos, mas aos quaes prodigalisa, com as primeiras noções da fé, os primeiros rudimentos da sciencia. Acceitando livremente os mais penosos encar-

gos da maternidade, sem perceber algum dos benefícios que os dulcificam ou compensam, fórma com amor o coração d'essas criancinhas que a fatigam, sem nunca irrital-a; desperta sua intelligencia pelos estratagemas d'uma paciencia que a tudo resiste.

Essas crianças não tornará muito breve a vê-las: outros, colhendo o fructo das precoces virtudes que no coração lhes instillou, colherão tambem, sem conhecê-la, para agradecer-lhe, o fructo de seus cuidados, de sua pericia e de seus sacrificios. Mas tudo isto nem sequer lhe vem ao pensamento. Seu coração angelico produz actos de heroismo, sem dar por isso; sabe sómente que, um dia, virão a ser mães essas meninas que educa; que educarão seus filhos, como são educadas, n'uma piedade generosa e terna; e que, d'este modo, será Deus glorificado: isto lhe basta. Que importa que essas erianças não sejam o sangue de seu sangue, e que as não torne a vêr? N'ellas venera a Jesus menino, que ama, que acaricia, que circumda de todos os seus cuidados e sollicitudes; e o dôce Jesus está sempre com ella; fallalhe de manhã, abençoal-a-á de tarde, e dar-lhe-á, um dia, o condigno premio (1).

A virgem é fecunda pelo apostolado que produz o brilho da juventude, unido ao fulgor da modestia e da virgindade. *Tota pulchra es... Oculi tui columbarum.* E's toda bella em tua candura, e teus olhos são os da pomba.

Com muita razão se podem a ella applicar estas palavras dos Cantares :

(1) Sancta Thereza, atravessando, um dia, seu mosteiro, encontrou um menino. Pensando que era parente d'alguma religiosa, perguntou-lhe seu nome. O menino responde: *Dize-me primeiro o teu, depois digo-te o meu.* — *E eu chamo-me Thereza de Jesus.* Então lhe diz o menino, meigamente sorrindo : *E eu me chamo Jesus de Thereza!*

Vêdes passar a filha de Babylonia, o idolo do mundo; passa a irmã de caridade, e quaes as emoções de vosso coração? Se fôrdes mundanos, direis: *Que pena!* porque o mundo costuma tractar a Deus, como o mau rico tractava Lazaro, tractando a creatura como elle tractava seus convivas. Mas, fallando sem paixão e despreoccupadamente, força é que tributeis veneração á virgem modesta e desprezo ao idolo perfumado. N'uma vereis a esterilidade do egoismo, n'outra a fecundidade da dedicação. E até, se não fôrdes dos que tudo esquecem, sentireis algum remorso ao lembrar-vos de vossas profanações!...

A virgem é poderosa na oração: pois, como é possível que Deus a não ouça? A mulher que a Deus offereceu sua belleza offertou-lhe o que a natureza tem de mais seductor.

A mulher que deu a Deus sua innocencia, fez-lhe offerta do mais fascinador encanto que a virtude tem. A mulher que deu a Deus seu amor, fez-lhe oblação do que constitue as delicias do coração humano. Baseando-se em tam pomposos titulos, não tem a virgem direito de pedir tudo? O dom dos milagres não é apanagio das sanctas que se immolam sem reserva? Se a esposa amavel, fiel e dedicada raras vezes tem que recuar a recusa de marido cuja ventura faz, que diremos da virgem immaculada que pôde dizer a Jesus, seu esposo omnipotente: «Dôce Jesus, rei muito amado de meu coração, dei-vos tudo, para provar-vos meu amor. Se sou pobre, foi meu coração que de tudo me despojou, e este coração possui-o todo, porque vos amo mais que todos os reinos do mundo, que todos os engodos da carne, que todos os attractivos mundanos, que todas as alegrias e vantagens da independencia. E agora, se este coração, que todo vos pertence, vos sollicita em favor dos peccadores ou dos infelizes, eis mais uma prova

de que muito vos ama, de que vossa gloria é sua ventura.»

De quantos favores e perdões é o mundo devedor ás grandes austeridades e preces ferventes das heroicas filhas da Trappa e do Carmelo, que taxam de *inuteis* os modernos *livre-pensadores*. *Vae mundo!* Ai do mundo no dia em que estas lagrimas sanctas deixarem de humedecer as lageas do claustro; em que o incenso da oração deixar de erguer-se até o throno do *Sancto dos sanctos*! Não offerecendo já a terra para os crimes dos maus sufficiente compensação, virá então a hora da justiça e começará o fim. *Haec sunt initia dolorum!*

II

Não. contente de bradar contra o heroismo da virgem, com quanto d'elle se vá utilizando, dá-se o mundo ao triste gosto de lamental-o. Ha certos prazeres que o enamoram, e ignora que ha um que os sobrepuja — esse que consiste na abstenção d'elles por virtude. Ignora que a virgem, fiel á sua vocação, possui um privilegio em que resume sua força, um privilegio superior a todas as felicidades, — a paz no amor, o amor em completa paz.

O amor é um jugo, por isso que sempre impõe sacrificios. A mãe que ama seu filho, a esposa que estremece seu esposo, bem sabem quanto lhes custa esse amor. Não fallo d'esse amor que certo auctor tam bem definiu: *O egoismo enlaçado no amor.*

O amor é, ao mesmo tempo, um jugo suave, porque esse jugo torna-o elle leve, quando o impõe. Jacob amava Rachel; para obter sua mão serviu quatorze annos o pae de sua futura esposa; mas estes annos pareceram-lhe curtos, diz a Escriptura; tam viva affeição consagrava elle á filha de Laban. *Videbantur illi pauci dies, prae amoris magnitudine*. Jacob é a imagem de todos os que amam. Para elles o amor abrevia sempre duas coisas, — o tempo e o sacrificio. Ora, quer tenha por objecto a Deus, quer a creatura, o amor tem só uma lei, um nome só. Para as esposas de Jesus o amor tambem é um jugo, mas de todos o mais suave, *jugum meum suave est*.

De todos os amores, o de Jesus é o mais suave, porque de todos os esposos é Jesus o unico que proporciona a suas esposas uma paz plena e perfeita. *Todas as coisas*, diz S. Paulo, *foram creadas para o homem, o homem para Christo*. Amar Jesus, tal é a funcção essencial, a ventura da vida. O coração humano é como a agulha de marear, que não descança em quanto se não dirige para a estrella polar: esta estrella é Nosso Senhor. Já Sancto Agostinho nol-o ensinára, quando exclamava: *Inquietum est cor meum, Domine, donec requiescat in te*. Meu coração, Senhor, não tem repouso, em quanto não descança em vós.

Eis o vacuo que fica sempre no coração, apesar dos thesouros que n'elle derrama uma ternura vulgar; eis o desgosto constante que inspira uma affeição monotonna, para tantas mulheres a origem de perigos sem conta, e de soffrimentos incompreensíveis. Algumas ha que são culpadas por serem infelizes, e que são infelizes por haverem tentado encher com os transportes d'um amor imaginario o abysmo sem fundo d'um coração que phantasia sonhos irrealisaveis.

A esposa do Salvador não tem que arrecear-se d'este

vacuo ou d'este cansaço, porque logra a ventura de amar Aquelle que fez seu coração maior que o mundo, e que para si reserva o cuidado de preencher-lhe esse vacuo. As que teem amado este divino esposo, e que, á força de sacrificios, mereceram o favor incomparavel de por elle serem amadas, podem melhor que eu narrar as alegrias ineffaveis que elle proporciona. «Conheço uma pessoa, dizia Sancta Thereza, fallando de si mesma, que para pintar o seu soffrimento, apesar de não ser poeta fazia, de improviso, versos cheios de sentimento. Não eram elles um trabalho de espirito, mas a expressão dos affectos de sua alma, atormentada pelo amor. Para melhor gozar da gloria em que a sepultava tam delicioso martyrio, queixava-se ao seu Deus, os queixumes soltava-os em poeticas melodias. Quizera que corpo e alma se lhe estalassem, para mostrar exteriormente os transportes d'interna ventura, devidos áquelle soffrer. Seria então para ella coisa dulcissima affrontar por seu Deus os mais crueis dos tormentos.» O jugo do Salvador é de todos os jugos o mais suave, porque de todos os esposos é elle o de vista mais penetrante.

E' raro que uma creatura, por mais amada que seja, conheça bem todas as manifestações do amor de que é objecto. Muitas vezes, o esposo amado está separado de sua esposa pelas necessidades da vida. Nem sempre conhece todos os pensamentos que o teem por alvo, nem todos os transportes e todos os louvores de que é objecto. Nem todos os passos que por elle se dão, nem todas as angustias de que é causa lhe são patentes. Elle não póde proporcionar á esposa o incomparavel prazer que sente um coração apaixonado, quando póde dizer da pessoa a quem prodigalisa os extremos da afeição: «Nada lhe escapa de quanto faço para provar-lhe meu affecto.» Não se dá isto com o divino Esposo. A virgem pensa e obra sempre em sua presença. Uma pa-

lavra que lhe sae dos labios, um suspiro que parte do coração, uma pequena renuncia, provocada pela lembrança do seu *amado*, nada, enfim, escapa á vista penetrante de Jesus. Conhece elle tudo, de tudo se recorda. Vê o amor de que é objecto, não só nos effeitos, mas em si mesmo; e esta intuição garante a virgem do supplicio que sempre tortura todos os que o amor domina, — a impossibilidade de bem manifestal-o.

O jugo do Senhor é o mais suave, porque de todos os esposos é elle o mais fiel.

Deram os pagãos azas ao amor, porque elle é volante. Quantas infelizes, por esse mundo, experimentam todos os dias por si mesmas esta triste realidade! Um rei de França mandára vir lá do centro do norte uma princeza, nobilissima por seu sangue, e de belleza surprehendente. Ao approximar-se a chegada d'esta princeza, tudo anda azafamado, aceiam-se com todo fausto os reaes castellos, e os palacios do rei parecem pequenos para receber aquella, cujos encantos apenas vira em pintura. Chega ella, entra no palacio cheia de jubilo, e luxuosamente ataviada. Philippe Augusto dá alguns passos, desce a recebêl-a, e torna a subir... Ah! mas elle fita seus olhos em Ignez que, de dama d'honor, vem a ser rainha, ao passo que a desditosa Ingelburges passa de rainha para a triste condição de desolada captiva. Um dia, um só lance d'olhos, lhe roubára, com o coração real, a mais bella das corôas! Virgens christãs e puras, não tendes que recear as angustias, os desesperos indiziveis, que provocam taes inconstancias. Jesus ama sempre, e mais do que o amam; é sempre o primeiro em amar. D'este Esposo divino disse o discipulo virgem: *Jesus, havendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.*

O jugo do Salvador é o mais suave, pois de todos os esposos é elle o unico, cuja separação se não receia.

A união mais íntima, a união perpetua, sem cuidado no futuro, tal é a grande aspiração do amor. Ora, entre os que no mundo se amam, quaes são os que podem saborear as delicias de tal união? Ah! qualquer afeição humana que sonhe tal felicidade encontrá dons inimigos implacaveis, a ausencia e a morte.

A ausencia, separando os que se amam, importa sempre um de dois effeitos: ou lhe enfraquece o amor, o que não é pequeno mal, ou vivifica-o, e, n'esse caso, excita uma melancolia dolorosa que, ás vezes, basta para levar ao tumulto. Ainda assim a ausencia não priva os que se amam d'uma consolação, — a esperança de se tornarem a vêr. Mas a morte!? A morte, para muita gente, põe o remate á separação. Para os que se amam é ella, sobretudo, terrivel, não por fazer soffrer, mas porque separa.

Conta-se d'um nobre lord que, condemnado a ser degollado, por haver persistido fiel á sua consciencia, supplicou lhe fosse concedida uma ultima entrevista com a esposa que estremecia. Acabada ella, que foi longa e na qual só o silencio e as lagrimas fallaram, o lord saiu exclamando: *Já passou a amargura da morte: o que falta é o menos duro de supportar!* Este brado sublime do coração que amava, traduz-se assim: «Para mim a amargura da morte não está na vista d'esse ferro-cortante, que n'um momento vae fazer rolar minha cabeça aos olhos d'essa multidão estúpida que se apinha em derredor de meu cadafalso: não está n'esse gelo terrivel e supremo que converte a victima n'um cadaver: não; a amargura da morte bebi-a eu, a longos sorvos, nos olhos banhados em prantos d'uma esposa, cujo coração pulsava de intensissima dôr; bebi-a no momento em que não com a bôcca, mas com os olhos tambem lhe dizia: *Adeus! vive, se podes: eu vou morrer!*

Feliz a virgem que, sem reserva alguma, deu seu

coração ao Cordeiro sem macula! A morte, arrancando-a á terra, separa-a do que ella nunca amou, para eternamente a unir Áquelle que com seus juramentos recebeu seu amor; e sua alegria póde comparar-se á de Maria, quando depois de vinte e cinco annos de separação, a morte, qual mensageira divina, lhe vem dizer da parte do seu amado: *Veni sponsa mea, veni cito: vem, esposa minha; vem, não te detenhas.*»

III

Vêmos a creatura, direis vós; ouvimos-a, palpamos-a, e que muito é que a amemos? Mas Jesus não o vemos, não o ouvimos, não o palpamos, e, então, como amal-o? Oh! quem dera que ouvissemos sua voz, e nossos olhos defrontassem com os seus!

Por sem duvida, se nos fôra dado ouvir a voz do Salvador, contemplar seu rosto adoravel, facil nos seria amal-o, e até sacrificar-nos, para lhe provarmos nosso amor. Vou mais longe: ser-nos-ia talvez impossivel deixar de amal-o com transporte; pois qual é o coração que podêsse ficar superior á contemplação d'uma belleza de encantos infinitos? Mas é precisamente por este motivo que Jesus se occulta, se esconde. Esconde-se, para deixar ao amor todo o merito, á dedicação toda a grandeza, deixando-lhe tambem toda a liberdade.

Demais, poder-se-á affirmar com toda a segurança

que a virgem fiel não vê seu divino Esposo? Interrogaes seu coração, e dir-vos-á este coração-puro que vê em dois espelhos o objecto de seu amor. Vê-o n'esse espelho que se chama mundo visivel. Mostra-lh'o o firmamento esmaltado de estrellas, bem como a flôr abrindo ao sol sua corolla mimosa e bella. Deus, diz S. Thomás, fez todas as coisas em seu Verbo, cuja belleza serve *d'exemplar* a todas as suas obras; e cada creatura é mais ou menos bella, segundo reflecte, mais ou menos, essa belleza essencial, absoluta. Assim a virgem, quando contempla o lirio, a roza, diz consigo: « Dôce Jesus, quam surprehendente deve ser vossa belleza, se esta flôr, tam bella, tam encantadora é d'ella apenas um ligeiro reflexo. »

Contempla a virgem seu divino Esposo n'outro espelho, aliás não menos fiel, que chamamos — o Evangelho. Que é necessario para conhecer uma mulher, um homem? para ver sua physionomia? E' preciso contemplar-lhe o rosto, os olhos, os cabellos, os vestidos? Isto não basta, nem é necessario. Requerem-se duas coisas: conhecer suas palavras que revelam seu espirito; seus actos que revelam seu coração, porque — espirito e coração —, eis o que faz o homem. *Falla, para que eu te veja*, dizia alguem. Pois bem: Jesus Christo não sómente fallou, a fim de que vissemos seu espirito em suas palavras, mas obrou, soffreu, morreu, e quiz que o Evangelho immortalisasse suas acções, suas dôres, para que todos os dias, em fervente oração, podessemos contemplar os thesouros de seu coração adoravel. Eis o espelho que todos os dias, ao despertar, a virgem consulta fielmente, ao passo que a mulher de Babylonia está ainda, por longas horas, sepultada na languidez delirante que sempre succede aos tripudios da vespóra.

E não sómente ella vê este esposo encantador nos

labores da meditação, mas até, talvez, na suavidade d'uma intuição milagrosa. A virgindade é, muitas vezes, o pedestal do extase, como é também o do pensamento. *Bemaventurados os corações puros*, diz o Salvador, *porque elles verão a Deus*. Esta promessa não disse Jesus que nunca a cumpriria cá na terra.

Elle tem favores especiaes para as almas que lhe dêram tudo, caricias de incomparavel doçura para os corações que se lhe mostram prodigos. Para com estes corações é elle sempre sollicito em mostrar-se generoso, e compraz-se em dar-lhes muito mais do que recebe. E, como á virgem que se lhe immolou sem reserva, não póde dar-lhe nem riquezas que ella despreza, nem vantagens que repudia; em quanto lhe não dá a gloria immortal, dá-lhe o unico bem que ambiciona. Conduz-a com o discipulo amado ás serenias summidades do Thabor, para arrebatá-la pela visão de sua humanidade transfigurada! Ou, então concede-lhe, como ao apostolo virgem, que repouse a cabeça em seu seio adoravel.

Feliz, pois, a virgem fiel que se dá a seu Deus sem reserva, e em holocausto completo. «Não conheço na terra pessoa mais feliz, dizia Sancta Francisca do Chantal, do que a religiosa que ama seu Deus, sua regra, sua superiora, suas irmãs.» Felizes as casas onde habitam estes anjos, quando o egoismo não domina o coração das que mandam, nem o orgulho o das que obedecem. Se este asylo não é sempre um paraizo, apesar das austeridades que ahi se practiçam, é porque a immolação não foi completa, e a natureza fez suas reservas. Jesus é um esposo cioso. Se é prodigo para os corações que se dão todos, é avaro e duro para os que se dividem. Se a paz do claustro, algumas vezes, se perturba; se no cenaculo, também, ás vezes, a tempestade rugé, isso procede sempre dos descontentamentos. Se

o coração da virgem vive sempre descontente, é porque a graça cedeu á natureza, e sua alma se divide entre a creatura e o Creador. Privada dos vãos prazeres do mundo, que lhe prohibem os votos e o habito, desviada, por sua tibieza, das consolações intimas d'uma consciencia pura, e dos favores que Deus só concede ás almas generosas, nem saboreia as alegrias de Jerusalem que aborrece, nem as de Babylonia por que suspira. Incessantemente irritada contra suas superiores, insupportavel a suas companheiras, e sempre malavinda comsigo mesma, perturba o socego do mosteiro por seus caprichosos desregramentos, por suas mesquinhas invejas, por suas murmurações invenenadas, e assimilha-se ao desditoso encarcerado que lança olhos de desespero para as estrellas do firmamento, atravez das grades de sua prisão.

Virgens que lêdes estas paginas, tal supplicio não será nunca vossa triste sorte, porque nunca tereis que envergonhar-vos de taes fraquezas. Sempre sereis humildes, obedientes e mortificadas. N'este empenho, tereis sempre a peito estreitar mais e mais os dôces liames que vos unem ao sagrado coração de Jesus, e dir-lhe-eis: «Coração de Jesus, inflammado em amor por mim, fazei que meu coração se abraze sempre em vosso amor. Este coração, dou-vol-o todo; guardae-o sem macula, como thesouro que vos pertence, e se algum dia commetter a loucura de vol-o pedir, oh! por quem sois, não m'o restituaes. Sejam suas pulsações, de dia e de noite, um contínuo acto d'amor, e se quizerdes alfim restituir-m'o, meu Deus, então restitui-m'o no céu, onde vos amará em toda a segurança, porque já a creatura não poderá assenhorear-se d'elle.»

Diz-se que existe uma academia chamada a *Academia do silencio*. Este corpo litterario tem suas sessões e recepções; mas tudo se faz por meio de signaes, emble-

mas e figuras. Apresentou-se um dia certo candidato, que insistia na sua admissão. Para mostrar-lhe que não podia ter logar a pretensão, o presidente encheu d'agua um vaso com tal exactidão, que era physicamente impossivel deitar-lhe uma gotta mais, sem que o liquido tresbordasse. O candidato, sem desanimar, collocou no vaso cheio d'agua uma folha de rosa; e na agua não se conheceu o mais leve movimento. Queria elle fazer ver, por tam ingenhoso meio, que o numero completo não era obstaculo insuperavel. Ora, o vaso cheio é o coração da virgem fiel e pura que o divino Esposo enche do seu amor. O mundo não póde excitar-lhe nem pesares, nem reprehensiveis desejos; pois, com prodigalisar-lhe seus enlevos e encantos, apenas conseguiria collocar por sobre esse liquido, que a inebria e regosija, *uma folha de rosa.*

CAPITULO X

✧

A virgem prudente e a virgem louca

Os inimigos. — I. Conhece-te a ti mesmo. — II. Lucta que se trava. — A grande guerra. — III. A oração. — IV. Methodo de orar.

Perseguirei meus inimigos a todo o transe, baster-me-ei com elles corpo a corpo, e não cessarei de combatel-os até triumphar. Que inimigos são estes de que falla o propheta? São estes inimigos as nossas paixões, e os unicos que, perturbando-nos a paz n'este mundo, obstam a que vamos gosar da felicidade no outro. São as paixões para toda a pessoa que aspira á perfeição a origem d'esses combates que chamamos tentações.

A tentação, por si mesma, nunca é peccado: mas é a occasião que Deus offerece á creatura livre de pensar, segundo ella resiste, ou succumbe, os quilates do amor que lhe tributa. E' a crise, a prova que patenteia, na maior lucidez, todas as fraquezas, e todas as

virtudes. Quem não é tentado nada sabe, porque a si mesmo se ignora, segundo as palavras do Espírito Sancto: *Qui non est tentatus quid scit?* O essencial é saber triumphar d'estes combates, que incessantemente nos apresentam a carne e o sangue, pois nossas victorias serão nossa gloria, e d'ellas resultarão nossos meritos.

Roberto, duque de Normandia, havendo chegado á Palestina, aonde fôra visitar os logares sanctos, encontrou quatro sarracenos que se dispunham a roubar-o e assassinar-o. Longe de se acobardar, o duque os dominou com seu olhar, desarmou-os com sua coragem, e obrigou-os a levar-o no palanquim até Jerusaleem. No caminho passa por elle um de seus amigos, já de volta, que lhe pergunta que noticias queria que viesse dar de sua pessoa. *Dirás*, responde Roberto, *que viste o duque de Normandia levado ao paraizo por quatro demonios*. Eis uma imagem viva da alma forte que vence as paixões, e triumphá das provas; converte seu inimigo em artifice de sua fortuna e pedestal de sua gloria.

Para isto havemos mister do concurso de duas forças, a que resulta de nossa propria energia, e a que nos vem de Deus. Dous recursos que nos asseguram a victoria nol-os ensinou Nosso Senhor, dizendo-nos: *Velae e orae*. A virgem prudente é a que vela e ora; a louca a que posterga ambos estes deveres. *Velar* é cultivar o campo de nosso espirito, e disciplinar nosso coração; é aprender a conhecer-nos e a saber combater-nos.

I

Conhece-te a ti mesmo: eis o grande principio da sabedoria antiga, e eis tambem a primeira condição da perfeição christã. Mas, raramente, o homem se conhece bem, e ousou affirmar certo pensador que, em derredor de nós, nada ha mais iguorado do que nós mesmos. Nosso coração é um livro, cuja ultima pagina nunca leremos, mórmente, se nos desagrada sua leitura. Se em nós conhecemos alguma coisa, é exactamente o que deveríamos ignorar, — nossas boas qualidades; e se alguma coisa ignoramos, são, d'ordinario, nossos defeitos, o que, o mais das vezes, faz com que ignoremos muito. Vivemos com nossas más tendencias como certas mulheres com seus perfumes; todos os sentem, menos ellas que os trazem. Isso não deve maravilhar-nos. A paixão que nos domina é-nos cara; toma todas as côres adequadas a seduzir-nos, e a verdade, diz Bossuet, abysma-se em profundezas aonde a alma não pôde seguir-a.

Para attingil-a, que faz a virgem prudente? A si mesma se impõe a obrigação, de collocar-se quotidianamente, um quarto d'hora que seja, de manhã ou de tarde, em presença de Deus ou de si mesma, para interrogar-se, por meio de séria reflexão e sincero exame. Para que seja efficaz este exame, tem que explorar seu coração por todos os lados, interrogal-o em suas manifestações mais intimas, e discernir entre todas as paixões que n'elle germinam a que maior imperio ha con-

quistado; pois, vencida esta, facil é triumphar de todas as outras. Para discernil-a, esta paixão, examinará qual a causa de suas mais vivas alegrias, de suas mais frequentes tristezas. A si mesma perguntará qual o objecto favorito de seus pensamentos, a causa mais ordinaria de seus desassocegos e remorsos: o que, da parte de seus semelhantes, lhe motiva mais censuras e contrariedades: o que, muitas vezes, lhe torna incommoda a confissão, e a desvia de frequentar mais assiduamente este Sacramento. Perguntará, emfim, no caso de collisão entre duas tendencias cujos interesses se não conciliam, qual a que triumphá da outra, persuadida de que é a triumphante sempre a mais fôrte.

Para conhecer-se, tem ainda outro recurso, além do exame ou da reflexão: ponderará se ama como deve, ou odeia seus semelhantes, e, sobretudo, as pessoas com que de perto tracta. Mas, infelizmente, se não folgamos de perguntar a verdade á nossa propria consciencia, menos gostamos ainda de que nol-a digam os outros.

Bernin, celebre escultor, trabalhava um dia na sua officina, quando vê entrar a famosa Christina, rainha da Suecia. Admirando ellà muito uma magnifica estatua de marmore, que representava a *Verdade*, disse-lhe o artista: *Senhora, quanto a mim, sois vós a unica testa coroada a quem a verdade agrada.* Mais sentenciosa foi a resposta de Christina: *E' que nem todas as verdades são de marmore, como a que admiro.*

O que dizia Bernin das testas coroadas, póde quasi dizer-se de todos os homens: elles não amam a verdade. No mundo, é questão de grande monta dizer-se ella entre eguaes. Disse Tacito: *Corromper e deixar-se corromper; eis o que é o mundo.* Quanto a mim, sem querer ser menos verdadeiro do que Tacito, direi: *Enganar, e deixar-se enganar; eis o que é o mundo.* E o mais é que, muitas vezes, somos enganados porque

o queremos ser. Não contentes com enganar-nos a nós mesmos, queremos ainda que os outros com suas lisonjas nos enganem. Raras vezes, um cumprimento grosseiro nos irrita tanto, como uma verdade delicada. Por melhor que nos fallem de nós, nada nos dizem de novo; ao passo que, notando-nos o menor defeito, estranhamente nos surpreendem. Querem obter nossas sympathias e parecer-nos pessoas de bom senso? Lisongeiem sempre nosso amor proprio, e com tal habilitade que se nos afigure que fallam sinceramente. Querem, pelo contrario, provar-nos que não são espirituosos, e desmerecer de nossa affeição? Digam-nos uma verdade salutar, embora guardem as attenções possiveis.

Costumamos, quasi sempre, tractar-nos, como trata a mãe um filho estragado, em que seus olhos, deslumbrados pela ternura, apenas vêem encantadoras bellezas; de sorte que sempre nos admiramos de que todo o mundo não seja do nosso parecer. Cheios de reconhecimento para com aquelles que nos advirtiriam de nossas faltas, se conseguiram virar-nos a roupa do avêssô, difficilmente supportamos que nos notem defeitos ou desvarios que voltam a face de nossa alma por fórma a tornar-nos ridiculos ou aborrecidos. Coisa admiravel! muitas vezes chegamos a confessar defeitos que não temos, ao passo que negamos o vicio que nos domina; ou, se o confessamos, é com a esperanza de que sejamos contradictos, sendo que só em tal occasião, talvez, o somos da melhor vontade. Emfim, o amor proprio, que, por nossa culpa, nos cega, nos torna em compensação por extremo perspicazes para descobrir defeitos alheios: pelo que poderia o mundo definir-se; uma multidão de imperfeitos que não querem que se lhes diga a verdade, e que todos teem grande desejo de a dizerem aos outros.

Que succede então? Como nossos defeitos, por muito

evidentes, não podem occultar-se, dizem baixinho e com grande detrimento nosso o que ninguém se atreve a dizer em voz alta, com o receio de ser mal recebido; e se, ás vezes, chega a verdade a nossos ouvidos, é, d'ordinario, um inimigo que se encarrega de nol-a dizer, n'um momento de indisposição e má vontade; mas então o unico resultado que d'ahi se colhe é a irritação, e não a correcção.

Qual o motivo d'este horror á verdade, quando dicta por nossos irmãos? O pobre que recebe a esmola não abendiçoa seu bemfeitor? Acaso o doente odeia o medico que o restitue á saude? Não é a verdade uma esmola magnifica, uma revelação que nos esclarece, uma bebida salutar que póde, com a virtude, restituírnos a belleza do tempo e da eternidade? Qual pois a causa, direi uma vez ainda, d'esse desdem pelo que, aperfeiçoando-nos, póde salvar-nos? Responderei como a rainha da Suecia: *E' que, muitas vezes, a verdade não é de marmore.* Não é de marmore, porque, tendendo, de sua natureza, a reformar em nós uma inclinação qualquer, exige de nossa fraqueza assás penoso sacrificio. Não é de marmore, porque vae, d'ordinario, ferir nosso orgulho, que é a primeira das paixões humanas, e que, semelhante a esse dardo embebido no peito de Epaminondas, arrancal-a do coração importa a perda da mesma vida. Aquelle que nos dá a esmola d'uma verdade, dando-nos uma correcção ou um aviso, suppõe que temos d'ella necessidade, e, aos olhos de nosso amor proprio, arroga-se uma superioridade que facilmente o irrita. Por isso o melhor meio de fazer acceitar esta esmola, consiste em humilhar-se e *calumniar-se a si mesmo* o que a dá: e, quando possa empregar-se um exordio insinuante, vem muito a proposito em tal occasião. Com especialidade entre amigos deve dizer-se e perdoar-se uma verdade; cumpre, porém, ter muito

em vista nunca ultrapassar os limites da discrição. *Aborreço, diz Bossuet, os que se glorificam dos conselhos que dão; que preferem honrar-se em dal-os a tirar d'elles utilidade, e triumphar de seu amigo a servil-o. Por que ides gabar-vos d'isso a toda a gente? Ieis dar-lhe uma correcção caridosa e não insultal-o. Fallae em segredo; fallae ao ouvido: não poupeis o vicio, mas poupae o pudor.*

Apesar de todas as precauções da prudencia, unida á caridade, é raro que no mundo a correcção fraterna seja bem efficaz. Humana loucura! presamos os tulgores da luz, e não podemos soffrer suas censuras! Assim fazia Herodes, quando encarcerava o Baptista, como querendo, ao mesmo tempo, encarcerar seus remorsos. Assim fazia Pilatos, quando, depois d'haver perguntado a Jesus *o que era a verdade*, voltava a cabeça para não ouvir a resposta. Assim faziam os cobardes de Israel, quando gritavam aos prophetas: *Loquimini nobis placentia*, dizei-nos coisas que nos salvem, mas coisas que nos agradem.

Assim faziam, finalmente, todos esses monarchas, que não perdoando a ousadia da sinceridade, pagavam loucamente a lisonja que procura vender-se, e só consentiam aos bôbos o direito de fallar-lhes sem mentir (1).

Preserva-se de taes fraquezas a virgem prudente. Nunca consente em ser *impunemente insultada*, mendi-

(1) Os bôbos foram, por muito tempo, estimados na côrte dos reis. Para pagar-lhes, empregava, cada anno, a *senhoria* de Milão trinta mil florins d'ouro. Pedro, bôbo de Guilherme, o conquistador, alcançou o senhorio de tres povoações. Triboulet, bôbo de Francisco 1.º, Gonella, o do duque de Modena, bem como o famoso Angely de Luiz XIII, alcançaram em sua carreira a immortalidade, recusada aos inventores das artes mais uteis. Tam louco e caprichoso é esse phantasma que chamamos gloria!

gando elogios que se não deu ao trabalho de merecer. Aceita roconhecida a verdade, quaesquer que sejam os labios que lh'a tragam, ainda mesmo os d'uma inimiga; pois sabe que, se deve ao odio de que é victima serem seus olhos mais penetrantes, as censuras que recebe lhe dão tambem mais luzes. Longe de irritar-se com estas censuras, examina se são legitimas, e vinga-se com fazer por não merecel-as. Regosija-se de que a supponham assás fôrte para supportar uma reprehensão, e diz com S. Gregorio: Reputarei sempre o melhor de meus amigos aquelle cujos caridosos avisos me proporcionarem occasião de purificar minha alma, para o dia em que o Supremo Juiz a mostrar por todos os lados ás gerações reunidas.

II

A virgem prudente não se contenta com conhecer-se, procura tambem, quando se offerece occasião, combater-se a si mesma.

Para triumphar n'estes combates, inspirar-se-á primeiro da *coragem da prudencia*, que evita os occasiões perigosas, quando nenhum dever ou obrigação séria a fôrça a defrontal-as. *Quem ama o perigo*, nos diz o Espirito Sancto, *perecerá no perigo*. Quem, em lugar de fugir-lhe, o procura, contando com suas proprias forças, assimilha-se ás aves imprudentes que se approximam da cascata do Niagara, até que enfim lá vem o turbilhão que as apanha, e comsigo as arrasta ao fundo

do abysmo. Ha limites além dos quaes já não temos nossa liberdade, e então succumbimos fatalmente. Obscurecem-se a razão e a fé, e Deus retira-se, porque não prometteu sustentar até o fim o temerario que quer ser vencido.

Ha occasiões em que é, bem o sei, difficil a fuga, porque ha tentações que se amam, quédas que se desejam. Bem o conhecia o Salvador: por isso nos diz elle para mostrar-nos que devemos estar dispostos a tudo sacrificar: *Se vosso olho vos scandaliza, arrancae-o e deitae-o fóra; pois é bem preferivel salvar-vos com um a perder-vos com dous.*

E' como se nos disséra: «Ha victorias que requerem, para alcançar-se, muitos esforços; ha idolos que é muito custoso desthronar no coração humano; ha conversas, passatempos, vistas, familiaridades, a que custa renunciar: mas o ceu vale mais que todos esses gostos banaes e futeis, o inferno é mais terrivel que todas essas violencias.» Para muitas, este *olho que scandaliza*, é o livro que as engana e corrompe tanto mais facilmente, quanto é mais seductor. E' esse baile d'onde voltam tanto mais culpaças, quanto mais são os attractivos, alli encontrados. E' esse talisman que sobre o coração trazem, como alimento d'um fogo que cumprira apagar. E' esse pensamento, essa lembrança que de dia as preocupa, e em que sonham de noite. E' esse momento, essa acção realisada, quando cada uma diz a si mesma: *Ninguém me vê!...*

Esse olho arranca-o a virgem prudente para offerecer a Deus, em favor de sua alma, uma immolação cruenta; e poupar-se a uma como apostasia que lhe acerrearia alguma coisa mais que remorsos (1).

(1) Um dia, o douto e melodiosó Petrarcha, n'uma semana de retiro espiritual, julgou vêr entrar em sua cella o grande Agosti-

A virgem de que fallo saberá empregar essa prudencia que não só evita o mal, mas procura seccar-lhe a fonte, cortar-lhe a raiz. Dadas as occasiões, fará como o Sancto Job *um ajuste com seus olhos*, para não vêr o que poderia avivar a centelha amortecida debaixo da cinza. Quando convenha a seu espirital aproveitamento, tornará sua cama mais austera, sua meza mais frugal, a fim 'de que seus pensamentos sejam mais puros, suas noites mais innocentes.

Cada um de nós é o theatro de luctas sempre vivas, sempre rijas! Nosso ser, apesar de sua unidade, divide-se em duas regiões, alma e corpo, cada uma das quaes aspira ao imperio supremo, e, — facto notavel, que attesta evidentemente a quéda original —, não é a alma a que tem maiores probabilidades de reinar. A alma que conhece e ama a Deus, a alma saída do céu, e que tende a voltar para lá, sente-se dominada pela carne, e por ella arrastada para infectos lodaçoes. E' livre por natureza, e escrava de facto. Deve imperar, e, muitas vezes, abdica, cansada das fadigas de sua realza. Sua superioridade subsiste em seu abatimento, sua responsabilidade em sua fraqueza: cada falta sua, testemunha irrecusavel de sua degradação, a accusa perante seu tribunal, recordando-lhe sua grandeza. Sofre dous martyrios, o martyrio da quéda que lhe pro-

nho, seu venerado padroeiro, que o examinou como director attento e severo. As honras, poesia, e gloria tudo elle passou em claro, e chegando a *Laura*, pôl-a de parte, como tudo o mais. Porém Petrarcha, que de boa mente se curvára a cada decisão do sancto, aqui como que reagiu, cheio de dôr, e, prostrado de joelhos, lhe diz: *Meu sancto padroeiro, que choraste sobre as desventuras de Dido, dignae-vos exceptuar a minha Laura!* Quantos Petrarchas ha por esse mundo!

vém do corpo, e o da consciencia que lhe vem de si mesma (1).

Escutae S. Paulo: *Em verdade, diz elle, não comprehendendo o que faço; pois não faço o bem que quero, e commetto o mal que não quero... Como sou infeliz! Quem me livrará d'este corpo de morte?* Tal era o brado do Apostolo que em sua carne trazia impressas as chagas de Jesus Christo, e corria ao martyrio que devia coroar seus miraculosos labores!

Quem ignora os immortaes suspiros e heroicas austeridades de S. Jeronymo? «Quantas vezes, nos diz elle, retido n'este deserto e n'esta vasta solidão, que, devorada pelos ardores do sol, offerêce aos monges penosa e mortificadissima morada, me julgava assistindo ás delicias de Roma! Meus membros estavam cobertos de asqueroso sacco, meu rosto tismado apresentava a côr negra d'um ethiope. Todos os dias chorava e gemia, e se o somno me acabrunhava, a despeito dè minha resistencia, meu corpo macilento tinha por leito a terra núa. Pois bem: eu que, por temor do inferno, me condemnára a esta prisão habitada por feras e escorpiões, via-me em imaginação transportado aos amphitheatros de Roma! O rosto empallideciam-n'o os jejuns, mas o corpo ardia em culpaveis desejos. N'este corpo gelado, n'esta carne morta, senfia só accêso ainda o fogo das paixões. Então, destituído de todos os soccorros, prostrava-me tranquillo aos pés de Jesus Christo. Banhava-os com minhas lagrimas, e enxugava-os com meus cabellos. Domava a carne indocil pelos jejuns de muitas semanas. Chegava mesmo a temer o asylo de minha cella; ella se me figurava cumplice de meus pensamentos. Irritado contra mim mesmo, sósinho me em-

(1) Fenelão dizia: *Tenho em mim mesmo uma grande diocese para governar.*

brenhava pelo deserto. Se descobria algum valle mais profundô, alguma altura mais escarpada, fazia d'estes sitios a estancia de minhas preces, a prisão de minha carne miseravel. Muitas vezes, — e o Senhor é d'isso testemunha, — depois de lagrimas abundantes, depois de, por muito tempo, fitar os olhos no ceu, me parecia transportado aos côros dos anjos, e, exultando d'alegria, com elles se me figurava cantar: *Todos, Senhor, corre-mos a traz de vós, attrahidos pela suavidade de vossos perfumes!* »

Tentações do demonio, quem ha de resistir-vos? A graça de Deus, ajudada do sacco de S. Jeronymo, e armada da espada da mortificação (1).

A virgem prudente, não satisfeita com a resistencia e fuga, deve tomar a offensiva, não para affrontar inutilmente o perigo, mas para atacar suas más inclinações. D'est'arte combaterá ella o mal, praticando o bem. Quando suas paixões lhe pedirem um acto d'avaréza, responderá com um acto de generosidade. Quando lhe inspirarem uma satisfação de orgulho, responderá com uma acção de humildade; e um dia chegará em que dará em suas más tendencias o ultimo golpe; mas para isso necessita de ter sempre em vista que nada a deve fazer desanimar, nem mesmo o grande numero de suas fraquezas.

O anjos cantaram em nome de Deus: *Na terra paz aos homens de boa vontade!* A boa vontade não é a que de si presume, nem a que desespera; nem mesmo a que nunca succumbe, mas sim a que se humilha de suas quédas, as confessa, as detesta, para erguer-se com a

(1) Todos os sanctos e sanctas que a Egreja collocou nos altares fizeram pasmar o mundo de suas austeridades. Todavia, nem a todos é dado imital-os. A mortificação *interior* póde bastar ás pessoas que aspiram á virtude, se tiverem a prudencia de se regularem, n'este particular, pelos conselhos de seus directores espirituaes.

confiança no Senhor. O desalento nenhum resultado produz, e só prova duas coisas, — muita presumpção e muita fraqueza. A virgem prudente não esquece já-mais esta verdade. Quando, á noite, faz o seu exame, se a consciencia a não accusa, bem diz o Senhor; se a accusa, chora, implora perdão, e exclama: *Com vosso auxilio, ó meu Deus, serei amanhã melhor do que hoje fui.*

III

Auxilium Dei, o auxilio de Deus! esta divisa, outr'ora gravada na bandeira dos Machabeus, é tambem a divisa da alma generosa que quer *combater* um *bom combate*; e sabe orar para obter este auxilio.

Orae! é o preceito que a todos nos dá Jesus mais pelo exemplo, que pelas palavras: é como se nos quizerá dizer: «*Orae*, porque a oração é a condição, o alimento de toda a vida espiritual: *orae*, porque, sem a oração, sereis fracos e sereis vencidos: *orae*, porque, sem a oração, não ha virtudes, nem victorias, nem corôas. *Orae*, porque, com a oração, podeis tudo.»

Corriam esses tempos em que o povo d'Athenas tinha por costume eclipsar n'um momento a mais deslumbrante gloria, e recompensar pelo ostracismo os triumphos de seus mais notaveis e benemeritos cidadãos. Themistocles, por seus tropheus, era um dos que menos podia subtrahir-se ás honras do exilio. Um dia, diz a historia, o vencedor de Salamina chega inquieto

e fugitivo á morada do rei dos Molonos. O principe estava ausente: Themistocles entra n'um dos aposentos do palacio, senta-se e toma nos braços um filhinho do monarcha barbaço. Este chega e assim lhe falla o glorioso fugitivo: «Principe, em nome da tua bondade, em nome de meu infortunio, em nome d'esta creança a quem tanto queres, amerceia-te de Themistocles. — Themistocles, responde o rei, com difficuldade resisto á minha cólera, mas com maior difficuldade ainda resistirei á tua supplica.»

Que é o glorioso exilado aos pés d'este monarcha, senão uma imagem viva do christão fervoroso e humilde aos pés do Todo-Poderoso? Quem poderá duvidar da efficacia da oração? A fraqueza e humildade do que ora ajuda a triumphar das resistencias do Todo-Poderoso.

Deus! qual é o seu epitheto? Ah! tem elle e merece muitos, mas ha, para assim dizer, um só no coração e na lingua humana; chamamos-lhe *bom!* Pois bem: a esta bondade paciente que consente em perdoar a Sodoma, movida pelas preces d'Abrahão, a esta bondade que Moysés desarmava para arrancar-lhe o perdão d'um povo que levava a ingratidão até á estupidez, é a esta bondade, digo, que a alma que se humilha e conhece sua miseria póde dirigir segura os seus assaltos.

Appello para vosso coração, mulheres christãs; diizei-me, quando daes um passeio pelo campo, não vêdes, tantas vezes, um insecto, uma formiga, ou outro pequenino animal? Calcael-o, d'ordinario, sem vislumbres de remorso. Todavia, como ficarieis vós, se esse animalinho vos dirigira afflictivas supplicas, e vos conjurára a pouparde sua fragil existencia? Por certo, não resistirieis á mais viva compaixão. Depois de o haverdes ferido, envidarieis todos os esforços para cural-o. Ora,

se tal é o poder da fraqueza supplicante, que diremos nós da commoção que o Senhor experimenta, quando ouve os suspiros d'uma alma que confessa seu nada, lhe chama seu Pae, e lhe pede que *seu reino chegue, e se cumpra sua vontade?*

E como se isto não bastára, Deus, como para se collocar na necessidade de ser vencido, nos deu por mediador, não esse menino real que Themistocles apertava a seu peito, presentando-o ao pae; mas esse Filho adoravel em quem elle pôz *todas as suas complacencias*. Deu-nos esse sangue que caía sobre nossas cabeças, baptizando-nos com S. João, no cimo do Calvario! E' esse sangue que clama por nós-misericordia. Esse sangue podemos sempre offerecel-o ao ceu, como holocausto de propiciação. «Pae, podemos nós dizer a Deus, somos, é verdade, fracos, cobardes e ingratos: merecemos a severidade de vossa justiça, irritada pelas iniquidades do mundo, e por nossas reprehensíveis fraquezas; mas aqui tendes vosso divino Filho, esse Filho, tam encantador, tam puro, que nos déstes n'um excesso d'amor. E' elle que por nós intercede; foi elle que tocou o bom ladrão! Sua cruz, sua corôa de espinhos, seu sangue, sua vida imploram-vos o vosso perdão. Não desvieis vosso rosto d'este rosto adoravel, ó meu Deus! *Respice in faciem Christi tui.*

Não; não é possivel que Deus resista a semelhantes assaltos. Bem o sabia Jesus, quando, fallando a seus apostolos, se dirigia a todos os christãos: *Se, em meu nome, pedirdes uma graça a meu Pae, conceder-vol-a-á. E mais adiante: Pedi e recebereis; batei e abrir-se-vos-á.*

Mais, direis vós, quantas vezes hei pedido uma coisa, sem a receber! Quantas vezes tenho batido, sem que se me abrisse! Talvez; mas, antes d'accusardes o Senhor de faltar ás suas promessas, estaes bem certas d'haverdes sempre pedido graças que vos sejam uteis?

Haveil-o sollicitado, depois de procurardes triumphar de tal ou tal tentação, com o *sincero desejo* de serdes ouvidas? Quantas vezes o Senhor vos faria pasmar e até entristecer, se vos concedêra o que lhe pedis, e como pedis! Tendes aproveitado sempre a boa inspiração que vos occorreu em presença do Senhor? Hão sido vossas supplicas acompanhadas d'uma humildade profunda, d'uma confiança illimitada, d'um fervor que nada entibia, d'uma perseverança que nada desanima?

Conta-se de S. Affonso de Ligorio que, havendo chegado uma noite a uma casa de sua ordem, não querendo distrahir seus irmãos que faziam oração, se pôz a passear nos claustros. Os religiosos, como d'ordinario, resavam muito depressa as *ladainhas*. Ouvindo-os, o sancto patriarcha, cheio de tristeza, começou a dizer: *Pobre Jesus! Pobre Maria! como vos tractam!* Quantas vezes os anjos do céu, vendo-nos em presença de Deus, e ouvindo nossas orações, podem repetir a tocante lamentação de Sancto Affonso: *Pobre Jesus! pobre Mariu! como vos tractam!*

Sois fracas, mulheres christãs: muitas vezes aterradas pelas immolações que Deus vos exige, antes de dar-vos o ceu, chega-vos a tentação de perguntar se, para vossas forças, não é o ceu tam difficil d'alcançar, Pois bem: orae como deveis orar: pedí a graça das graças, a de serdes sanctas, e vossa supplica será despachada. A fé não accusa, nem desdenha vossos pretextos: acceita-os. Não; não podemos, sós e com nossas proprias forças, arrojar-nos corajosamente a esses combates terriveis, onde a alma como que deixa uma porção de si mesma, e d'onde sae essa victoria quasi sempre ferida de morte, que se chama virtude. Fiados apenas em nossas minguadas forças, não podemos ser humildes, castos, caridosos e penitentes. Mas podemos pedir a Deus que se digne fazer connosco o que não po-

demos fazer sem elle. Ante elle prostrados, dir-lhe-emos como David, se necessario fôr sete vezes no dia: *Meu Deus, mudae-me! livrae-me de Satanaz, do mundo e de mim mesmo!* Miraculosa virtude da oração! por mim mesmo nada posso, mas acima de mim está Aquelle que tudo póde; e, se invocar seu auxilio, prestará todo o seu poder á minha fraqueza. Dirijo-me a elle por minha oração; elle a mim por sua graça. Sem a oração, apresento todas as fraquezas da creatura; pela oração, torno-me forte com a mesma força do Creador. Se na terra ha sanctos e impios, fracos que succumbem e fortes que triumpham, é porque ha na terra almas que oram, e almas que não oram.

IV

Para a alma generosa que não sómente deseja salvar-se, mas até, cada vez mais, embellezar-se com as galas da virtude, a fim de mais e mais agradar a seu divino Esposo, ha uma oração bem mais efficaz que a commun ou *vocal*; fallo da *oração meditada*.

Os sanctos Padres, fallando-nos da oração, chamam-na a chave do ceu, a escada de Jacob, o azeite que conserva accêsa a lampada do fervor, o espelho das almas que correm após a sanctidade. Considerada como *meditação*, proporciona aos que se lhe mostram fieis todos os recursos d'uma reflexão salutar e de um exame serio. Considerada nos colloquios intimos que a constituem mais essencialmente ainda, tem toda a efficacia

d'uma prece fervente. Eis o que deu motivo a que dissesse Sancto Affonso Maria de Ligorio que responde pela salvação da alma que tiver a generosidade de, todos os dias, consagrar á meditação *um quarto de hora*.

Isto bem se conceba. Só o peccado mortal póde perder uma alma, e é ainda mister que para isso seja ella surprehendida pela morte, antes d'haver obtido o perdão. Ora, o peccado mortal e a oração são tam incompativeis como a agua e o fogo. Não podem subsistir ambos; destroem-se, excluem-se um ao outro. Podemos resar o roزاریo todos os dias, e perseverar no mal; podemos todas as manhãs assistir ao sancto sacrificio da Missa, e conservar habitos peccaminosos. Mas sentirmo-nos gravemente culpados, e perseverar na oração, é impossivel. Seria isso, para uma alma, condemnar-se livremente ao sacrificio atroz, incomprehensivel, de provocar incessantemente na propria consciencia novos remorsos, dando-se ao gosto de abafar os que já lh'a pun-giam. Ou abandonamos a oração, ou saímos do lodaçal do peccado por meio d'uma boa confissão: não ha meio termo; prova-o a experiencia.

A meditação poderia definir-se: *Uma operação interior por meio da qual exercemos, sob o influxo da graça, as potencias de nossa alma sobre uma verdade da religião, para d'este modo conversarmos com Deus, chegarmos a bem conhecer nossos deveres, e a cumpril-os com fidelidade.*

Compõe-se de tres partes que poderemos chamar *preparação, corpo e conclusão da oração*.

A *preparação* póde ser *remota*, ou *proxima*, ou *immediata*. A *preparação remota* consiste n'um grande desejo que sentimos da perfeição, na concentração habitual das potencias da alma, e n'uma vida mortificada. A *proxima* em escolher de vespera n'um livro fecundo e adequado a nossas necessidades espirituaes o assumpto da meditação do dia seguinte, guardar até lá reco-

lhimento interior, e fazer a oração á hora aprazada, que, sendo possivel, deve ser a do levantar da cama. Emfim a *immediata* consiste em começar a oração por um acto de fé viva em presença de Deus, por um acto de adoração, contrição, humildade e confiança.

A oração, propriamente dicta, suppõe primeiro a meditação que consiste em reflectirmos n'uma verdade de fé, compenetrarmo-nos d'ella, para chegarmos, se possivel fôr, á contemplação. Suppõe, sobretudo, esses *colloquios intimos* da alma com Deus e consigo mesma, que a constituem essencialemente. Esses colloquios são provocados pela inspiração resultante da acção de Deus sobre a alma bem disposta, pelo affecto que provem de nossa propria cooperação. E' n'esses colloquios intimos que o amor dos sanctos se manifesta, pelas melodias d'uma sublime puerilidade, e d'uma arrebatadora familiaridade. Regosija-se de que Deus é realmente o que é. Alegra-se de que ninguem ha que a Deus se assimilhe, e exclama como S. Miguel: *Quis ut Deus?* Descansa n'esse dôce extase, depois desperta ao delicioso pensamento de que Deus será sempre o mesmo Deus. Ou então como Sancta Thereza, compraz-se em fazer supposições loucamente amorosas. Como que ousa desejar, que, se fôra possivel, fosse Deus ainda mais perfeito do que é. Dirige ao Todo-Poderoso mil votos, mil felicitações, mil affabilidades sinceras sobre suas perfeições infinitas, sobre sua belleza encantadora, sobre a gloria que lhe advem dos canticos e das virtudes dos justos, das brilhantes acções de seus apostolos, a da conversão dos peccadores. Para realçar ainda esta gloria fórma mil desejos e planos de impossivel realisação. Quizerá que fossem sanctos todos os homens, o purgatorio se esvasiasse n'uma hora, o inferno largasse sua pressa, tivesse toda a humanidade um suspiro d'amor, um

cantico de louvor em homenagem a esse Deus que o arrebatou e inebria.

Para a alma que apenas é piedosa, são estes colloquios mais socegados, mais laboriosos, mas não menos uteis. Assim (para esboçar apenas, por meio d'um exemplo, a sua utilidade), medita uma alma sobre a *bofetada* que Jesus recebeu do escravo. Começa por representar-se esta scena, o lugar onde se passa, as circumstancias que a acompanham, e depois diz ao Salvador: «Quem é que assim vos fere, meu bom Jesus? um escravo! um ser que, na antiguidade, quasi se não reputava fazer parte da humanidade, um miseravel que vindes libertar por meio de tantos soffrimentos, de tantos trabalhos! E porque vos fere? Diz que para punir vossa insolencia! Blasphemia! Punir-vos! a vós, o Cordeiro de Deus! Que crimes são os vossos? Ah! dôce Jesus, vossos crimes são vossos beneficios! Uma bofetada, grande Deus! e não ordenaes á terra que engula o profanador! E sua mão não ficou paralytica! Vossos olhos adoraveis não faiscam, presagos da tempestade! Vossos labios não pronunciam um anathema!

Até repellis a derradeira vingança d'um espirito indignado, o silencio do despreso, para dizerdes dôcemente: *Porque me feres?* Ah! minha alma confunde-se, perde-se, contemplando tanta grandeza em tanta humilhação.» Então reflectindo naturalmente sobre si mesma, e vendo quanto está longe de parecer-se com este divino modelo, esta alma se accusa de seus numerosos agastamentos, de suas frequentes impaciencias, de sua susceptibilidade que a torna, talvez, insupportavel áquelles que a rodeiam. Humilha-se, condemna-se com toda a sinceridade, e pede perdão a Jesus de se lhe assimilar tam pouco em sua incomparavel mansidão. D'ahi vae um passo só a chegar a uma resolução practica, especificada, particular, de se mostrar de futuro mais hu-

milde, menos irascível, fiada mais em Deus que em si mesma.

A conclusão da oração pôde ser como a preparação immediata, proxima, ou remota. A primeira consiste em agradecer a Deus, antes de retirar-se; em offerecer-lhe suas resoluções, e pedir-lhe a graça de ser-lhe fiel por intercessão de Maria. A segunda em aponctar um dos melhores pensamentos que houverem occorrido, durante a oração; em conserval-o preciosamente na memoria, para aspirar-lhe o perfume, durante o dia; eis o que se chama o *ramalhete espirital*.

A terceira, finalmente, consiste em tomarmos nossas precauções para não perder, durante o dia, por ligeireza ou imprudencia, o fructo que houvermos colhido de nossa oração matutina.

Felizes os que, sem desanimar, procuram, todos os dias, no deserto de seu recolhimento, este maná que nutre o fêrvor! attingem seguramente os dous fins da vida, — glorificar a Deus e sanctificar-se a si. Como Moysés no Sinai, conversam com Deus, vendo-o, para assim dizer, face a face, e fallam com elle, como o amigo com o seu amigo: *Facie ad faciem, sicut solet loqui homo ad amicum suum*. D'elles é que, com especialidade, pôde dizer-se que *teem continuamente suas almas em suas mãos*.

Tem, por sem duvida, a oração suas provas; só o ignoram os que nunca a saboreiam. Succede muitas vezes que uma alma, ainda mesmo animada da melhor vontade, se sente immersa em não sei que languidez, que tira a suas potencias todo o imperio: em vão lhes impõe suas ordens: não é obedecida. E' condemnada a gemer, segundo a expressão do propheta, n'uma *terra isolada e sem agua*. Dissipada por distracções sem conto, soffrendo a seccura que gera o desgosto, perdeu, para cumulo de males, a impressão *sensível* da fé, esperança e caridade. Atormentada por não sei que molestias phy-

sicas, augmentadas pelo penoso sentimento de sua inutilidade, e conhecendo-se gelada para tudo o que respeita á devoção, se vê suspensa entre o tempo em que tudo a fatiga e repelle, e a eternidade de que duvida e que a aterra: entre a vida que lhe é pesada, e a morte que lhe causa horror; entre si mesma, onde só encontra tentações e desassocegos, e Deus que lhe causa medo. Emfim, devorada por uma secreta inveja a respeito das almas que vê mais ferventes e mais felizes em derredor de si, sente-se a ponto de succumbir por cansaço ou desespero.

A esta alma desolada, cujo supplicio bem comprehendendo e lamento do fundo d'alma, direi eu com todos os auctores que tractam da materia: *Coragem! estaes no momento supremo da prova; este momento não durará sempre. O Senhor não tardará a derramar sobre vós os effluvios de sua bondade, e a terra de vossa alma produzirá seu fructo. Se agora vos tracta como á Chananêa, é porque crê em vossa perseverança, julgando-vos assás virtuosa para permanecer-lhe fiel, apesar de seus rigores. A união da oração é, muitas vezes, a recompensa da paciência na aridez.*

Demais, que nos importam as suavidades da graça, se a oração nos salva, preservando-nos do peccado? Pois é o que succede: a oração mais efficaz é, d'ordinario, a que nos faz soffrer mais, e d'onde saímos mais desgostosos de nós mesmos. *Tornei-me, Senhor, como um irracional em vossa presença,* exclamou David, *mas não vos deixo, e sempre ficarei convosco.* E Deus do alto dos ceus contemplava com amor sua admiravel felicidade.

Eis o que se dá com a alma que nunca deixa o Senhor, apesar de seus dissabores. Sua oração é um acto d'amor, tanto mais meritorio, quanto mais heroico; e é tanto mais heroico, quanto se immola, ignorando-se

a si mesma, pois que nem tem a consolação de sentir-se. Feliz a virgem que véla, como Magdalena, juncto ao tumulto de Jesus, com um amor que nenhum silencio desespera. Jesus, não tardando a manifestar-se, lançará para ella seus dulcissimos olhos. Se elle a exhorta a combater, proporcionando-lhe esta prova, ajuda-a a vencer, admira-a em seus combates, ampara-a em sua fraqueza, e coroa-a depois da victoria. *Hortatur ut pugnes, adjuvat ut vincas; certamen spectat, deficientem sublevat, et vincentem coronat.*

CAPITULO XI

A piscina e o fogo.

O que importa fazer. — I A confiança se inspira. — A verdadeira confissão. — Que pensará elle de mim? — II A compunção do coração. — A Eucharistia. — III A boa communhão.

Esta piscina onde a alma se purifica, quando tem a desgraça de cair, é o sacramento da Penitencia: o fogo a que ella se aquece para expellir a tibieza ou prevenil-a; é a sancta Eucharistia. A alma generosa e prudente que quer glorificar a Deus por seu fervor, e ter-se uma coroa immortal com seus meritos, banhar-se-á, de quando em quando, n'estas aguas salutaes, e approximar-se-á d'estas chammas vivificantes.

I

Para não expôr-se a mudar em veneno mortal o que lhe deu Deus para cural-a, a mulher prudente e forte, seguindo os conselhos dos sanctos, deve escolher um *director*.

Antes de fazer esta escolha, consulte primeiro a Deus pela oração, e, depois de Deus, sua consciencia.

Verá qual dos padres, approvados pela auctoridade competente, lhe inspira mais confiança, por sua sciencia, experiencia do coração humano e virtudes. Quando a consciencia houver respondido, escolherá *livremente*, sem prender-se por vãos receios, nem embaraçar-se com considerações, meramente humanas. Para que uma alma se preste a abrir-se por fôrma a que consinta que as vistas do padre sondem seus mais se'tretos reconditos, basta sentir-se animada d'uma confiança sem limites: ora a confiança *se inspira, não se impõe*. Irei mais longe, e direi que aquelle que a impõe ou exige raramente a merece; pois nunca o zelo, para ser verdadeiro, terá o direito de se traduzir na mais insupportavel das tyrannias.

A mulhér pia, qualquer que seja sua condição, confessar-se-á sempre para obter, com os bons conselhos e consolações, o perdão de Deus e o augmento de seu fervor, e nunca para agradar a um homem, ou poupar-se a suas censuras.

Feita a escolha com toda a liberdade, muito mais sob os impulsos da graça, que para ceder ás suggestões da natureza, esta alma levará sempre ao sancto tribunal uma *sinceridade perfeita*.

Accusar-se-á humildemente de todas as faltas graves de que se reconhecer culpada, depois de fazer o competente exame.

Rigorosamente fallando, basta isto, e é o estrictamente necessario para que nossas confissões não sejam sacrilegas. Accusar-se-á tambem de todas as faltas e imperfeições ligeiras, para d'ellas obter mais facil perdão, deixal-as já expiadas por esta confissão, e, ao mesmo tempo, a fim de que, fazendo-se melhor conhecida do seu director, possa receber mais segura direcção, e conselhos mais salutaes. Longe de fazer de suas confissões frequentes uma rotina vulgar, que, incom-

modando-a muito, não chegam a resultado nenhum, esta alma generosa examinará também sua indole e genio. A si mesma perguntará se faz, ou não, soffrer ás pessoas que a cercam um martyrio continuo, sem sequer pensar que ha n'isto culpabilidade. Arrancará de seus olhos o véu de que o amor proprio os cobre, para poder vêr-se tal qual é em realidade, e tal qual a julgam aquelles que ella apoquenta e tortura, talvez inscientemente.

Só com estas condições podem aproveitar-nos nossas confissões frequentes. Muitas vezes succede que uma pessoa pia se confessa todos os oito dias, e communga com mais frequencia ainda, sem que se evidencie a menor emenda em seu genio e theor de vida. Qual o motivo d'isto? E' porque, sem penetrar profundamente em sua propria natureza, se accusa d'um modo banal de faltas, que tomadas isoladamente, nada são e apenas motivam uma vaga admoestação; ao passo que, consideradas em seu conjuncto e em suas circumstancias, podem fazer das que a commette uma cruz pesada, e da casa que habita um purgatorio.

Como são raras as almas que sempre patenteiam esta generosa franqueza! Quantas ha das quaes se poderia dizer que a inveja de fallarem de si, e de fazer vêr seus defeitos pelo lado por onde desejam que sejam vistos constitue pouco mais ou menos toda a sua sinceridade!

Quantas ha que se votam á infernal tarefa de surprehender a boa fé dos ministros do sanctuario, para compromettel-os, ou para rir d'elles!

Em nossos dias tudo ha baixado, a fé, como os caracteres e os temperamentos. A religião *humanisa-se*; profanam-n'a, escarnecem-n'a em seus mais sagrados, mais inviolaveis asylos. Ha, infelizmente, por esse mundo, mulheres que abusam escandalosamente do san-

cto tribunal, sendo estes abusos de consequencias funestissimas para ellas, e, ás vezes, para os confessores.

E sem fallar d'estas, que o inferno já fez presa sua, quantas ha, talvez, que em lugar de se levantarem purificadas dos pés do padre, se levantam mais peccadoras, por não haverem tido a coragem de fazer um ultimo esforço, a fim de desembaraçarem a confissão d'um ultimo peccado dos embaraços d'uma mal entendida vergonha!

Pobres almas! ouviram da bôcca do confessor as sagradas palavras da absolvição, viram sua mão levantar-se, em nome de Deus, para perdoar-lhes e abençoal-as; mas, em lugar de se irem com o coração puro e innocente, levam a consciencia abalada por um remorso mais! Se, para não serem notadas, se approximam da sagrada mesa, renovam o crime de Judas, trahindo com um beijo o *Filho do homem!* De dia e de noite, se acaso a fé se lhes não extinguiu de todo, se fará ouvir uma voz mysteriosa a seu coração, que dirá: *Mentiste ao teu Deus! Em vão lhe diriges tuas preces, em vão choras, em vão procuras abafar os brados de tua consciencia. Tuas orações, tuas lagrimas não te obstarão ao vivo pungir do remorso, de que só poderás livrar-te por meio d'uma confissão tanto mais penosa, quanto mais a houveres differido.*

Que pensará de mim meu confessor, dizeis vós; elle que me julgava uma sancta? Escutae. S. João, o discipulo amado de Jesus, dirigia em Epheso um mancebo de grandes esperanças a quem muito amava. Chamado a Roma pelo imperador Domiciano, confiou a direcção d'este mancebo a um bispo, seu conhecido, dizendo-lhe: *Guardas preciosamente o deposito que vos confio.* Regressando a Epheso, depois d'alguns annos d'exilio, o sancto velho pergunta ao bispo pelo joven

*

que lhe entregára. Este responde a chorar: *Ingrato e volúvel, desprezou meus conselhos e desvairou; depois, d'abysmo em abysmo, chegou a commandar na montanha visinha uma quadrilha de ladrões!* Ouvindo tal resposta, o apostolo não pôde conter as lagrimas; monta a cavallo, percorre a montanha, cáe nas mãos dos salteadores, e pede-lhes que o conduzam a seu chefe. Mas este, ao saber quem o procurava, foge, resolvido a esconder-se. Sem cançar-se, o sancto velho lhe vae no encalço, chama-o e estende-lhe os braços. O joven, commovido á vista d'esse rosto tam dôce, cujos cabellos um seculo haviam branqueado, pára, e aproxima-se do sancto que o recebe com extremoso carinho.

O salteador, todavia, como por um resto de vergonha, conserva a mão direita occulta debaixo da capa. *Porque escondes a mão?* lhe diz o apostolo, descobrindo-a, para apertal-a na sua. *Ah! por quem sois,* diz o joven, *não descubraes, nem toqueis esta mão; ella já tem derramado sangue humano!* — *Meu filho,* exclama S. João, *é grande o vosso crime, mas é ainda maior a misericórdia do Senhor!*

Pobre peccadora que o coração desgarrou, e que o coração torna a trazer ao bom caminho, este joven sois vós. Esta mão que elle não ousa mostrar, é esse recondito de vossa alma que vos atemorisa, e que a vergonha quizera sepultar na mais profunda obscuridade. Este apostolo que a descobre para apertal-a, é o padre que a bondade de Christo vos deparou em vosso caminho, não para vos irritar com suas censuras, mas para vos alegrar com seu perdão. Ha, sem duvida, revelações que vos entristecem, mostrando-vos até onde chega a degradação d'uma alma que as paixões dominam; mas tambem n'esses joelhos que se dobram, n'essa cabeça que se abate, n'essas mãos que se junctam, n'essas pal-

pebras que se humedecem, n'esses labios que se abrem para darem passagem a confissões que vos fazem córrar, vemos a grandeza d'alma triumphando da vergonha; vemos o resultado d'uma confiança que nos honra, e a victoria brilhante d'uma graça que nos prediz a resurreição. Espantar-se um confessor! pois ouve elle acaso alguma coisa que não haja ouvido já? Não hão passado por seu coração mil tempestades? Dar-vos elle amargas reprehensões! pois não é homem como os outros? Não tem tambem um pé sobre o abysmo d'onde quer arrancar-vos? Não sabe que, d'um para o outro momento, se a graça divina lhe não assistir, terá que deplorar em si essas faltas que em vós deplora? Não é elle ministro d'esse Deus cuja paciencia nunca se cançou de perdoar? Não: se nossos labios se mostram amargos é para o vicio orgulhoso, para o vicio que ri, que ergue enfatuado a cabeça; mas para a alma que se eleva, humilhando-se; que se purifica, accusando-se, só teremos, como o Salvador para Magdalena, um bom conselho, uma palavra de esperanza, acompanhada do perdão, concedido ao arrependimento.

II

O arrependimento e a compunção do coração; tal é a segunda condição essencial d'uma verdadeira penitencia. E quereis saber o que é o arrependimento? Offenderam-vos gravemente: tendes em vossa mão sufficientes meios para tirar da injuria que vos fizeram

completa vingança. Mas sois paciente; não daes tal passo, e eis que, para conjurar os effeitos de vossa indignação, o offensor vem implorar-vos seu perdão. Que exigis? exigis uma reparação. Importa primeiro que o culpado confesse sua falta, e reconheça que andou mal.

E que mais? Quereis que vos manifeste os remorsos que lhe motivou seu procedimento. Mais nada? Quereis tambem que se mostre firmemente resolvido a corrigir-se para o futuro; pois, sem tal clausula, seria uma irrisão seu pretendido arrependimento. Pois bem! o que, muitas vezes, exigimos de nossos semelhantes para satisfação de nosso orgulho, ou para que se nos não cerceie, com a reputação, a auctoridade, exige-o Deus de nós, não sómente em virtude de sua justiça, mas tambem em virtude de sua essencia. A compuncção é necessaria, porque é necessaria a Deus uma reparação, e esta reparação é impossivel, sem o arrependimento.

Quanto teria eu que dizer ainda sobre tal materia! Quantas vezes uma mal entendida piedade não faz da Confissão um como colloquio, meramente humano, do Sancto Tribunal um lugar de conversação familiar e futil! Quantas vezes uma fraqueza incuravel faz d'este sacramento uma especie de *forças caudinas*, por onde passa, de, quando em quando, quem se confessa, mais por obedecer a uma regra ou costume, do que para *retemperar-se* no fervor e na humildade! Quantos insensatos ha que parecem tentar a Deus em sua justiça e em sua misericordia, contando-lhe insensiveis suas vergonhosas apostasias, como se assistiram a um drama a que são completamente estranhos!

O homem não é avaro de suas lagrimas; é prodigo d'ellas. Derrama-as abundantemente sobre a campã de seus parentes, ou de seus amigos. Um revez da fortuna

muitas vezes, basta para fazel-o chorar de dôr ou de raiva. Sente seus olhos marear-se de pranto ao ouvir a narração d'um infortunio real, e, muitas vezes, até d'uma desgraça imaginaria. E quem ha de por isso censural-o? As lagrimas faceis revelam um coração terno que tem de commum com Deus commover-se facilmente. Nunca sympathisarei com esses homens que nada tem que offerecer-nos, a não ser uma fronte de gelo e um peito de marmore. Amo os homens sensíveis, porque amo os homens de coração. Mas quizera eu que, antes de tudo, déssemos, senão lagrimas, ao menos pesares a quem mais os merece, — a Deus e a nós mesmos.

Tenho visto, meu Deus! — e que coisa ha que no mundo se não veja —, homens que procuram no suicidio o remedio a uma furiosa desesperação. Que lhes succedeu? Que desgraça os feriu? Viram arrasar-se pelo raio, cahido do céu, a casa que os abrigava? Enguliu-lhes a fortuna o mau exito d'uma empresa? Veiu a morte deixar algum vacuo doloroso em suas afeições? Não: estes homens amavam; adoravam um idolo de carne e lodo perfumados. Muito tempo havia que se rojavam a seus pés, dizendo-lhe em sacrilega linguagem: *Adoro-te!* Por premio de tantos sacrificios, apenas buscavam um sorriso que significasse: *Basta: meu orgulho está satisfeito; tu agradas-me: só me resta arruinar-te, porque uma deusa não se contenta com pouco!...* Mas, passados alguns dias, viram elles no rosto d'este mesmo idolo, em seus labios, em seus olhos, um signal que queria dizer: *Já me não agradas; já te não sentas no throno de meu coração, pois comecei de amar um outro, que, com quanto em mais nada se torne a ti preferivel, possui mais dinheiro que tu.* E, de repente, á vista d'este signal, a desesperação e a morte invadiram seu espirito desnortado. Não lhes digaes que contemplem o

céu sereno e limpo, matizado de estrellas, ou o prado, esmaltado de flôres. Não lhes digaes que escutem a avesinha que canta, e a agua que murmura. Não lhes digaes que aspirem o zephíro que faz curvar as searas, e embalsama a vinha que começa de florescer. Não digaes mesmo a um d'esses insensatos, apertando-lhe a mão, e mostrando-vos compassivos pelo estado anormal de seu espirito: *Amigo, coragem! não te apaixonas!* Que lhe importam as estrellas do céu, a relva do prado, as poesias da natureza, as delicadezas da amizade? que lhe importam o mundo e a vida? Amava o seu idolo, ou, antes, amava-se no seu idolo; antes morrer, que viver, e não ser amado!

Nós, porém, pelo contrario, dormimos socegados depois d'haver offendido a Deus. Pouco nos importa que lhe hajamos desagradado vinte vezes no dia; que em sua fronte scintille a cólera, em seus olhos se divise a tristeza! Pouco nos importa que elle nos diga: Já não és meu filho; já não sou teu Pae! Pouco caso fazemos d'essa cruz sangrenta, d'esse Jesus coroado de espinhos, d'essa carne que os tormentos cubriram da lividez da morte, d'esses jorros de sangue, d'esse dulcissimo olhar que parece dizer-nos: *Soffria por ti!* Assim fazia Jernsalem. Ria e mofava das palavras de Christo, desprezava suas ameaças, olvidava seus favores. E Jesus, o dôce Jesus, chorava sobre ella! chorava de que ella não chorasse! Talvez chore tambem sobre nós, porque não choramos; e não choramos, porque não o amamos.

S. Pedro amava-o; por isso lhe dizia em sua humildade: *Retirae-vos de mim, Senhor, porque sou peccador.* David amava-o; é por isso que immortalizou sua culpa e seu arrependimento, cantando em seu leito, regado de lagrimas, o cantico de sua penitencia: *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam!* S. Luiz amava-o; por isso é que supplicava ao Senhor para que

lhe dêsse uma *lagrima de compunção*, que reputaria, dizia elle, um dos mais mimosos presentes d'Aquelle que de tantos beneficios o havia já cumulado!

Mulheres christãs, approximando-vos da piscina, ainda que seja para accusar-vos de vossas vulgares fragilidades, prostrae-vos, um momento, aos pés da Cruz, onde Jesus as expiou. Pedi a Jesus o favor insigne de o amar, e as lagrimas borbulhar-vos-ão, senão dos olhos, ao menos do coração. Pensando só em vossas faltas, e não vos lembrando de vossos titulos, de vossa jerarchia, de vossa fortuna, senão para melhor ponderardes vossa ingratiidão para com o Senhor, que vos era por isso erêdor de maior reconhecimento, dir-lhe-eis com o publicano: *Propitius esto mihi peccatori!* Senhor, sêde-me propicio, porque sou peccadora. O mundo honra-me e sacia-me de homenagens, porque o mundo só vê e estima apparencias; mas, perante vós, ó meu Deus, que perscrutaes os corações, eu me humilho, me reconheço culpada, imploro vosso perdão, e, com vosso perdão, Senhor, a graça de viver de modo que, d'ora avante, menos tenhaes que perdoar-me.

Tal é a linguagem da alma humilde e generosa. Assim disposta, pôde, sem incorrer no feio crime de traição, approximar-se da sagrada mesa, e sentar-se ao banquete dos anjos. Abrindo seu coração ao doce Jesus, a fim de que elle o fortifique e aqueça por sua presença, abre-lhe um sanctuario que elle prefere, para habitar, aos tabernaculos d'ouro; pois o amor busca o amor, e Jesus só se acha bem, quando encontra o amor que o comprehende e lhe corresponde.

III

Preparastes-me um banquete, ó meu Deus, exclama David, para fortificar-me contra os inimigos que me perseguem, e consolar-me nas tribulações que me acabrunham! O que o Senhor fez para com o real propheta fal-o Jesus para com aquelles que desejam permanecer-lhe fieis. Quiz elle, instituindo o adoravel Sacramento de nossos altares, preparar a todos os que se dispõem a segui-lo e imital-o um banquete que os torne fortes ante as proprias fraquezas, e os console nas provas da vida.

N'este augusto Sacramento, por meio d'esta maravilhosa invenção de seu amor, Jesus se nos dá a nós; dá-nos sua carne, seu sangue, sua divindade; vive em nós e vivemos n'elle. *Quem é o povo que póde alegrar-se e gloriar-se d'um tal privilegio? Ah! Senhor, digamos tambem com o Psalmista, porque metamorphose passa o homem a quem d'este modo vos dignaes visitar?* Ao contemplar tal maravilha, o coração extasia-se, a razão espanta-se, mas o coração póde dizer á razão: «Qual o motivo d'esses receios teus, d'essa fraqueza tua? Tu crês na palavra d'um homem, quando o julgas incapaz de enganar-te; pois eu dou illimitado credito á palavra do meu Deus que me diz: *Hoc est corpus meum!* isto é o meu corpo.

Sim, almas fervorosas, temos por garantia d'este

prodigio admiravel, não a palavra d'um homem, sempre fallivel, mas a do proprio Deus, que nem póde enganar-se, nem enganar-nos. Nunca o Salvador foi tam positivo, tam affirmativo, tam sobrio d'explicações, e tam prodigo em repetições, como quando annunciou ao povo que o seguia este grande designio de seu amor. Medindo, para assim dizer, a força de sua linguagem com a opposição que devia encontrar, põe de parte a parábola, não circumda seu pensamento de nuvem alguma. *Sou eu o pão vivo descido do céu; quem comer d'este pão viverá; e este pão que eu der é a minha carne. Aquelle que me come fica em mim e eu fico n'elle. Como póde este homem, diziam os Judeus, dar-nos sua carne a comer?* Jesus que estava presente, ouvia seus discursos e lia seus pensamentos, respondeu: *Em verdade, em verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós; pois minha carne é verdadeira comida, meu sangue verdadeira bebida. Por muito transcendente, torna-se incrível esta linguagem,* exclamam os Judeus; *quem poderá prestar-lhe credito?* Por isso, elles se vão, nos diz a Escripura, elles se vão com o sorriso nos labios, e o sarcasmo na bôcca, como com elles se foram e se irão tantos *espíritos fortes!* Que faz o Salvador? Vae acaso explicar-se? Chama-os para aplacar sua razão revoltada e dissuadil-os do erro em que estavam, parecendo não haver comprehendido o sentido d'aquellas palavras? Nada d'isso. Dirigindo-se ao pequeno numero dos que o rodeavam, mudos e indecisos, diz-lhes: *E vós tambem quereis deixar-me?* como se lhes dissera: *Ouvistes minhas palavras: tomae a resolução que quizerdes: attentae n'ellas taes quaes as ouvistes de minha bôcca; não lhes accrescentarei um jota mais, e não quero discipulos, cuja fé não chegue aqui.*

Mas a fé dos apostolos chegou alli: crêram na pa-

lavra de Deus, e deram por ella a vida, quando a annunciaram ás nações da terra. Esta palavra do Verbo Humanado S. Paulo a repetia aos fieis de Corinto, advertindo-os de que *quem communga indignamente profana a carne e o sangue do Salvador*. Os mysterios d'esta palavra revelava-os S. Justino aos ouvidos dos Cesares; e os martyres se junctavam nas catacumbas para inebriar-se de coragem, inebriando-se de amor ao banquete que esta palavra lhes preparára. A humanidade fez como os apostolos: accreditou na palavra de Deus. Se alguns incredulos riram de sua credulidade, não teve ella o seu riso em conta alguma. Sorrindo d'estes sorrisos, fez, por toda a parte, levantar a Sagrada Mesa; prodigalisou o ouro, os diamantes e as flôres, para cubrir de sombra e de gloria este pão mysterioso de que Christo disse: *Este é o meu corpo*.

E' verdade, Senhor; minha razão desnorteia-se, ao passo que meu coração adora: mas vós o dissestes; e eu creio a vossa palavra, que é a *palavra da vida eterna*.

Creio na vossa presença no sacrario, porque creio no vosso amor.

Amor!... qual o seu character distinctivo! ó da loucura! *omnis amans amens*. Quer seja puro, quer culpável, só lhe falta, para manifestar-se por suas prodigiosas extravagancias, um poder igual á sua intensidade e ás suas aspirações. Os que amaram, por um quarto d'hora que fosse, comprehenderão esta linguagem: os que nunca amaram, admiral-a-ão; mas que aproveita sua admiração?

Qual é a lei do amor? Aspira á união até á unidade. Uma mãe, por exemplo, traz em seus braços o filhinho querido que nove mezes dormiu em seu ventre, e que nutre com seu leite, depois de o haver sustentado com seu sangue. Vêde-a: como responde, cu-

brindo-e de beijos, aos sorrisos d'esse ente, tam querido! Não sabe como exprimir os sentimentos que inundam seu coração, e, muitas vezes, seu amor faz-lhe soltar expressões insensatas. E quando nos querem pintar a dôr mais pungente, qual o quadro que offerecem a nossos olhos, senão o de uma mãe chorando juncto ao leito d'um filho, cujo ultimo sorriso recebeu, depois de o haver em vão disputado aos assaltos da morte?

Ora Deus ama-nos com um amor sem par. Ama-nos mais que mãe alguma amou nunca seu filho, mais que esposo algum amou nunca sua esposa. Por isso bem comprehendendo que haja descido do céu a *habitar entre nós*.

Bem comprehendendo por isso que haja permittido ao homem que o visse, o tocasse e lhe fallasse. Bem comprehendendo essas palavras, cheias de suavidade e consolação, que saíam de seus labios na vespera de seu supplicio: *Non relinquam vos orphanos*. «Não vos deixarei orphãos. Amanhã a mão dos homens tirar-me-á a vida, e traspassar-me-á o coração pelos peccados dos homens. Não tarda que não torneis a vêr minha face, nem a ouvir minha voz; mas consolae-vos. Se fico no meu Evangelho para vos instruir, habitarei em meus tabernáculos para ouvir-vos, escutar-vos, consolar-vos e fortificar-vos. *Non relinquam vos orphanos*. Muitas vezes, no decurso de vossa existencia, contareis, filhos dos homens, dias bem maus, horas bem amargas. Em vão vosso coração, isolado, solitario, buscará em derredor de si um coração puro que o comprehenda, escute e lhe responda: pois bem; eu, vosso Deus, vosso amigo, que conheço todas as vossas angustias, todas as vossas dôres, ahí ficarei para ouvir vossos suspiros, responder a vossas confidencias. *Non relinquam vos orphanos*.

Na terra ha tantas lagrimas para enxugar, tantos corações frios para aquecer, tantas feridas para cic-

trizar: em meus tabernáculos quero eu fazer um throno d'amor, d'acesso facil, d'onde possa estender-vos os braços e dizer: *Vinde a mim, todos vós que gemeis sob o péso de vossas fraquezas e dôres, e eu vos alliviarei.*»

Se Jesus não operára este prodigio, seu poder não teria sido na razão das aspirações de seu amor: mas como tinha um poder infinito para pôr ao serviço d'um coração, dilatado por uma ternura infinda, não me admiro de que houvesse operado este milagre. Era mister o coração d'um Deus para planisal-o, e seu poder infinito para realisal-o. O amor aspira á união, não durante seculos, mas para *sempre*. Qualquer limite lhe causa mêdo: mesmo nos devaneios e orgias do mundo, para dar ao gozo a plenitude, necessita esquecer que acabará um dia. Necessita, para que sejam completos, fazer entrar a eternidade em seus extases. Ora, o amor só tem uma lei, bem como um nome só, no ceu e na terra. Como Deus aspira a unir-se á sua creatura no tempo, assim aspira tambem a unir-se a ella na eternidade; e esta união ineffavel, d'onde resulta a felicidade dos eleitos, é o termo sublime e fagueiro de nossos destinos. Basta esta simples consideração para explicar-nos a maravilhosa instituição da divina Eucharistia.

E que é, com effeito, necessario, para viver a vida de Deus na eternidade? Importa viver a vida de Deus no tempo, conformando com sua lei nossa propria actividade, e praticando a virtude. Qual é a condição da virtude que salva e que faz sanctos? é o amor divino. Quanto mais amarmos a Deus, mais sanctos seremos, porque mais facil nos será a victoria da carne, e escolher, dada a occasião, o que lhe agrada de preferencia. O amor faz inclinar a balança para o lado para onde pesa. Como a sanctidade é a condição de nossa união definitiva com Deus, e o amor de Deus é em nós o principio d'esta união, o movel da sanotidade, o problema a

resolver por Jesus Christo, era este: *Porque maravilha poderei abraçar em mais amor o coração do homem?*

Este problema resolveu-o o Christo, respondendo a si mesmo: *Abrazarei em amor o coração do homem, habitando-o com minha carne, meu sangue, minha divindade, meu coração e meu amor.*

IV

Sim, mulheres christãs, para que a vida só tenha rosas, a fim de que para vós o mundo só tenha sorrisos, disse Jesus a si mesmo, pensando em vossa alma, que devia custar-lhe todas as gottas de seu sangue: «Como seduzir este coração, sempre aberto aos encantos do mundo, a fim de que me fique fiel, e em lugar de correr sempre após de gozos que passam d'uma ventura que não dura, se mova a procurar a verdadeira alegria no sacrificio? Ah! bem sei o que hei-de fazer. Habitarei este coração, eu, o Creador, o fôco do amor, que não é avaro de si, e se prodigalisa. Unir-me-ei a elle em tam íntima união, que minha vida será sua vida. Depois, n'este dôce commercio, dir-lhe-ei, com a eloquencia d'um grande beneficio que lhe faça: Sê meu como eu sou teu. Deixa me aquecer-te ao fogo cujas chammas não matam. Deixa-me conservar-te nas alegrias da innocencia á espera das alegrias da immortalidade.»

Por certo não recusará o que d'elle exijo; e, n'esse caso, ficará forte para resistir ás seducções da serpente, e trilhar, se necessario fôr, a vereda do sacrificio.

Feliz o momento da Communhão! quem poderá des-

crevêl-a? Ao passo que a admiração arrebatava essa alma que se retira modesta e graciosa da mesa sagrada, ao passo que a cobre a confusão, o amor se apossa de seu coração, agita-lhe todas as fibras, excita-lhe todos os affectos, e a introduz na adega da caridade divina. *Introduxit me in cellam vinariam*. Os sentimentos mais opostos se harmonisam com este amor. D'elle possuidos, humilhamo-nos, mas nossa humildade é sem baixeza. Confiamos, mas nossa confiança é sem orgulho. Tememos, mas nosso temor é sem inquietação. Esperamos, mas nossa esperança é sem presumpção. Julgamo-nos indignos, mas offerecemo-nos; quizeramos retrahir-nos, mas damo-nos; prostramo-nos e abraçamos; adoramos e amamos! Amamos, e as paixões se calam ante a paz d'este amor. Amamos, e ante este amor esvaecem-se as mentirosas illusões do mundo. Amamos, e como Magdalena, quizeramos fugir para o deserto com este thesouro, pois o coração está onde está o thesouro, e a vida onde está o coração. Amamos, e dizemos com a esposa dos Cantares: *Dilectus meus mihi et ego illi*. Meu amado é meu e eu sou seu. *Fulcite me floribus, quia amore langueo*. Ornave-me de flores, porque desfalleço de amor. E d'este extase saímos nós, diz S. João Chrysostomo, com a coragem do leão promptos para o combate, armados contra a prova. *Tanquam leones ignem spirantes, ab hac mensa recadamus, facti diabolo terribiles*.

Assim, depois d'haver saciado, por este banquete, aquelles que amou até o fim, Jesus lhes diz: *Surgiteamus hinc*, comò se lhes dissera: «Agora que estão tomadas todas as precauções para prevenir vossa fraqueza, levantae-vos e vamos para o jardim da angustia; talvez vos acheis com força de me seguir.» E S. João, o discipulo que commungou com mais fervor, e que teve o incomparavel privilegio de se achar mais proximo do Divino Mestre, foi tambem o que o seguiu mais longe.

Mulheres piedosas que quereis vencer sempre, e trazer, sem cair debaixo d'elle, o pêso de vossas dores, approximae-vos muitas vezes d'esta sancta mesa, onde a alma se refocilla, o coração se fortifica e se dilata. Ide sentar-vos a este banquete, não só por costume, ou por ser o *dia* que escolhestes para desempenhar-vos do preceito, não para tornar-vos salientes, mas porque vosso coração ahí vos leva, e um sabio director vol-o aconselha. Se vos sentís frias, lembrae-vos de que Deus só de vós exige uma consciencia pura: que elle *vem mais para doentes, do que para os de boa saude*: e direis a Maria Immaculada: «Minhá boa Mãe, é a carne de vossa carne, o sangue de vosso sangue que vou receber, e de que devo nutrir-me! ah! dae-me, por um momento, vosso coração, a fim de que Jesus ahí esteja commodamente encontrando o sanctuario que elle já habitou.»

Concebo que os que não crêem no amor não creiam no sacramento do amor; mas, vós, mulheres christãs, crêdes no amor como a flôr crê no sol que a faz desabrochar, como a ave crê na primavera que provoca suas melodias, como o coração do homem crê no vinho que o regosija e inebria. Abrireis, pois, a bocca para receber o pão do ceu, sem que isso vos espante. E para que espantar-vos? Vossos labios não estão preparados para tam sublimes actos? Nas ondas sagradas da palavra não sae, todos os dias, de vossos labios a verdade que esclarece, o amor que alegra e consola? Qual, pois, o motivo por que a carne transfigurada do Homem Deus não ha de passar pelas portas por onde passam a verdade e o amor que d'elle descem?

Um dia virá em que esta carne adoravel já não será para nós sufficiente alimento. D'ella nos recordaremos como Israel, chegado á terra promettida, se lembrou do maná que o alimentara em quanto atravessava o deserto. A arca sancta conservava n'um vaso d'ouro

a memoria d'este maná; mas o filho d'Abrahão já não se nutria d'elle. Sentado á sombra da parreira ou da figueira, comia em paz os fructos deliciosos da patria.

Assim, depois d'havermos chegado a Sion, após nossa peregrinação n'este deserto da vida, ahí vamos encontrar a sancta humanidade do Christo. Palparemos com nossas mãos essas mãos bemdictas; contemplal-emos face a face. Nossos olhos verão seus olhos adoráveis: seu amor correrá em nossas almas extasiadas; como rio que nunca secca: será então este o banquete dos banquetes, a festa das festas; aquella de que Christo fallava a seus discipulos para fortifical-os contra as duras provas do seguinte dia: *Não beberei mais d'este fructo da vinha, até que de novo o beba comvosco no reino de meu Pae!*

CAPITULO XII

Maria

A simplicidade d'um menino.—I. A Mãe de Deus.—II. Sua grandeza e sua humildade.—S. Christovão.—III. Nossa mãe.—Coração de Maria.—Nutri mihi.—Consagração.

Estava um menino no regaço de sua mãe, que lhe ensinava a fazer o signal da cruz. Depois d'aquellas palavras: *Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto*, a creança, olhando surprehendida para a mãe, diz-lhe: *Fallaes-me n'um Pae, n'um Filho, n'um Espirito Sancto, e não me fallaes n'uma Mãe?* A bocca d'aquella creancinha fôra o órgão do coração de toda a humanidade. E'-lhe necessaria uma mãe, e para não ficar na obra grandiosa da Redempção uma lacuna que teria tirado ao catholicismo a sua maior força de seducção, deu-nos Deus uma Mãe em Maria.

Sem duvida, temos na adoravel pessoa do Salvador uma mediação muito poderosa, por meio da qual podemos offerecer ao Altissimo com illimitada confiança nos-
sos votos, suspiros e acções de graças. Não obstante, Deus sabia que, apesar da mansidão de Jesus, ver-se-iam sempre em seu rosto divino, a par dos raios da magestade suprema, a grandeza que apavora, as manchas de sangue que recordam ao homem sua ingrati-
dão, e podem obstar á manifestação d'essa confiança filial que faz o encanto e o poder da oração.

Para a alma pura é facil e dôce exclamar: *Meu Salvador e meu Deus!* mas para a alma maculada pelas culpas que lhe tiraram a innocencia, quanto mais facil e dôce lhe não é dizer tambem: *Maria, minha Mãe?!*

Quiz, pois, Deus, em sua admiravel sabedoria, collocar entre Jesus e nós, a mulher em seu character mais puro e mais indulgente, — o de mãe. Determinou que a mulher incomparavel á qual elle confiaria este papel tam dôce e sublime, estivesse assás proxima de sua divindade para ser o canal das graças que d'ella recebessemos; e assás distante para poder sem comprometter sua magestade, levar seu amor até á fraqueza e inspirar-nos confiança até ao abandono.

Como seu divino Filho, Maria nos diz a todos, estendendo-nos as mãos, abrindo-nos seu coração, e seduzindo-nos pela doçura de seu olhar: « Vinde a mim, todos vós que gemeis sob o pêso de vossas dôres ou de vossas fraquezas. Vinde com confiança; se vossos olhos humectados de lagrimas pelo soffrimento, ou apavorados pela lembrança de vossas culpas não se atrevem a erguer-se para os de meu Filho, com o receio de divi-
sarem em seu rosto a magestade do monarcha ou a cólera do juiz, levantem-se, ao menos, para os meus que parecem dizer a cada um de vós: *Filho, estás ainda em tempo; abre teu coração á confiança e conta com o meu:*

tenho muito predomínio sobre Aquelle cuja magestade te espanta, e tua oração pôde tudo com aquella que põe sua gloria em mostrar que é sua mãe!

I

Coriolano, nobre senador, depois de haver-se distinguido nos campos da batalha, incorrêra, por sua arrogancia, na cólera do povo romano. Condemnado ao exilio e sobremodo agastado pela ingratidão de seus concidadãos, retira-se a um paiz visinho, atíça os rancores d'aquelle povo contra os romanos, reúne um exercito e jura lavar no sangue de seus compatriotas a affronta recebida. Roma, cujos suburbios já elle havia talado, recorre por fim ao extremo de collocar-se em attitude supplicante. Convoca-se o senado, e é nomeada uma commissão encarregada de levar ao *patricio* vencedor as propostas de paz e de conciliação, mas Coriolano, nem sequer se digna recebê-la. Esperam que a voz da religião seja mais poderosa que a da patria contra sua ira inexoravel, e os sacerdotes saem ao seu encontro, levando na mão o ramo d'oliveira, para implorar a paz em nome dos deuses. Coriolano fica inflexivel. Que recurso restará á fraqueza em face do poder da cólera? Resta-lhe a supplica d'uma mãe. Veturia sae da cidade, e chega ao campo inimigo: Coriolano, reconhecendo aquella que lhe deu o ser, deixa cair as armas, abraça sua mãe, e Roma é salva.

Qual a causa d'este poder?

A mãe é fraca, mas a fraqueza é o primeiro elemento

de sua força. A fraqueza que implora é, muitas vezes, mais irresistível que o poder que ameaça. Sabemos que triumphar da fraqueza não nos importa gloria alguma, e preferimos deixar-nos vencer por ella. Muito bem conhecia por este lado o coração humano um poeta inglez quando dizia: *E' difficil ao homem estar um quarto d'hora em contacto com uma mulher, ou com uma creança, sem sentir-se um pouco mulher e um pouco creança.*

O que constitue especialmente a força d'uma mãe que supplica a seu filho, é despertarem sempre suas supplicas no coração d'este, a não estar elle de todo depravado, e poderosissimo remorso que chamamos *reconhecimento*. Quando a mãe pede alguma coisa ao filho não é sómente sua lingua que pede, é o seio que o trouxe, são os peitos que o amamentaram; são os labios que applicaram na fronte o primeiro beijo; são esses olhos que lhe espreitaram o primeiro despertar, e lhe receberam o primeiro sorrir; são esses joelhos que lhe serviram de regaço, essas noites laboriosas que elle lhe custou, as lagrimas que lhe fez derramar, as commoções e angustias d'um coração que tanto o amou sempre! Quando a mãe pede, tudo isto pede, tudo isto seduz e commove; e tudo cede á moção de semelhante eloquencia.

Ora, se tal é vosso poder, mães da terra, vêde qual será o que deve exercer a melhor das mães no coração do melhor dos filhos?

Vêde-a nas bôdas de Caná; diz apenas: *Elles não teem vinho*; e cala-se. Jesus, por esta simples insinuação, opéra o primeiro milagre, e anticipa a hora marcada por sua providencia para obedecer ainda a esta voz acostumada a *impôr-lhe suas ordens*. No ceu Maria ainda manda. A gloria que a cerca consagra seu poder e corôa suas virtudes. Ella póde pedir ainda, pedir sempre, em favor dos que imploram sua mediação.

Jesus compraz-se em olhal-a com amor, e parece dizer-lhe : «Minha Mãe, ante vossas supplicas inclinar-se-á sempre meu poder infinito. Fallae, fallae com confiança. Vosso seio foi, durante nove mezes, meu immaculado tabernaculo. Em vosso regaço eu me sorria para os pastores de Bethleem, e para os reis do oriente. Vossa mão me conduziu pelo deserto, e vossos braços me sustinham sobre a jumenta que nos levava ao exilio. Esses olhos são os olhos onde, ao exhalar meu derradeiro alento, pude lêr com meus, a par das mais exueis angustias, um amor que não cede á mais intensa dôr. Fallae, minha Mãe, pois não é justo que eu volte a cabeça para não acceder a vossos pedidos.

II

E, notemol-o bem, mulheres christãs, Maria, pedindo a Jesus, não é sómente a maternidade gloriosa que supplica; é tambem a amabilidade perfeita que implora.

Para obter sempre e muito é mister agradar muito e sempre. Ora, de todas as creaturas, é Maria a mais agradável ao Senhor, não só como filha do eterno Pae, mãe do Divino Filho, esposa do Espirito Sancto, mas tambem como o mais acabado typo de todas as bellezas, de todas as graças e de todas as virtudes. D'ella pôde Deus dizer, contemplando-a em amorosa complacencia: *Tota pulchra es, et macula non est in te*. Sois toda bella, e não ha macula em vós. Ouvindo suas supplicas, elle se compraz em prestar homenagem ás suas

virtudes, bem como a seu titulo de mãe, e quer recompensar, sobretudo, sua incomparavel humildade.

Para medir a humildade de Maria, fôra mister medir sua grandeza; para medir sua grandeza fôra mister comprehender as sublimes prerogativas de que se viu cumulada; e prodigiosa fecundidade que resultou para o ceu e para a terra d'estes admiraveis privilegios; e o realce que ella a tudo isto deu pela cooperação gloriosa de suas voluntarias immolações.

É que direi eu de suas prerogativas? Ao passo que Deus costuma distribuir suas graças sempre com medida, e, ás vezes, com parcimonia, para com Maria não conhece medida. Seu coração é um vaso de predilecção que se enche e trasborda com os jorros de perenne complacencia que n'elle derrama o Altissimo: *Ave, Maria, gratia plena*. Ao passo que toda a creatura paga, ao nascer, ao espirito do mal um tributo que a humilha, Maria, por sua conceição immaculada, vê-se izenta de tal humilhação.

Ao passo que toda a creatura recebe a vida do Creador, Maria, para assim dizer, dá-lh'a: ainda mais; evita a maldição das estereis por sua venturosa fecundidade, e a que pésa sobre as fecundas, parindo sem dôres e concebendo sem corrupção. Maria é a obra prima das obras do Todo-Podoroso; e seu coração, segundo e energica expressão de S. João Damasceno, é como uma fabrica de prodigios, *officina miraculorum*.

E que prodigios são estes? Prodigios que fazem de Maria o manancial vivo da humanidade regenerada: Assim como, diz Sancto Ireneu, *Eva, por sua desobediencia, foi para o genero humano a causa da morte, Maria, por sua obediencia, é para si e para o genero humano a causa da salvação. Assim como aquella foi seduzida pelas palavras do anjo das trevas por fórma a que abandonasse a Deus, assim esta foi persuadida pelo anjo*

da luz a obedecer a Deus: Maria foi a advogada d'Eva, e assim como o genero humano ficou sujeito á morte por culpa d'uma virgem, assim tambem por meio d'uma virgem foi elle libertado da mesma morte.

É Tertulliano exprimia a mesma ideia, quando escrevia: *A palavra da mentira, que trazia a morte, saíra do coração de Eva; a palavra da verdade, que traz a vida, soltam-na os labios de Maria, a fim de que uma mulher salvasse o que uma mulher perdêra.* Assim, Eva, por seu peccado, introduziu a morte no mundo; Maria, por sua maternidade, trouxe-lhe a vida. Bem como á mulher, em Eva, coube a iniciativa na quêda, assim quiz Deus que ella, em Maria, a tivesse na reparação. Quiz que, por Maria, a humanidade vivesse em Jesus Christo, bem como, por Eva, morrêra em Adão. *Adão, nosso pae, regosija-te,* exclama S. Bernardo; *mais maior motivo tens tu para regosijo, tu, ó Eva, nossa mãe. Tendo vós sido os progenitores do genero humano, fostes tambem seus parricidas, e, para cumulo de infortunio, parricidas antes de progenitores! Consolae-vos, porém, ambos em vossa Filha! e que Filha!*

Em sua imprudente desculpa, o homem não hesitou em attribuir sua falta á mulher, dizendo: *Aquella que me dêste por companheira offereceu-me este fructo, de que comi!* Porém elle póde agora inverter, em acção de graças, esta criminosa desculpa e dizer ao Senhor: *A mulher que me dêste por mãe, deu-me o fructo da vida, e com elle me regenerou.*

Maria, pois, por sua maternidade divina, via-se collocada nos confins de dous mundos: atraz de si estava o Eden, a serpente, a arvore da sciencia, a prevaricação d'Eva, e, por consequinte, quarenta seculos de trevas, de escravidão, de corrupção; deante de si o Calvario, e, atraz do Calvario, um mundo novo, cuja Mãe ella ia ser! Um mundo novo!... e que mundo! O mun-

do christão, allumiado pela fé, aquecido pelo amor, salvo pela graça. Rainha dos prophetas, via a barca mysteriosa da Igreja aportando a todas as costas, e, por toda a parte, recebendo as almas perdidas. Via as nações apagarem a sêde, umas após outras, nas aguas vivas d'Aquelle que dissera: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida!* Via esses milhões de virgens, de martyres e de sanctos que deviam alegrar o ceu, e edificar a terra pelo espectaculo de seu heroísmo. Via o mundo cubri-se de basilicas, onde as multidões adorariam seu Filho em *espirito e verdade*; esses sanctuarios onde milhares de corações angelicos, alistados sob sua bandeira, entoariam canticos de louvor no meio de puras alegrias e perennes expansões de celeste amor. Oh! foi de vosso coração, ó Maria, que o Propheta disse: *Videbit semen longaevum; videbit et saturabitur*. Verá uma posteridade numerosa; verá e ha de saciar-se. Foi de vós que o Espirito Sancto, vosso Esposo, disse tambem: *Multae filiae congregaverunt divitias; tu supergressa es universas*. Muitas filhas dos homens amontoaram riquezas, mas vós a todas sobrepujastes em munificencia; pois só a vós, ó Maria, devemos Aquelle que tudo nos veio dar!

Que gloria esta! mas que sacrificios não ha custado tambem! Tres vontades deviam cooperar na obra da redempção: a vontade do Padre eterno, *dando seu Filho*; a do Filho, offerecendo-se a si mesmo em holocausto; a de Maria, formando em suas entranhas e entregando-nos esta Victima, que devia salvar-nos. O Pae deu a este Filho as grandezas que lhe estavam inherentes por seu nascimento eterno. A Sancta Virgem, d'accôrdo com a SS. Trindade, deu-lhe, com a humanidade, humilhações e dôres, a fim de que podêsse compadecer-se de nossas fraquezas, partilhando-as, expiar nossas faltas, pagando nosso resgate. Ella não lhe dá a vida, pois elle a tinha gloriosa e eterna; dá-lhe a

mortalidade, dá-lhe a morte! Quando Pilatos disser: *Ecce homo*, eis aqui o homem! quando o Filho de Deus expirar sobre a cruz, Maria, dolorosa testemunha d'este supplicio, poderá dizer: *Elles acabam o que eu começára; fui eu que lhes entreguei a victima, fui eu o primeiro verdugo!* Eis o que deu a Sancto Epiphanio a audacia de dizer: *Dico Mariam esse crucem!*

Não contente com cooperar para a nossa redempção, fornecendo a victima, Maria quiz seguil-a passo a passo no caminho doloroso.

Para salvar o mundo, Jesus devia resgatal-o com seu sangue, esclarecel-o com sua intelligencia, animal-o com seu exemplo; Jesus tinha que fazer-o contrario do que o mundo fazia. Ora o mundo amava a gloria até á loucura do orgulho; Jesus, para cural-o, abraçou a humilhação até ao aniquilamento. O mundo amava as riquezas até aos calculos do mais implacavel egoismo; Jesus, para cural-o, abraçou a pobreza até á nudez. O mundo amava os prazeres até ao delirio da voluptuosidade; Jesus, para cural-o, abraçou a austeridade até á crucifixão. Ora, Maria, para desempenhar, sem desfallecer, todos os encargos da maternidade, tomou parte n'esta triplice humilhação; e isto fez com que dissesse um grande doutor, que nunca filho algum fôra tam pesado a uma mãe, como Jesus a Maria.

Falla-nos a historia d'um gigante que seu arrependimento immortalisou sob o nome de S. Christovão. Havendo-se votado, para expiar suas faltas, á difficil tarefa de transportar a seus hombros d'uma á outra margem d'um rio, todos os caminhanes que lhe pedissem auxilio, S. Christovão ouve bater á porta n'uma noite tempestuosa. Abre, e vê um menino nú e tranzido de frio, pedindo-lhe que o passe para o outro lado. O gigante convida-o a que durma a noite em sua cabana, fazendo-lhe vêr a que perigos se expunha por causa da

desabridez do tempo e escuridão da noite: o menino insiste e quer passar. Christovão, fiel a seu voto, põe-no aos hombros, e rompe atravez das águas e dos rochedos, mas, á medida que se adeanta, o pêso do menino augmenta, e torna-se-lhe insupportavel. O gigante pára e diz ao menino: *Sabes que me pesas tanto como o mundo?* — *Não te admires*, respondeu o menino, *tu levas o Creador do mundo.*

O que S. Christovão dizia ao Menino Deus, com maior razão o póde dizer Maria. Tambem ella trazia um pêso que todos os dias parecia augmentar. Obrigada a abrigar-se n'um presepio, a fugir, durante a noite, por caminhos desconhecidos, a mendigar talvez o alimento no meio de povos estranhos, podia dizer ao menino que trazia nos braços: *Sabes que pesas como o mundo!* E Jesus podia responder-lhe: *Não te admires, minha Mãe; tu levas o Salvador do mundo.*

Maria, por sem duvida, não se queixava, porque o amor que a Jesus consagrava a tornava mais forte que o gigante. Soffria suas dôres e soffria as dôres de seu Filho; mas estas dôres amava-as, pois sabia que martyrisando o Filho e a Mãe, ellas nos salvariam. E quando chegou o dia supremo, em que o sacrificio devia consummar, no meio das mais pungentes angustias, a obra de nossa redempção, Maria, de pé juncto do altar do sacrificio, encontra em seu coração inundado d'amargura, assás força para pronunciar, triumphante de sua dôr, o *fiat* sublime que devia tornal-a a heroica coooperadora do Cordeiro de Deus, que lavava em seu sangue as iniquidades do mundo!

Por certo que se alguma creatura podia ter em algum tempo o direito de reivindicar, na terra, as homenagens e a gloria, esta creatura era Maria; pois nenhuma se viu nunca, como ella, de posse de tal grandeza.

Não obstante, esta grandeza soube ella acugulal-a,

sobrepujando-a por sua incomparavel humildade: triumphou de sua propria gloria, como triumphára de suas dôres. Em todo o decurso de sua admiravel existencia, Maria occulta-se; satisfeita de que a visse o Altissimo, não se arreceia das vistas do mundo, nem procura seus louvores. Meus olhos lá vão encontral-a no presepio, no deserto, no Egypto, em Nazareth, e, emfim, em toda a parte onde a obscuridade abriga, com suas grandezas e virtudes, os rigores de sua pobreza. Mais tarde vou proeural-a no Thabor, no momento em que tanto folgaria de vêr seu Filho' transfigurado; de ouvir a voz do Todo-Poderoso que o chamava *Filho de suas complacencias*; procuro-a alli, mas não a encontro. ~~Mãe~~ privilegiada que Pedro, não tem o prazer de exclamar no meio da alegria, occasionada por esta adoravel visão: *Bonum est nos hic esse*, bom é que estejamos aqui. Sim, vou encontral-a mais tarde, mas no Calvario, juncto da Cruz, n'esse momento supremo em que seu coração só bebe amarguras, e sua humildade não tem que temer-se da gloria! Dir-se-ia que, sempre e em toda a parte, partilhando as homenagens de seu Divino Filho, receia deslustral-as por isso.

Ora, o Todo-Poderoso contou todos os sacrificios d'esta alma tam pura, como heroica; e como não havia elle de galardoar condignamente uma grandeza que assim se olvidou? Ah! em nosso favor póde ella implo-
rar, com toda a certeza de ser ouvida, a misericordia d'esse Filho a quem consagrou tão generoso e gratuito amor. «Vinde, ó Mãe admiravel, lhe diz elle; muito tempo ha que recebo as homenagens dos homens, deramando sobre elles meus thesouros; sêde d'ora ávante gloriosa depositaria d'esses thesouros. Agora toca-vos a vós; semeae os beneficios, mitigae as miserias da terra, e colhei as homenagens, depois d'haverdes colhido às humilhações e às angustias. Vossa gloria é a minha

gloria, e vossas alegrias são as minhas alegrias, porque vossos amores são os meus amores. Pedi, implorae sempre, porque sempre me comprazo em recompensar vossa humildade por um novo favor, manifestando vosso poder por um novo prodigio. *Quia respexit humilitatem ancillae suae, ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes.*»

III

Que ventural! esta Rainha gloriosa, esta Virgem incomparavel, esta Mãe tam poderosa é nossa mãe!

Jesus, pendente da cruz, estava prestes a soltar o derradeiro alento. Abaixando os olhos sobre os que cercavam seu supplicio, distinguii, entre os que o amor lhe tornára fieis até o fim, d'um lado, Maria immaculada, e, do outro, S. João, o discipulo amado, que a todos nos representava n'este momento solemne. Dirigindo-se a Maria, lhe diz Jesus, mostrando-lhe o discipulo: *Mulher, eis ahí teu filho!* Depois, dirigindo-se a S. João e mostrando-lhe Maria, lhe diz tambem: *Filho, eis ahí tua mãe!*

Notastes a delicadeza do Salvador e sua sollicitude por nós n'este momento supremo? Dirigindo-se a Maria, a essa Mãe que, n'esses instantes d'angustia, lhe dava tam evidente prova d'amor, Jesus só para ella tem uma palavra *fria*, e como que *cruel*. Não lhe diz: *Minha Mãe*. Parece que receia, pronunciando esta palavra, aticar ainda o fogo que o abraza. Emprega uma

outra menos dôce: *Mulher*, diz elle, *eis ahí teu filho!* Tracta-a como estranha. Que golpe para o coração de Maria, se o olhar de Jesus não houvera corrigido a amargura de tal palayra! Era por nos amar muito que Jesus se expunha a parecer assim cruel. Parecia dizer: «Mulher, esquece, se pódes, que és minha Mãe, para consagrares todo o teu amor áquelles que te confio. Quanto a mim, volto para meu Pae, e em seu reino ser-me-á superflua tua sollicitude; mas para elles a viagem é difficil, o caminho longo, ericado de espinhos e coberto de perigos: ama-os, como me amavas; vela por elles, como velavas por mim. *Mulier, ecce filius tuus!* Quanto a vós, meus filhos, não tornareis, muito breve, a vêr a minha face; mas não vos deixo orphãos. Deixo-vos ao cuidado d'uma ternura que conheço; deixo-vos minha Mãe; amae-a, como ella vos ama; suas entranhas não vos trouxeram, seus peitos não vos alimentaram, mas, n'este momento, gera-vos na dôr! *Ecce mater tua!*

Comprehendemos todas as esperanças que para nós encerra este testamento do Senhor? comprehendemos o valor do thesouro que nos lega, dando-nos por refugio o coração de Maria?

O coração d'uma mãe! e que mãe! Uma mãe purissima, *Mater purissima*. Ah! mulheres christãs, quereis amar muito? quereis poder amar sempre? Pedi a Maria que conserve vosso coração tam puro como o seu. Fazei-vos respeitar sempre, mesmo apesar de cegos entusiasmos d'um amor que cessa de ser legitimo, quando delira. Lembrae-vos de que uma casta e mutua veneração é o aroma onde o coração conserva sua frescura, e o amor se vivifica. Maria não encontrava para nós tantos thesouros em seu coração, se elle não fôra immaculado; e Bossuet, querendo explicar-nos o ardor dos beijos com que ella cubria a Jesus, diz-nos *que eram*

mais que beijos de mãe, que eram beijos de virgem, ou, antes, que eram beijos de virgem-mãe!

Este coração de mãe não é sómente o coração de mãe immaculada; é também o coração da mãe das dôres, *Mater dolorosa!*

Para alliviar os que soffrem é mister haver soffrido; para enxugar as lagrimas é mister haver chorado; para comprehendermos as angustias intimas do coração e nos compadecermos d'ellas, é mister termos um coração que, muitas vezes, nos fizesse soffrer, por muito compassivo. Ora, d'entre todas as creaturas, Maria é a que mais soffreu; é a que melhor conheceu os soffrimentos, as desolações intimas de nosso coração. Póde até dizer-se que o coração de Maria foi o unico féco de suas dôres, o unico theatro de seu longo e doloroso martyrio.

Lêmos na Escriptura que a filha de Pharaó, havendo descido ás margens do Nilo, para banhar-se alli, viu fluctuar nas aguas do rio um botesinho de junco, e ordenou que lh'o trouxessem. Encantada do lindo e rissonho menino que dentro d'elle encontrou, disse a uma donzella que alli se lhe deparou que fosse procurar uma ama para a criança. Esta donzella era irmã do menino, e este menino era Moysés. Foi, pois, procurar sua mãe, que era a mãe do menino. Esta appareceu logo cheia de jubilo, julgando recobrar o fructo de suas entranhas. Mas qual não foi sua dôr, quando lhe diz a filha de Pharaó: *Accipe puerum istum; nutri mihi?* Toma lá este menino, e cria-m'o para mim: para elle serei como mãe, e para ti será como estranho.

Que ferida aberta no coração de mãe aquella decepção dolorosa! E, não obstante, que é esta dôr, comparada com a angustia que tam cruelmente torturou o coração de Maria? Rainha dos prophetas, sua vista abrangia o futuro. Para seu Filho, viu, por detraz do

presepio, o exilio; por detraz do exilio, a pobreza obscura de Nazareth; por detraz de Nazareth, o poço de Jacob, onde Jesus descansaria, um dia, mais fatigado pela ingratidão e paixões dos homens, do que pela extensão do caminho que percorrera. Mais longe ainda, via no cume d'uma arida montanha uma cruz, e d'esta cruz pendia uma victima! Esta victima, ella a via crescer á sombra do seu amor, cheia de vigor, de graça e de belleza. Recebia d'essas mãosinhas adoraveis caricias que os anjos lhe invejavam; e cada uma d'essas caricias, cada um d'esses beijos, traspassavam seu coração com uma espada mais fria que o frio da morte, com quanto, ao mesmo tempo, lh'o dilatassem em transportes de incomparavel prazer. Ah! é porque visão mysteriosa convertia em terriveis amarguras essas doçuras que agora experimentava.

Deus, confiando-lhe este thesouro, dissera a Maria, como a filha de Pharaó á mãe de Moysés: *Accipe puerum istum; nutri mihi*. Recebe este menino, traze-o nove mezes em teu seio, alimenta-o com teu leite, circumda-o de tua ternura, cria-o, não para ti, mas para mim: preciso d'elle para aplacar minha justiça e salvar o mundo. Lembra-te de que estás criando uma victima para o sacrificio. *Nutri mihi!* Cria-o, não para d'elle fazeres, um dia, o arrimo de tua velhice, nem mesmo para saborear o dôce prazer de vêres, mais tarde, victoriado pela multidão o fructo de tuas entranhas; mas para, um dia, o vêres calumniado, escarnecido, crucificado e morto! Cria-o para o beijo de Judas, para a negação de Pedro, para a bofetada do escravo, para o açoite da soldadesca, para o sceptro de escarneo, para a corôa de espinhos, para a cruz! *Nutri mihi!*

Cria-o, para o seguires; um dia, quando subir o Calvario, cujas pedras tingirá com o sangue de seus pés; para o vêres levar a cruz na via dolorosa, apre-

sentar-te seu rosto cuberto de pó, de sangue e de ignominia, e nutrir suas dôres com as tuas! *Nutri mihi!* Cria-o, para vêres um dia seus pés e suas mãos traspassadas de cravos; para, mais tarde, vêres esse menino, o mais bello dos filhos dos homens, estendido n'uma cruz e despojado de seus vestidos; para contemplanças, em inexprimivel afflicção, suas chagas que se alargam pelos abalos da cruz, contares seus ossos que se deslocam, e receberes em teu coração esse sangue tam puro que lhe déste. *Nutri mihi!* Cria-o, para o contemplanças suspenso no yacuo, debatendo-se na mais cruel agonia, com o corpo alquebrado pelos soffrimentos, a alma torturada por minha justiça, desattendido pelo ceu, e repellido pela terra que o insulta e escarnece!...

Ah! foi n'esse momento que o Cordeiro de Deus, até então silencioso, solta este amargo queixume: *Meu Pae, meu Pae, porque me desamparaste?* A Virgem immaculada ouve esta queixa, este suspiro! Ouve, e seu coração dilata-o uma ternura que não tem limites; como que se solta da prisão que o retém, e vae precipitar-se sobre o coração da victima, para dizer-lhe: *Meu unico e amantissimo Filho, tu não foste desamparado! não vês juncto de ti uma mãe que morre de dôr pelas tuas dôres?* E este coração Jesus o afasta de si mesmo e nol-o dá! *Mulier, ecce filius tuus!*

Por isso não deve maravilhar-nos o culto de que Maria é objecto. Não deve maravilhar-nos vêr a Egreja invocal-a sob todos os titulos; e chamal-a a *saude dos enfermos, o auxilio dos christãos, a consolação dos afflictos, o refugio dos peccadores!*

Quanto a mim, não me surprehende vêr o nauta invocal-a nos horrores da tempestade, o soldado implorar sua protecção antes da batalha, a criança dirigir-lhe suas preces, a juventude confiar-lhe a innocencia,

a idade madura seus dissabores, a velhice seus pezares e suas esperanças. Não me admiro de vêr as collinas de minha querida patria coroadas de templos e sanctuarios erguidos em honra de Maria. Ainda me admiro menos de vêr nossa patria resuscitar no meio de provas que pareciam superiores ás suas forças. *Regnum Galliae, regnum Mariae!* Maria do alto dos ceus vê do Rhêno aos Pyreneus muitos filhos *levianos*, mas vê também muitos filhos que a amam e glorificam mais por suas obras, que por seus canticos.

E tu, Lyon, cujos prodigios de caridade fazem lá ao longe abençoar teu nome mais que os milagres de tua industria, dize-me, porque é que, quando a peste assola as outras cidades, tu dormes em paz sem te arreceares do halito do negro flagello? Ah! é porque no alto da collina, a cuja sombra este livro foi escripto, teus olhos podem contemplar com amor uma Mãe poderosa, que, estendendo para ti suas bemdictas mãos, parece dizer-te: «Descança, antiga e religiosa cidade; não se apodere teu coração do terror, e abra-se á confiança, porque eu, tua Mãe, sobre este throno magnifico que devo a teus piedosos enthusiasmos, velo por ti no momento em que passar o anjo exterminador.»

Rainha gloriosa, Mãe amantissima, sêde-nos propicia. Lançae amorosos olhos sobre o Pontifice, cujos oráculos infalliveis vos deram esse accrescimo de gloria, proclamando ao mundo inteiro vossa mais gloriosa prerogativa. Muito tempo ha que, como vosso divino Filho, sobe, levando sua cruz, o aspero caminho do Calvario: fazei que a tempestade se aplaque depressa, se acalmem as ondas de suas tribulações, e seu calix seja tam dôce, como seu coração. Abençoe, ó boa Mãe, esta França, que um de vossos reis vos consagrou. Protegei sempre e esclarecei os que receberam ou conquistaram a sublime e difficil missão de governar sua ex-

huberante actividade. Fazei que sempre elles contem entre seus mais bellos triumphos aquelles que mais redundarem em gloria de vosso divino Filho; que nossos heroicos soldados honrem sempre a cruz por sua virtude, como sabem conquistal-a por seu valor; e que possa ainda dizer-se como no tempo de Godofredo ou de Carlos Magno: *Gesta Dei per Francos*. Abençoaê, ó boa Mãe, aquelle que escreveu este livro sob vossos olhos, e aquellas que o lerein com indulgencia. Amparae-as em suas fraquezas, consolae-as em suas dôres, enxugae suas lagrimas; e fazei, sobretudo, que seu coração exhale sempre o perfume das tres flôres que mais amaste,—o lirio, a violeta e a rosa,—a fim de que de cada uma d'ellas possa dizer-se o que disse o Espiritô Sancto d'uma mulher que, por suas virtudes, belleza, dedicação e heroismo, se tornou famigerada: *Tu és a gloria de Jerusalem, a alegria de Israel e a honra de nosso povo. Tu gloria Jerusalem; tu laetitia Israel; tu honorificentia populi nostri!*

FIM.

INDICE

	Paginas
PROLOGO DO TRADUCTOR	v
CAPITULO I. . . — <i>Quanto a mulher deve amar a Jesus.</i> A mulher é mais piedosa que o homem.— I. Sua triste sorte, se Jesus não reina em seu coração.—II. Sua reabilitação por Jesus.— III. Seu parentesco com Jesus pela fraqueza. — IV. Pelas dores. — V. Pela necessidade d'amar	3
CAPITULO II. . . — <i>A mulher generosa e a mulher avara.</i> O amor constante, ainda que não sejam gran- des, mas sim continuos, os serviços, as de- monstrações d'esse affecto.—I. A piedade generosa.—II. A piedade em equilibrio.— III. A tibieza.—IV. O frio me afugenta .	20
CAPITULO III. . . — <i>A devota amavel.</i> O fructo ahi não destróe a flór.—I. As não affaveis.—As voluveis.—As susceptiveis.— II. As colericas e desabridas.—As habeis.— III. As pequenas virtudes.—Sogra e nora.— IV. As que se não casam, ou não casaram. —Amabilidade de Jesus	35
CAPITULO IV. . . — <i>A mulher que se enriquece e a que se arruína.</i> Eu não sou iconoclasta.—I. Piedade esteril. —II. Piedade fecunda.—Missão da mulher. —III. As obras cheias.—Melania.—IV. Meio de as tornar cheias.—Daes-me prazer	55
CAPITULO V. . . — <i>A mãe e o filho.</i> Que encanto é este?—O berço.—Os grandes caracteres.—II. O que póde uma mãe.—O	

INDICE

	Paginas
peccado original florescendo.—III. O sacrificio.—O amor maternal.—IV. A mulher timorata.—A benção . . .	73
CAPITULO VI.— <i>A mulher e a desventura.</i> Seu destino e aptidões.—I. Ella justifica a Providencia.—II. Regosija seu coração.—Os jantares.—O vestido azul.—III. Uma troca magnifica.—Thabita	93
CAPITULO VII.— <i>A mulher frivola.</i> A toilette.—I. Fim dos vestidos.—Verdugos do corpo.—II. Cumplices das paixões.—III. Artifices da mentira.—As velhas que parecem novas.—IV. A moda.—Inimiga do pobre.—Da sociedade.—V. As elegantes	112
CAPITULO VIII.— <i>A mulher miraculosa.</i> A lingua.—I. Malicia de S. Francisco de Sales.—Perigos.—II. Mau calculo.—Cinco confessores n'uma manga.—Senhoras novas.—III. A maledicencia.—A inveja.—Vãos pretextos.—IV. Funestas consequencias. .	132
CAPITULO IX.— <i>A desposada de Christo.</i> A virgindade.—I. Os tres votos.—O verdadeiro poder.—II. O jugo suave.—III. Como se vê Jesus.—A folha de rosa. .	150
CAPITULO X.— <i>A virgem prudente e a virgem louca.</i> Os inimigos.—I. Conhece-te-a ti mesmo.—II.—Lucta que se trava.—A grande guerra.—III. A oração.—IV. Methodo de orar.	171
CAPITULO XI.— <i>A piscina e o fogo.</i> O que importa fazer.—I. A confiança se inspira.—A verdadeira confissão.—Que pensará elle de mim?—II. A compuncção do coração.—A Eucharistia.—III. A boa communhão .	194
CAPITULO XII.— <i>Maria.</i> Simplicidade d'um menino.—I. A Mãe de Deus.—II. Sua grandeza e sua humildade.—S. Christovão.—III. Nossa mãe.—Coração de Maria.—Nutri mihi!—Consagração	213

ERRATAS

Paginas	Erros	Emendas
20	Amor	amor.
20	... ainda que não sejam grandes, serviços, etc.	... ainda que não sejam grandes, mas sim conti- nuos, os serviços, etc.
83	... como que	como o que
99	... calçar	... calcar
104	<i>mae</i>	<i>meae.</i>
112	VI.	IV.